



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Luíza Salgado Mazzola

A francofilia de Dom Pedro II no processo criativo de seus manuscritos

Florianópolis
2022

Luíza Salgado Mazzola

A francofilia de Dom Pedro II no processo criativo de seus manuscritos

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Literaturas.

Orientador(a): Prof. Sergio Romanelli, Dr.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mazzola, Luiza Salgado

A francofilia de Dom Pedro II no processo criativo de
seus manuscritos / Luiza Salgado Mazzola ; orientador,
Sergio Romanelli, 2022.

154 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Literatura, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Dom Pedro II. 3. Manuscritos. 4.
Processo Criativo. 5. Francofilia. I. Romanelli, Sergio.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Literatura. III. Título.

Luíza Salgado Mazzola

A francofilia de Dom Pedro II no processo criativo de seus manuscritos

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 16 de setembro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Luciana Wrege Rassier, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Maria Lucia de Barros Camargo, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Kelley Baptista Duarte, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal do Rio Grande

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Literatura

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Sergio Romanelli, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2022.

Dedico esta tese à minha avó,
Therezinha de Jesus Souza Salgado,
e à minha mãe,
Iransy de Souza Salgado.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Irany, ao meu irmão, Bruno, ao meu padrasto, Gino, à minha avó Therezinha, ao meu tio Roberto e demais familiares, por todo o apoio e incentivo de sempre. Obrigada por sempre acreditarem em mim e por todo o encorajamento na busca pelos meus objetivos.

Ao meu orientador, Prof. Sergio Romanelli, pela orientação sempre precisa e diligente e por toda a confiança e suporte ao longo dos últimos 8 anos, desde meu período como bolsista de Iniciação Científica. Seus ensinamentos foram muito além do âmbito acadêmico e sou-lhe muito grata por toda essa jornada.

A todos os professores e professoras com quem tive a honra de aprender, por todo o aprendizado e amor com que desempenham a profissão e por toda a inspiração para seguir em frente.

Aos colegas do NUPROC, por tanto aprendizado e por todas as trocas que tanto enriqueceram minha formação e esta tese.

A Herver, Jonathan, Sheila, Daniela, Max, Carlos, Mathias, Alieska, Carol, Pietra, Mateus, Serlen, Daniel, Danny, Victor, Helena e Aline, por todo o suporte e incentivo, e pelos momentos de descontração sempre necessários. Vocês tornaram esse período muito mais leve e amo vocês de todo o coração.

À Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Literatura, que sempre se mostraram disponíveis e empenhadas em orientar os discentes.

À FAPESC, por todo o fomento necessário para o desenvolvimento desta pesquisa ao longo dos 4 anos de doutorado.

À UFSC, por ter sido meu segundo lar nos últimos 10 anos.

Ao CNPq, pelo financiamento do projeto do Núcleo de Estudos de Processo Criativo (NUPROC).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

“A consciência não me acusa de poupar seja o que for para o progresso de minha Pátria, e ainda espero prestar-lhe bons serviços, porque muito posso estudar para isto.”

(ALCÂNTARA, 1890, s.p.)

RESUMO

O objetivo principal da presente tese é ilustrar e definir a francofilia do imperador do Brasil Dom Pedro II através da análise de seus manuscritos em francês. Essa análise foi realizada através do estudo dos manuscritos do Imperador que compõem o corpus desta pesquisa, documentos que fazem parte do acervo do Museu Imperial/IBRAM. São manuscritos do imperador que trazem marcas de processo criativo, e a análise consiste em examinar manuscritos selecionados com base em critérios de significância e em uma metodologia de fechamento de amostra para pesquisa qualitativa. A pesquisa conta com o arcabouço teórico de áreas distintas, como a Crítica Genética, os Estudos Culturais e os Estudos Literários, de autores como Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Jacques Revel, Joan Scott e Zilá Bernd. A pesquisa tem também por objetivo, em um âmbito mais amplo, delinear a relação do imperador com a França e com a cultura francesa através de sua produção literária e tradutória, evidenciando uma francofilia híbrida, além de proporcionar mais visibilidade a um material histórico antes ignorado e inacessível ao público em geral.

Palavras-chave: Dom Pedro II; manuscritos; francofilia.

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to illustrate and define the francophilia of the Emperor of Brazil Dom Pedro II through the analysis of his manuscripts in French. This analysis was carried out through the study of the Emperor's manuscripts that make up the corpus of this research, documents that are part of the collection of the Imperial Museum/IBRAM. These are manuscripts kept by the Emperor that bear marks of the creative process, and the analysis consists of an examination of manuscripts selected based on a significance criteria and a sample closure methodology for qualitative research. The research relies on the theoretical framework of different areas, such as Genetic Criticism, Cultural Studies and Literary Studies, by authors such as Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Jacques Revel, Joan Scott and Zilá Bernd. The research also aims, in a broader scope, to outline the emperor's relationship with France and with French culture through his literary and translational production, evidencing a hybrid francophilia, in addition to providing more visibility to a previously ignored historical material. and inaccessible to the general public.

Keywords: Dom Pedro II; manuscripts; francophilia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Manuscrito de um dos fólhos da tradução de <i>Poésies hebraïco-provençales</i> , elaborada por D. Pedro II.....	33
Figura 2 – Transcrição do poema <i>Le papillon et la fleur</i> , de Victor Hugo.....	34
Figura 3 – <i>Cascatinha da Tijuca</i> (s.d.), de Nicolas-Antoine Taunay	55
Figura 4 – Aclamação de Dom Pedro II no Rio de Janeiro (1839), de Jean-Baptiste Debret.....	57
Figura 5 – Gravura de Jean-Theodore Descourtilz.....	71
Figura 6 – Carta enviada por Jules Verne ao imperador D. Pedro II.....	95
Figura 7 – Manuscrito do soneto de Hélène Vacaresco acompanhado de duas traduções para o português elaboradas pelo monarca.....	99
Figura 8 – Manuscrito de poema traduzido para o francês por Constant Hennion..	105
Figura 9 – Manuscrito da tradução da liturgia <i>Poésies Hebraïco-Provençales</i>	108
Figura 10 – Transcrição e tradução de poema de autoria do Imperador.....	111
Figura 11 – Transcrição e tradução de poema de Rigaud.....	117
Figura 12 – Transcrição e tradução de poema de autoria do Imperador.....	120
Figura 13 – Transcrição e tradução de poema de General Carnot.....	126
Figura 14 – Transcrição de poema em francês de Sully Prudhomme acompanhado da tradução para o português.....	132
Figura 15 – Transcrição de romance de François Fénelon.....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização cronológica dos manuscritos do dossiê genético.....	38
Quadro 2 – Manuscritos que não foram situados temporalmente.....	40
Quadro 3 – Soneto de Hélène Vacaresco acompanhado de tradução.....	99
Quadro 4 – Transcrição do poema <i>Chanson bohémienne</i> e tradução.....	112
Quadro 5 – Transcrição do poema <i>Le magistrat</i> de Rigaud, e respectiva tradução.....	118
Quadro 6 – Transcrição do poema <i>À morte do Príncipe D. Affonso</i> e respectiva tradução.....	121
Quadro 7 – Transcrição de poema de General Carnot e respectiva tradução.....	127
Quadro 8 – Transcrição de poema de Sully Prudhomme e respectiva tradução.....	131
Quadro 9 – Transcrição de poema <i>La Grande Ourse</i> , de Sully Prudhomme e respectiva tradução.....	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de documentos segundo o tipo de texto.....	41
Tabela 2 – Quantidade de documentos por período/ano.....	41
Tabela 3 – Quantidade de documentos por autor.....	41
Tabela 4 – Quantidade de documentos de acordo com a finalidade.....	42
Tabela 5 – Quantidade de documentos por tradutor.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	CRIAÇÃO EM PROCESSO: EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA	22
2.1	ESTUDO DO PROCESSO CRIATIVO.....	22
2.2	EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE NA GÊNESE LITERÁRIA.....	24
2.3	VESTÍGIOS DA MEMÓRIA NA CRIAÇÃO.....	28
2.4	METODOLOGIA DE FECHAMENTO DA AMOSTRA.....	31
3	BRASIL E FRANÇA NO SÉCULO XIX	44
3.1	A REPÚBLICA LETRADA FRANCESA COMO MODELO CULTURAL.....	44
3.2	A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA.....	51
3.3	INSPIRAÇÃO, EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	63
4	D. PEDRO II, POETA E TRADUTOR DO FRANCÊS	73
4.1	D. PEDRO II E A LÍNGUA FRANCESA	75
4.2	VIAGENS À FRANÇA.....	78
4.3	O MONARCA E A LITERATURA FRANCESA.....	81
4.4	LITERATURA E EXÍLIO.....	87
5	ANÁLISE DOS MANUSCRITOS DO IMPERADOR	91
5.1	CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	91
5.2	ANÁLISE DOS MANUSCRITOS.....	92
5.2.1	Carta de Jules Verne recebida pelo imperador.....	92
5.2.2	Poema de Hélène Vacaresco traduzido pelo monarca.....	97
5.2.3	Poema <i>La Chanson des latins</i> traduzido pelo monarca.....	104
5.2.4	Tradução das <i>Poésies hébraïco-provençales</i>	107
5.2.5	<i>Chanson bohémienne</i> , poema autoral do monarca.....	110
5.2.6	Poema de Rigaud, <i>Le magistrat</i> , traduzido pelo imperador.....	114
5.2.7	<i>À morte do príncipe D. Affonso</i> , de D. Pedro II.....	119
5.2.8	Soneto de General Carnot.....	125
5.2.9	Soneto de Sully Prudhomme.....	129
5.2.10	Excerto de <i>Les aventures à Télémaque</i> , de François Fénelon.....	135
6	CONCLUSÃO	140
	REFERÊNCIAS	149

1 INTRODUÇÃO

Os 66 anos de vida do Imperador do Brasil D. Pedro II foram cercados de fatos históricos e políticos, repletos de eventos sociais, viagens pelo mundo e interações pessoais sobre os quais historiadores, biógrafos e pesquisadores de diversas áreas como Lilia Schwarcz (1998) e Roderick J. Barman (1999), e outros se debruçaram ao longo dos mais de 100 anos que nos separam do período em que viveu. Dentre as pesquisas desenvolvidas a respeito de diversos aspectos da pessoa do monarca, destaco aqui aquelas relacionadas à sua produção cultural, uma produção que, até muito recentemente permanecia quase que totalmente ignorada. Refiro-me, mais especificamente, a seus esboços de traduções e poemas de autoria própria, materializados na forma de dezenas de manuscritos escritos em diversos idiomas.

Desde a infância, o imperador demonstrou inclinação por atividades relacionadas às línguas e à literatura, como o aprendizado de idiomas, tradução e escrita de poemas. Além de ter sido um ávido leitor, o monarca também se dedicou à escrita de diários pessoais, registros que manteve desde a juventude até o fim de sua vida, um material que, juntamente com seus manuscritos tradutórios e literários, formam parte do acervo do Museu Imperial, no Rio de Janeiro. Esses documentos constituem uma importante fonte de pesquisa para a presente tese.

Durante o século XIX, período em que o governante viveu, a capital do Brasil era a cidade do Rio de Janeiro, o centro de um país recém-libertado da metrópole portuguesa. Enquanto muitos dos países latino-americanos eram governados por caudilhos e viviam imersos em guerras civis, o Brasil permanecia em um regime de governo monarquista que gozava de relativa paz, uma das últimas monarquias restantes no Ocidente (RICUPERO, 2018). Outra característica importante do Rio de Janeiro do século XIX, além de seu status de capital brasileira, foi a profunda influência europeia que afetou a cidade no período, que se traduziu em traços da cultura francesa presentes em inúmeros aspectos da sociedade carioca da época (LUZ, 2004), como a arquitetura, as artes e a cultura.

O monarca, profundamente afetado por esse peculiar e híbrido contexto sócio-histórico do Brasil no século XIX, sofreu forte influência da língua e da cultura francesas, desde tenra idade. O contato com a França não se limitou ao idioma, já que D. Pedro II estabeleceu relações com inúmeras personalidades francesas/francófonas e teve a oportunidade de visitar o país pelo menos três vezes.

A França se tornou seu lar no exílio após a queda da monarquia brasileira e o subsequente estabelecimento da República no país, e foi também o local de seu falecimento, no ano de 1891, onde recebeu um funeral com honras.

A presente pesquisa foi resultado da análise de dois aspectos dicotômicos de Dom Pedro II: um deles, sua experiência como indivíduo, que já é, em si, heterogêneo, pois D. Pedro II, embora tenha um papel histórico principal de imperador, transita na História também como um literato e mecenas das artes, frequentemente utilizando o nome de Pedro de Alcântara. A partir dessa duplicidade de papéis, de imperador e de incentivador da cultura, é importante que sejam levadas em conta características pertencentes a ambos os papéis, e de que forma essas características afetam sua produção literária. O termo “francofilia” indica uma forte inclinação pela língua e pela cultura francesas, característica que pode ser observada em diversos aspectos de sua vida e sua criação, e que também influenciou seu fazer literário. Essa francofilia foi construída através de um longo processo influenciado por aspectos pessoais, formativos, históricos, linguísticos e socioculturais, delineados na presente tese.

Tive contato com as digitalizações dos manuscritos literários e tradutórios do monarca ainda em 2014, quando ingressei no NUPROC¹ (Núcleo de Estudos do Processo Criativo) como bolsista de Iniciação Científica. Durante meu período como bolsista de IC do núcleo, tive a oportunidade de entrar em contato com pesquisas realizadas por meus colegas do grupo. As pesquisas empreendidas tinham como objeto de estudo documentos que traziam traduções de línguas como o italiano, o espanhol, o árabe, o sânscrito e o alemão, para citar algumas. Ainda, os trabalhos do NUPROC são desenvolvidos sob o eixo dos estudos em Crítica Genética, com análises do processo criativo. Essa afiliação está também aqui presente, embora de maneira mais interdisciplinar, com a intenção de trazer uma dimensão mais heterogênea à pesquisa, de forma a dar conta do objeto de estudo de minha pesquisa.

Seguindo os passos de meu orientador e de meus colegas do núcleo, durante a Iniciação Científica, dediquei-me a aprofundar algumas pesquisas pontuais sobre alguns dos manuscritos, mas o que sempre me interessou foi a relação aparentemente íntima do monarca com a língua francesa, simbolizada pelo grande

¹ **Site do NUPROC:** <http://www.nuproc.cce.ufsc.br>

número de manuscritos existentes no idioma. A investigação empreendida por mim logo tomou novos contornos e passou a ser centrada na aproximação entre França e Brasil no século XIX, no jogo de relações e influências existentes entre esses dois países e de que forma esse vínculo teria afetado a produção literária do monarca. Essa pesquisa deu origem a meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido no final de 2015, e norteou meu projeto de mestrado, que teve como eixo central uma catalogação dos manuscritos em língua francesa do monarca, dando origem à minha dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2018.

Esta tese representa, portanto, a etapa final em uma trajetória que teve origem em 2014, e que vem se aproximando gradualmente de seu ponto central: a existência de uma francofilia historicamente construída em D. Pedro II, e seus contornos e características. Na presente pesquisa, parti de um ponto inicial mais externo aos manuscritos, os aspectos sociais e históricos que ligavam Brasil e França, com o objetivo de compreender os principais aspectos da dinâmica mundial que fez com que a influência francesa desembarcasse no lado de cá do Atlântico e ditasse tendências e movimentos literários durante o século XIX. Em seguida, passei a analisar os movimentos históricos que contribuíram para dar origem ao conjunto de manuscritos de D. Pedro II, movimentos que resultaram em uma inclinação francófila da parte do monarca, em uma análise mais próxima do texto.

Essa análise me permitiu esboçar um panorama de suas relações literárias, dos escritores e poetas com quem conviveu e com quem se correspondeu, trocando poemas, traduções e textos, especialmente no período do exílio. Um corpus predominantemente composto por poemas de escritores franceses, em geral, autores mais centrais da literatura francesa, muitos dos quais eram membros da Académie française, afinal, embora D. Pedro II fosse um homem culto e letrado, era também um homem de seu tempo, influenciado por obras e autores de mais prestígio e consagração no meio literário. De certa forma, o corpus constituído em minha pesquisa de mestrado representa uma pequena amostra do sistema literário francês de sua época, com raras exceções simbolizadas por autores menos conhecidos ou dotados de características mais ligadas à margem da literatura da época. Sendo assim, esta tese foi desenvolvida sob um viés que é fundamentado no processo em si, na questão do processo de criação de D. Pedro II, mas pautada na relação de suas criações com sistemas múltiplos que se entrecruzam, a saber, a cultura, a literatura e a história.

Trata-se, portanto, de um procedimento analítico que combina dois aspectos distintos: 1) o primeiro, quanto ao seu objeto de estudo, a saber, seus manuscritos em francês analisados em conjunto, e; 2) o viés teórico, que se utiliza de teorias relacionadas à gênese literária propriamente dita e seus aspectos, mas também dos aspectos extratextuais, como questões históricas e sociais que perpassam essa criação. Dessa forma, os textos traduzidos são considerados mais que traduções, mais que exercícios linguísticos ou de aprendizado, são frutos de seu processo criativo ligado à sua francofilia, materializações dessa característica. A tese central desta pesquisa é, portanto, de que há uma francofilia historicamente construída em D. Pedro II, e que essa francofilia se evidencia em seus manuscritos, material no qual me apoio para definir as principais características da inclinação do monarca pela língua e cultura francesas.

Com relação à estrutura da pesquisa, os capítulos da tese abordam tanto aspectos ligados à uma perspectiva mais ampla do assunto (aspectos sócio-históricos) quanto aspectos ligados à análise textual (dos manuscritos), porém, o que coloco em destaque é, prioritariamente, a articulação entre esses dois conjuntos de aspectos com um enfoque especial na construção histórica da francofilia do imperador. Após essa análise mais detalhada do processo criativo de D. Pedro II em relação à língua francesa, retorno, finalmente, para fora do processo, com o objetivo de refletir de forma crítica a respeito do papel da francofilia do monarca em seu projeto de promoção da cultura brasileira no exterior.

O desenvolvimento da presente tese está dividida em quatro capítulos, o primeiro dos quais é dedicado à importância da experiência do sujeito no fazer literário, já que no caso de D. Pedro II, vida e obra estão imbricados de forma indissociável, sendo sua produção literária o resultado de suas vivências como governante e literato francófilo, entre outros aspectos de sua vida. Trata-se, portanto, de destacar a relevância das circunstâncias do autor e enfatizar a relação íntima entre a existência dos manuscritos analisados na presente tese, não de forma a explicá-los através de sua vida, mas de considerá-los como partes de um sistema mais complexo e denso de relações de poder na política, na literatura, e de relações históricas estabelecidas de forma independente da atuação do imperador, mas que certamente o influenciaram. Além de ressaltar a importância da experiência e da subjetividade do indivíduo no fazer histórico e no estudo da memória, o capítulo 2 também delinea a abordagem metodológica adotada para o fechamento da amostra

analisada no capítulo 5.

O capítulo 3 traz uma caracterização do panorama histórico e cultural dos dois principais países aqui analisados e da relação entre ambos no século XIX. Assim, pretendo ilustrar o quão interligados esses países estavam no século XIX, um vínculo cultural, social e histórico entre nações, mas que fomentaria a relação individual do monarca com a França ao longo de sua vida. Ressalta-se também que a relação estabelecida entre os dois países constituía um sistema de mão dupla, mecanismo compreendido pelo imperador e usado por ele para disseminar uma imagem positiva do Brasil no exterior, através da construção de uma identidade nacional letrada de seu país de origem.

O capítulo 4 trata da biografia intelectual do monarca D. Pedro II, mais especificamente, à sua relação com o aprendizado e uso da língua francesa, seu contato com a literatura francesa, conforme anotações de seus diários e manuscritos de tradução, suas viagens à França e seu período de exílio no país. Esse capítulo pretende ilustrar partes constituintes de sua subjetividade pertinentes à sua francofilia, de modo que seja possível compreender o papel de sua experiência como indivíduo em seu processo criativo e de que forma esses aspectos podem ter influenciado sua gênese literária. Para tanto, as referências consultadas foram: 1) algumas biografias do monarca, de autoria de Lilia Schwarcz (1998), Roderick J. Barman (1999), Heitor Lyra (1977) e outros; 2) livros de história e artigos que tratam do período do Império e da relação Brasil e França, entre outros; 3) os diários do imperador, que fornecem uma perspectiva mais íntima e pessoal de suas próprias experiências enquanto sujeito (ALCÂNTARA, 1999).

Por fim, o quinto capítulo é dedicado à análise propriamente dita das digitalizações de manuscritos cedidas pelo Museu Imperial/IBRAM que compõem a amostra delimitada para esta pesquisa. Busca-se, com a análise do processo criativo do monarca, ancorar a francofilia do imperador nos documentos analisados, sua relação com a língua e a cultura francesas, além de mapear seu contato com personagens da França e seu intento em tirar proveito do sistema de validação cultural mundial para alçar a cultura brasileira ao prestígio mundial. Em outras palavras, trata-se de analisar a atividade realizada pelo monarca sobre o texto em questão e de sua significância com relação à caracterização de sua francofilia. Com base nessas escolhas e decisões, é possível perceber quais foram os critérios observados pelo monarca em seu processo criativo e de que forma esse processo

se deu, se existiram campanhas únicas ou múltiplas de escrita do mesmo texto, se houve reescrita dos poemas, observância de uma forma poética específica, manutenção ou alteração da métrica e do esquema de rimas, entre outros aspectos.

Em suma, o que pretendo com a presente tese é apresentar, através da análise dos manuscritos francógrafos de D. Pedro II, a articulação entre três instâncias distintas e importantes relacionadas ao imperador: 1) a instância linguística e cultural, a saber, sua relação com a língua e a cultura francesas; 2) a instância criativa, ou seja, a produção literária e tradutória advinda de seus contatos com a literatura francesa e com escritores e intelectuais com quem se correspondeu; 3) a instância que concerne a construção da identidade nacional do Brasil.

De forma mais ampla, fica evidente que o projeto pessoal de promover a identidade brasileira assumido pelo imperador passava, inevitavelmente, pelo contexto cultural mundial e pelas tensões nele presentes. A consciência do monarca acerca do funcionamento do sistema cultural mundial, aliada à sua francofilia, característica construída historicamente por aspectos externos a ele, mas também cultivada ao longo de sua vida, são fatores que influenciariam de forma decisiva os seus esforços para alavancar a produção cultural brasileira e promovê-la no exterior, tarefa da qual o monarca se encarregou consciente e voluntariamente, e que buscou cumprir mesmo após o fim de seu reinado e subsequente exílio, até o fim de sua vida.

2 CRIAÇÃO EM PROCESSO: EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA

2.1 ESTUDO DO PROCESSO CRIATIVO

A análise empreendida nesta tese é balizada por áreas de conhecimento distintas, mas afins, com elementos advindos da Crítica Genética, da Teoria Literária e dos Estudos Culturais. Essa associação de fundamentos teóricos tem a finalidade de apresentar uma pesquisa abrangente, já que a tese central aqui tratada, a francofilia historicamente constituída do imperador D. Pedro II e suportada por seus manuscritos, é atravessada por uma multiplicidade de fatores. Com relação ao estudo dos manuscritos, recorro à Crítica Genética como aparato teórico que objetiva examinar um material historicamente ignorado, dada a tradição na literatura (e em outras artes) de se rejeitar o rascunho e qualquer vestígio que desse a ver a natureza instável, imperfeita e trabalhosa da obra literária. No caso do imperador D. Pedro II, o que ocorre é o grande enfoque dado à atuação política do monarca e à sua importância histórica, enquanto seus documentos manuscritos tendem a ficar ocultos (SOARES; SOUZA; ROMANELLI, 2013, p. 11).

Reside aí a importância da Crítica Genética como principal viés de pesquisa, por conta de sua tradição no estudo do processo criativo contido em manuscritos do século XIX, precisamente o objeto de estudo desta tese. A amostra fechada para análise representa um objeto de estudo bastante típico da Crítica Genética, remontando às suas origens: projetos de traduções e de escrita autoral, sem vistas a uma obra acabada. Neste caso, o estudo do processo criativo sob o prisma da Crítica Genética se torna peça fundamental na ilustração da francofilia historicamente constituída do monarca D. Pedro II, já que é em seus manuscritos e no processo criativo neles contido que essa francofilia se materializa, dando a ver uma rede de relações presentes nos documentos e por eles ampliada.

Grésillon (1991, p. 11) sublinha, a respeito da Crítica Genética, a origem de um caráter de metodologia rigorosa, que prevê o estabelecimento de um conjunto de documentos que antecedem a obra acabada com principal fonte de investigação. A esse conjunto metodologicamente constituído, dá-se o nome de “prototexto”, e inclui rascunhos, notas, bilhetes, cartas, quaisquer documentos relacionados ao processo criativo do autor que culminam e/ou se relacionam com a obra “acabada”. Essa relação teórica com a obra acabada/publicada não deve ser um fator limitante para o

estudo do processo criativo, que pode ser investigado independentemente da existência de um suposto ponto final ao processo na forma de publicação.

Cada dossiê genético constituído para estudo deve ser compreendido como um sistema semiótico único, como defende Ferrer (2002, p. 203), o que significa dizer que não há uma metodologia única que possa ser aplicada a todos ou à maioria dos dossiês genéticos existentes. É necessário, pelo contrário, que se leve em conta as particularidades de cada dossiê genético constituído para pesquisa, pois é o próprio dossiê que indicará, através de suas particularidades e características, o método de análise a ser seguido. Os manuscritos de D. Pedro II representam um objeto de estudo típico do início dos estudos em Crítica Genética, disciplina que tem origem nos anos 60 do século XX, com a primeira empreitada do estudioso Louis Hay e seu grupo de pesquisadores que se dedicaram a explorar os manuscritos de Heinrich Heine no *Centre national de recherche Scientifique* (CNRS), na França (GRÉSILLON, 1991, p. 9).

A investigação genética empreendida pelo grupo de Louis Hay ocorre em um momento em que autores como Roland Barthes e Michel Foucault começam a questionar a figura monolítica representada pela obra acabada, através do questionamento da própria noção de autor e de atribuição de sentido ao texto. A discussão toma fôlego e se amplia, em conjunto com desenvolvimentos em outras áreas de estudo, como a própria Crítica Genética, viabilizando estudos de vestígios que não se relacionavam com a tradição filológica, disciplina que pretendia o estabelecimento de um documento original e suas variantes. Pelo contrário, a nova tendência dentro dos Estudos Literários não visa hierarquizar documentos, e sim articulá-los de forma que se permita ver, na medida do possível, a construção de uma obra, ou, ainda, o próprio processo criativo de um autor ou artista.

Através dessa articulação de documentos, apoiados por outras referências que possam fornecer informações sobre os itens examinados e sobre o autor, o estudo da Literatura ganha uma nova dimensão, em que já não se descarta rascunhos como rejeitos menores ou registros de fracassos e erros. Nessa nova perspectiva, os vestígios ganham importância na medida em que podem ajudar a elucidar ou mapear um processo tão intrigante quanto o da criação literária. O olhar científico e metodológico para os manuscritos renova o campo da Literatura, complementando e enriquecendo o que já se sabe e o que já se leu.

A natureza híbrida e complexa do processo criativo impossibilita uma reconstituição completa de todos os fatores envolvidos nele, bem como suas circunstâncias espaço-temporais. Todavia, essa restrição não impede que um pesquisador se debruce sobre uma obra para estudar sua gênese, já que os vestígios do processo criativo podem, em maior ou menor medida, fornecer pistas importantes para mapear um percurso de construção e desenvolvimento de suas tendências francófilas. No caso do imperador D. Pedro II, esses vestígios estão localizados em dois conjuntos de documentos históricos: os manuscritos literários do monarca e seus diários, mantidos desde seus 15 anos de idade até a sua morte, em 1891.

O fato de esses documentos serem mantidos pelo monarca, manuscritos e diários que contêm também transcrições, poemas autorais e traduções, são um indicativo de que havia um interesse do imperador em salvaguardar esses registros, seja por questões pessoais ou históricas. Esses documentos formam uma rede de elementos que ganham significado na medida em que se relacionam uns com os outros, pelo conteúdo, pelo período, pela origem ou por sua finalidade última. Os registros nos diários de viagem, por exemplo, permitem que os manuscritos possam ser situados em uma linha temporal e podem indicar em quais momentos da vida do imperador os esboços de traduções foram elaborados, como uma espécie de inventário de seu processo criativo. Assim, a exploração do material não fica restrita aos manuscritos, já que se estende também às anotações do monarca em seus diários, fazendo com que esses dois conjuntos de documentos dialoguem entre si.

É necessário, portanto, analisar essa rede de elementos em toda sua complexidade, ao mesmo tempo em que se aceita uma provável incompletude, o que não inviabiliza a análise, mas deixa aberta a possibilidade de que novos estudos e aprofundamentos revelem outras informações a respeito dos documentos, contribuindo assim para a construção de conhecimento relacionado a D. Pedro II e sua faceta francófila.

2.2 EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE NA GÊNESE LITERÁRIA

Este subcapítulo se dedica a apontar a importância de se levar em conta a subjetividade do indivíduo que cria, da importância da sua experiência e de suas vivências. O lugar de destaque em que a experiência e a subjetividade do criador

são colocadas vem de um olhar que julga esses elementos como sendo fundamentais para a análise aqui proposta. Meu posicionamento é fruto de leituras que me auxiliaram a formular uma maneira de abordar o objeto de estudo aqui discutido e analisado. Dentre elas, o conceito de escalas proposto pelo historiador francês Jacques Revel.

Em sua obra *Jogos de escalas: a experiência da microanálise* (2010), Revel propõe um estudo histórico que não se concentre somente em fenômenos maciços ou de longa duração, e sim em assumir uma escala de observação em que a análise da micro história possa fornecer variáveis novas e enriquecedoras para a análise da macro história. Não se trata, portanto, de percorrer novamente uma trilha já percorrida, mas de tentar completar o macro através do estudo do micro. Ou seja, trata-se de abordar um processo social através da vida de um único homem, neste caso, o imperador D. Pedro II, sob um aspecto único, sua francofilia e produção literária relacionada, para compreender e restituir à História Brasileira aspectos novos e/ou pouco aprofundados. Essa noção se fundamenta, principalmente, na tese de que sua francofilia é um traço construído historicamente, que dá origem, ao longo de sua vida, a uma produção tradutória e literária capaz de amparar a hipótese central desta pesquisa.

Parte-se, então, ao estudo da micro história. Nas palavras de Revel, "o que está em jogo na abordagem da micro história é a convicção de que a escolha de uma escala peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento" (REVEL, 2010, p. 438). Uma redução do campo de análise, como faço nesta tese ao dar enfoque a um aspecto muito específico da sociedade brasileira no século XIX e à relação de D. Pedro II com esse aspecto, permite que se ponha em relação diferentes dimensões da experiência social do indivíduo em questão para que sejam integradas. É, portanto, através da observação das fibras que se pode compreender o tecido social e histórico de um período, razão que justifica que se abarque, nesta tese, fatores mais amplos e de efeito coletivo, para, em seguida, proceder à análise mais pontual e individual da criação literária de D. Pedro II e de aspectos de sua biografia.

Além de Revel, recorro também a Bourdieu (1983) e sua sistematização do conceito de *habitus* como um dispositivo que aponta para uma reflexão a respeito da

experiência biográfica posta em relação com uma identidade social, algo que orienta um indivíduo. Nas palavras do autor, *habitus* é entendido como

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as *experiências passadas*, funciona a *cada momento como uma matriz de percepções*, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p. 65)

Trata-se, portanto, de um dispositivo mediador entre as condições sociais, em meio às quais o indivíduo existe, e suas práticas, tornando possível examinar certas características de indivíduos expostos a determinadas condições. De forma mais aprofundada, pode-se pensar também o mundo social a partir de Bourdieu para analisar o que ocorre na construção da francofilia de D. Pedro II e sua manifestação, a partir dos três tipos de conhecimento teórico enunciados por Bourdieu. A respeito do conhecimento fenomenológico, por exemplo, o autor o define como sendo “[...] a verdade da experiência primeira do mundo social, isto é, a relação de *familiaridade* com o meio familiar, apreensão do mundo social como mundo natural e evidente, sobre o qual, por definição, não se pensa, e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade.”

Com relação aos conhecimentos objetivista e praxiológico, Bourdieu define:

O conhecimento que podemos chamar de *objetivista* (de que a hermenêutica estruturalista é um caso particular) (que) constrói relações objetivas (isto é, econômicas e linguísticas), que estruturam as práticas e as representações práticas ao preço de uma ruptura com esse conhecimento primeiro e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem ao mundo social seu caráter de evidência e natural [...] Enfim, o conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* (que) tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. (Bourdieu, 1983, p. 46-47)

Assim, o *habitus* é um instrumento conceitual que tem o potencial de conciliar a realidade exterior, social, e a realidade individual. De forma mais sintética, pode-se apontar o *habitus* como um sistema composto por uma configuração estruturada do social que é capaz de orientar e estruturar a mente. Esse processo se dá através das experiências práticas dentro de determinadas condições sociais, a partir das

ações cotidianas. As práticas individuais seriam fruto da mediação entre a conjuntura externa e o processo estruturante da mente dos indivíduos, já que há uma relação estruturante estabelecida entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido.

Isso ocorre de forma consciente, mas também inconsciente. Em outras palavras, um indivíduo encapsula uma síntese de seu contexto social e histórico, o que faz com que a interioridade do indivíduo se relacione também com a configuração social externa, duas instâncias que se relacionam e se alimentam. Desse modo, em lugar de uma construção fixa e permanente, a relação entre *habitus* e a conjuntura é construída de forma contínua, orientando disposições e preferências de grupos expostos a determinadas circunstâncias sociais que não são necessariamente homogêneas e coerentes entre si.

Em outras palavras, o indivíduo é influenciado pelo contexto, e pode também ter o potencial de influenciar o contexto, algo que é particularmente notável na figura de D. Pedro II, que ocupa um lugar de destaque na História do Brasil, além de ter desfrutado de um potencial de alcance muito maior do que a maioria dos indivíduos. Entendo, assim, os vestígios de sua criação e memória (na forma de documentos manuscritos e diários) como produtos ligados às suas práticas individuais, orientadas pela mediação entre sujeito e conjuntura proporcionada pelo *habitus*.

Norbert Elias ecoa, de certa forma, a noção de *habitus*, embora em uma abordagem um pouco distinta (ELIAS, 1994). O autor aponta para uma concepção de *habitus* em que a sociedade e os grupos nela presentes são como lugares de interações e de redes que se comunicam. Desse modo, quaisquer relações entre indivíduos que tenham lugar na configuração social apresentam também uma relação interdependente, conjugando aspectos pessoais e sociais, exatamente o que se propõe como objeto de estudo ao cruzar fontes de informações da vida de D. Pedro II, o registro íntimo dos diários, seus manuscritos literários, cartas enviadas e recebidas, e biografias e livros de História.

Reside aí a necessidade de se examinar os registros de D. Pedro II a partir dos conceitos de micro e macro história e de *habitus*, como instrumentos conceituais que permitam que se entreveja os efeitos da conjuntura nas práticas individuais do monarca representados em seus manuscritos. Ainda, para a figura de D. Pedro II, esses documentos contam uma história pessoal, orientada por aspectos que advêm de seu contexto sócio-histórico e cultural, todavia, por conta de sua posição de

estadista, trata-se também de uma história coletiva, uma relação entre dois contextos identitários e culturais distintos, considerando-se a influência francesa no Brasil. Assim, a história do Brasil e sua história pessoal se entrecruzam e caminham juntas, e, portanto, o objeto de estudo de minha pesquisa envolve não apenas o indivíduo D. Pedro II, mas a constituição de uma identidade nacional e a relação estabelecida entre duas nações pensadas a partir de um sujeito.

2.3 VESTÍGIOS DA MEMÓRIA NA CRIAÇÃO

Tendo refletido a respeito da relação do indivíduo com a cultura e com a história, com enfoque especial no entrecruzamento entre micro e macro história, passo a uma questão igualmente importante, munida da crença de que o corpus é, além de criação literária com fins estéticos, o registro da memória de um indivíduo. Em outras palavras, o que se cria e o que se guarda a partir da criação são registros do que se viveu. No caso de D. Pedro II, essa noção é particularmente importante em dois aspectos: 1) permite olhar para os documentos de esboços de traduções como o lugar onde desembocavam suas inclinações e o gosto pela tradução, pelo aprendizado de línguas e pela poesia, e; 2) permite que se compreenda os manuscritos de autoria própria como uma instância criativa em que o monarca poetizava acontecimentos de seu cotidiano, como será discutido mais à frente.

É através da análise dos documentos pessoais de D. Pedro II que se busca uma história oculta, através de manuscritos que foram escritos, e, finalmente, relegados ao invisível. Com a noção de que o discurso histórico tradicional é organizado por uma práxis que prioriza o coletivo, busco, nesta tese, um ponto de vista mais referencial, tendo a experiência do indivíduo como eixo, enquanto sujeito inserido em um espaço e tempo sócio-históricos. Para tanto, é necessário que se examine o objeto de estudo sob diversos pontos de vista, examinando, especialmente, características e pertencimentos relativos ao monarca (relações e afiliações com o mundo exterior) e de que forma esses pertencimentos constituem sua personalidade e influenciam sua ação sobre o mundo. No entanto, não se pode dizer que D. Pedro II é uma figura invisibilizada pela História, muito pelo contrário, já que o monarca foi objeto de diversos livros de história e biografias escritos ao longo dos cerca de 130 anos que nos separam de seu falecimento. Embora suas biografias contem sua história de vida de forma bastante detalhada, o enfoque

principal é, de modo geral, em sua atuação como estadista, enquanto a produção tradutória e literal fica em segundo plano, ou é mencionada como uma curiosidade ou mera anedota.

Partindo do que coloca Joan Scott, "o indivíduo como ponto de partida do conhecimento", aponto os processos de construção do sujeito como apontados pela autora (1998, p. 301), as relações entre discurso, cognição e realidade e a relevância da localização dos sujeitos, ou seja, sua posição em relação ao que produzem. Scott aponta a prática frequente de se obliterar tudo que diz respeito ao emissor, ignorando o poder e a política que estão contidos em seu conhecimento e em sua experiência.

Considerando que esta pesquisa trata, sobretudo, de um retorno ao passado com vistas à restituição de parte da história coletiva e da história de um indivíduo, a experiência desse indivíduo é essencial para o esforço de conectar memória e história. O papel da análise dos manuscritos consiste em expor processos que constituem e inserem o sujeito no tempo e na história, empreitada que busca verticalizar a pesquisa literária e histórica para tentar compreender as relações discursivas através das quais um sujeito constitui e afirma sua identidade. Portanto, é a partir do ponto em que se cruzam o social (coletivo) e o pessoal (individual) que se torna possível decompor figuras monolíticas historicamente constituídas, como é o caso do imperador D. Pedro II, e examinar os fragmentos dessa desconstrução.

Em conjunto com essa noção, evoco o que propõe a pesquisadora Zilá Bernd, que trabalha, dentre outros temas, com as associações entre a memória e a literatura, a identidade e a cultura. De acordo com Bernd, uma perspectiva transdisciplinar a serviço do estudo da memória permitiria abarcar a complexidade disciplinar representada pela questão da memória (BERND, 2013, p. 26 -27), entendendo-a como um processo, algo que se busca. Esse viés de análise convida a pensar nos reflexos da pesquisa da memória a partir de uma perspectiva que torna visível o sujeito, e mais, que o torna centro do estudo das circunstâncias sociais, históricas e culturais de seu tempo. O que Joan Scott e Zilá Bernd tem em comum é a ideia da aproximação com a memória do sujeito como forma de compreender questões adjacentes, fugindo da universalização objetivante da pesquisa que enxerga apenas o macro e não o micro, invisibilizando experiências, como a de D. Pedro II enquanto tradutor e poeta.

Destaco que, embora Joan Scott proponha que se repense o fazer histórico a partir das questões de gênero, algo que foge do escopo desta tese, seus pressupostos ligados à questão da objetividade e da universalidade da pesquisa histórica estão diretamente relacionados ao tema aqui examinado. A autora aponta o caráter múltiplo da realidade e a complexidade das identidades, e que, frequentemente, o que não é coerente com o que se esperava do objeto estudado é muitas vezes omitido ou mascarado para que esse objeto pareça lógico. Portanto, um dos objetivos desta tese é justamente o de que, ao abarcar a experiência do sujeito aliada ao momento sócio-histórico em que estava inserido, seja possível demonstrar uma face menos conhecida do sujeito, colocando em destaque a heterogeneidade de sua personalidade. No caso de D. Pedro II, essa face é a de sua francofilia, evidenciada por seus manuscritos, registros que podem ser compreendidos como uma lembrança de sua francofilia, do que a construiu e de suas manifestações.

Outro conceito apontado por Bernd (2013, p. 148) que se coaduna com a pesquisa aqui empreendida é o de nomadismo intelectual. A autora recorre a Rachel Bouvet, pesquisadora da Universidade do Québec em Montréal, para caracterizar o nômade intelectual, indivíduo que descobre tradições, comunidades, autores e obras de outras culturas e que as revisita de forma contínua. D. Pedro II pratica o nomadismo intelectual com diversas culturas além da francesa, sendo esse um traço de sua personalidade que é frequentemente citado e admirado por pessoas com quem o imperador teve contato. A exemplo do estudo da francofilia de D. Pedro II, o mesmo tipo de análise poderia ser feito colocando o monarca em relação com diversos núcleos linguísticos, sociais e culturais que atraíram seu interesse ao longo de sua vida.

Elementos de outras culturas permearão seus vestígios manuscritos, seus diários e sua biografia de maneira indelével, assim como ocorre com sua francofilia. Sua memória cultural e linguística é despejada nos manuscritos ano após ano, articulando-se com sua própria jornada pessoal, e sem abandonar suas origens. Pelo contrário, é através de sua posição privilegiada como monarca que sua francofilia é construída ao longo de sua vida, influenciada por diversos fatores, e resulta em um registro físico dessa relação cultural.

É, portanto, através da contextualização da experiência do indivíduo que se torna possível apreender a complexidade da identidade do monarca, não para

explicar a produção literária através da vida, mas para ressaltar a importância das experiências do sujeito e a ligação dessas experiências com o processo criativo que deu origem aos manuscritos aqui analisados. A discussão desenvolvida neste capítulo teve o objetivo de ilustrar os principais conceitos que orientam a análise proposta nesta tese: o estudo da micro história do indivíduo como forma de compreender a macro história, como postula Revel, e o entendimento do *habitus* como colocam Pierre Bourdieu e Norbert Elias, instrumento conceitual particularmente importante para pensar sobre o processo de construção da francofilia de D. Pedro II como fruto da mediação do *habitus* entre conjuntura e prática individual.

Ainda, recorri aos pressupostos teóricos de Joan Scott e Zilá Bernd para guiar a questão da subjetividade e da memória relacionadas à francofilia de D. Pedro II, relação que se materializa em seus documentos manuscritos, tanto literários quanto pessoais. Considerando a experiência, a subjetividade, a identidade e a memória como elementos essenciais para examinar a francofilia de D. Pedro II através de seus manuscritos, busco desenvolver uma análise dos documentos que vá além dos aspectos textuais, em busca da memória e da experiência, inevitavelmente imbricadas na criação e ligadas à construção da francofilia do monarca.

2.4 METODOLOGIA DE FECHAMENTO DA AMOSTRA

A constituição do corpus foi baseada em uma seleção de documentos, em outras palavras, uma amostragem para pesquisa qualitativa a partir da discussão proposta por Fontanella et al (2011). Os autores discutem a questão da suficiência da amostragem em pesquisas qualitativas com base na saturação teórica. Nas palavras dos autores:

“Fechar’ a amostra significa definir o conjunto que subsidiará a análise e interpretação dos dados. Nas amostras não-probabilísticas (intencionais), tal definição é feita a partir da experiência do pesquisador no campo de pesquisa, numa **empíria pautada em raciocínios instruídos por conhecimentos teóricos da relação entre o objeto de estudo e o corpus a ser estudado**” (FONTANELLA et al, 2011, p. 389, grifo meu)

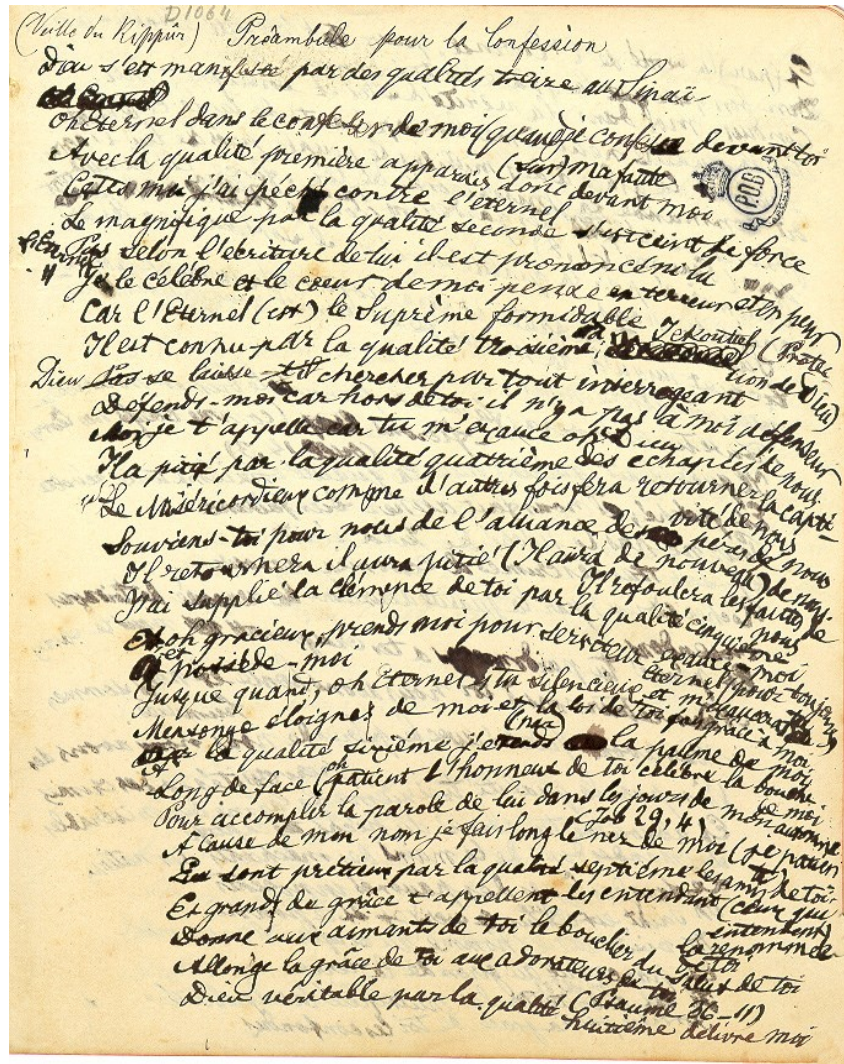
Considerando que a presente análise trata justamente de uma amostra intencional com o objetivo de dar suporte à construção da francofilia de D. Pedro II,

uma amostra fechada levando-se em conta a saturação teórica da pesquisa constitui um recorte ideal. Segundo os autores, o processamento de novas informações e de coleta de dados para subsidiar a teorização almejada pode tornar-se redundante a partir de certo ponto, momento em que se interrompe a coleta para fechar a amostra com vistas à análise e interpretação dos dados (FONTANELLA, 2011, p. 389).

Sendo assim, os documentos selecionados seguiram dois critérios principais para serem considerados e incluídos na amostragem analisada, o primeiro sendo que os manuscritos deveriam, obrigatoriamente, ter alguma ligação com a francofilia do monarca. Caso estivessem adequados ao primeiro critério, seriam analisados à luz do segundo critério, a saber, um critério de significância com base em pesquisas empreendidas a respeito de cada documento. Isso significa que cada documento se relaciona com a francofilia de maneira muito particular, e, em conjunto, dão suporte à proposta de ilustrar e definir essa francofilia.

Os manuscritos foram selecionados a partir da organização e catalogação feitas na ocasião de minha pesquisa de mestrado (MAZZOLA, 2018). De modo geral, os documentos que compõem o corpus são fólios escritos à mão, em geral com tinta, mas estão presentes também algumas marcações, correções e supressões à lápis. Os fólios estão, em sua maioria, amarelados pelo tempo. A caligrafia presente em alguns dos manuscritos é similar àquela dos diários do imperador, o que indica que foram escritas por ele próprio. No entanto, alguns dos manuscritos apresentam uma caligrafia muito mais rebuscada e precisa, diferente da caligrafia do monarca, o que indica que o imperador fazia uso do serviço de copistas. Também são frequentes as anotações à lápis com a caligrafia do monarca em meio aos fólios escritos pelas copistas. Abaixo, é possível observar exemplos dessas ocorrências.

Figura 1 – Manuscrito de um dos fólhos da tradução de Poésies hebraïco-provençales, elaborada por D. Pedro II.

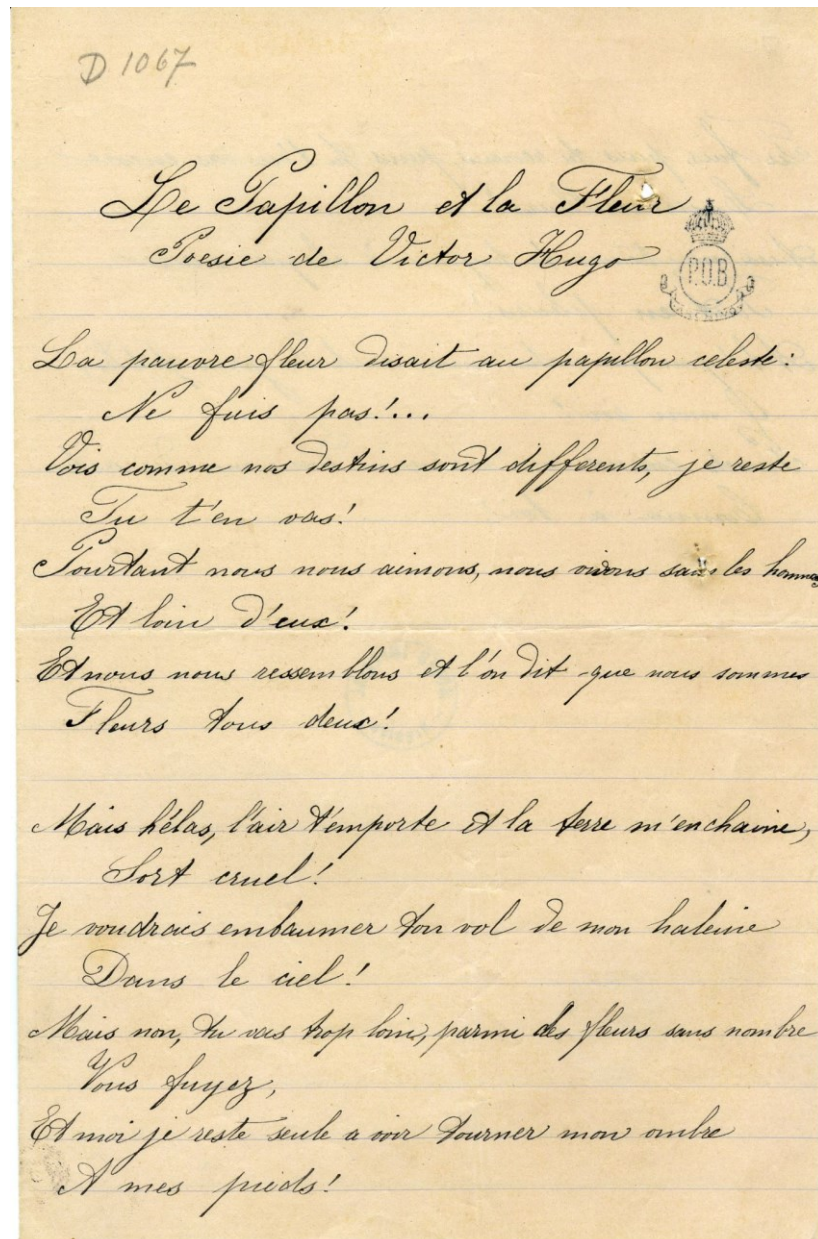


Fonte: Museu Imperial/IBRAM

O documento acima, catalogado no Museu Imperial como Maço 041 - Doc 1064 Cat B [D08 P01], traz a primeira parte de uma tradução realizada pelo monarca brasileiro de uma liturgia da fé judaica, escrita em hebraico e provençal, traduzida por D. Pedro II e publicada em 1891 como uma homenagem tanto ao povo judeu quanto aos falantes do idioma provençal, sob o título de *Poésies hebraïco-provençales*. O manuscrito acima, escrito na caligrafia do monarca, traz vestígios de seu processo criativo relacionado a essa publicação.

O documento abaixo, catalogado no Museu Imperial sob a referência Maço 043 - Doc 1067 [D45 P01], traz, na caligrafia de uma copista, uma transcrição de um poema de Victor Hugo.

Figura 2 – Transcrição do poema Le papillon et la fleur, de Victor Hugo



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

Com o objetivo de selecionar um número adequado de itens, sem estabelecimento prévio de que número seria esse, retornei à minha pesquisa de mestrado para analisar os documentos que havia catalogado na ocasião e ao quadro 3, elaborado para a presente tese e apresentado na subseção anterior. O retorno à catalogação e ao quadro que alocava as principais características dos manuscritos tinha o objetivo de selecionar itens a partir de uma coleção mais ampla que pudessem realçar e confirmar atributos verificados ao longo da pesquisa, e que isso fosse feito de forma suficientemente representativa para permitir a

problematização desses atributos. Além da relação com a francofilia que todos os documentos catalogados já apresentavam, os itens que seriam selecionados deveriam:

Apresentar informações suficientes que permitissem antever uma relevância sócio-histórica particular daquele documento, suas ramificações e sua importância dentro de uma rede francófila de itens;

Ter o potencial de prover um aprofundamento de minha pesquisa de mestrado.

Desse modo, não bastava que um documento estivesse relacionado à língua francesa ou a qualquer aspecto da cultura francesa. Era necessário que os documentos em questão fossem significativos para além do texto neles presente, com questões culturais, políticas e/ou sociológicas a serem discutidas com vistas à francofilia. Essa potencialidade dos documentos só poderia ser averiguada através de uma pesquisa aprofundada a respeito de cada manuscrito.

Todos os documentos foram analisados, rastreados e investigados individualmente, através do cruzamento de seus conteúdos com bancos de dados da Internet, referências sobre literatura e história, consultas a biografias e aos diários do monarca. Os documentos que não constituíssem elementos tão ricos em potencialidade de análise, ou seja, que não fornecessem dados suficientes para *caracterizar* a francofilia, foram excluídos da amostra fechada. Ainda, dentre os documentos restantes, buscou-se abarcar tanto os documentos típicos e mais representativos do corpus composto pelos manuscritos de D. Pedro II, quanto documentos anômalos que constituíssem singularidades do corpus.

Fontanella et al (2011) apontam oito passos para o fechamento da amostra com base na saturação teórica, momento em que o pesquisador julga já ter elementos suficientes para balizar e aprofundar a teoria. Em outras palavras, é possível elaborar um recorte qualitativo com base em recorrências e padrões, de forma que a amostra represente o todo, dando suporte à teoria sem necessidade de uma análise exaustiva de todos os elementos que compõem a pesquisa. Por esse motivo, a delimitação do corpus aos documentos que servem a esse propósito visa responder a questões metodológicas surgidas na ocasião da banca de qualificação da presente tese: a que propósito serviria a análise de todos os manuscritos existentes e disponíveis no contexto desta pesquisa? Seria possível uma delimitação de objetos que desse conta de aprofundar as questões centrais da tese de forma satisfatória, embora não exaustiva?

A partir desse questionamento, buscou-se uma ferramenta metodológica que permitisse uma delimitação da amostra, levando em consideração a importância de um corpus suficientemente significativo para discutir a construção histórica da francofilia e da relação do monarca com a língua e literatura francesas, ainda que não incluísse todos os manuscritos disponíveis. Julgo importante ressaltar que a presente tese foi elaborada tendo em mente uma aproximação do objeto e análise de suas características, e que não pretende colocar um fim à questão, considerando que a pesquisa pode e deve seguir se aprofundando com a descoberta de novos documentos ou outros vieses de análise dos mesmos documentos.

Os oito passos sugeridos por Fontanella et al (2011) servem, primariamente, a pesquisas qualitativas em que exista um número considerável de respostas a entrevistas ou questionários abertos, e a recorrência significativa de determinados enunciados que caracterizem a questão central da pesquisa. É evidente que os autores tratam de um tipo de pesquisa qualitativa diferente da pesquisa empreendida por mim, em que há um número finito de respostas de sujeitos distintos a partir do qual se pretende recolher uma amostra fechada que represente o todo.

Nesse ponto da pesquisa qualitativa, é comum que o pesquisador se pergunte a respeito da necessidade de analisar todas as respostas individualmente, já que existe a possibilidade de que um número menor que o número total de respostas possa responder de forma satisfatória à pergunta de pesquisa. Nesse ponto, o pesquisador pode recorrer à noção de saturação teórica, que prevê o fechamento da amostra quando a coleta e análise de mais dados não altera a teoria. Em outras palavras, chega-se a uma amostra ideal e suficiente. No caso desta pesquisa, a saturação teórica se dá à medida que os documentos analisados, manuscritos de D. Pedro II, tenham fornecido o suporte necessário à tese central, de uma francofilia historicamente construída e suas características.

Foi possível, portanto, adaptar os oito passos, propondo uma metodologia talhada à especificidade dos manuscritos, buscando recorrências, mas também particularidades, já que as exceções ou ausências de recorrências também nos oferecem informações relevantes a respeito da francofilia de D. Pedro II. Em outras palavras, em lugar de uma série de entrevistas ou respostas dadas por indivíduos distintos, a metodologia aqui utilizada trata cada manuscrito como uma manifestação da francofilia de D. Pedro II em algum aspecto, ainda que o manuscrito não seja de sua autoria, e sim de algum indivíduo com quem o monarca se correspondeu. Deste

modo, os documentos podem ser analisados com base em repetições, recorrências temáticas e de tipo de texto, características similares, tratamentos idênticos dados aos textos pelo imperador (traduções, por exemplo), entre outros. Entende-se, portanto, o conjunto de manuscritos como uma coleção de documentos com características afins e características distintas que, se apreendidas através de um método, podem definir a francofilia de D. Pedro II.

Considerando que a pesquisa qualitativa também carece de cientificidade e de parâmetros de análise, os oito passos propostos por Fontanella et al (2011, p. 391), adaptados e aplicados à presente pesquisa, buscam trazer uma sistematização do estudo, de forma a investigar o que Kant chama de “intensidade do fenômeno” na pesquisa qualitativa (KANT, 1980), neste caso, a intensidade da francofilia em D. Pedro II.

O procedimento metodológico aqui adotado consiste em:

- A) Visão de conjunto dos manuscritos;
- B) Fechamento da amostra para análise;
- C) Análise dos documentos que compõem a amostra;
- D) Caracterização da francofilia de D. Pedro II a partir da análise.

Os itens C e D tratam, primariamente, da conexão entre eventos e o ator principal do fenômeno, o imperador D. Pedro II. Essa conexão, demonstrada a partir da amostra representativa dos procedimentos dos itens A e B, permite uma visão mais global da francofilia do monarca, fundamentada pelos manuscritos selecionados, e um aprofundamento do estudo.

Os oito passos estão dispostos abaixo, já seguidos de uma pequena explicação sobre como serão aplicados aos manuscritos analisados na presente pesquisa:

Passo 1: disponibilizar os registros de dados “brutos”, o que significa um olhar para todo o conjunto de manuscritos disponibilizados pelo Museu Imperial/IBRAM e ligados à língua francesa;

Passo 2: imergir em cada registro, momento em que uma leitura atenta do conteúdo dos manuscritos permite identificar características gerais;

Passo 3: compilar os temas e enunciados identificados em cada uma delas, passo que ocorre, neste caso, com vistas à elaboração de categorias;

Passo 4: reunir os temas ou tipos de enunciados para cada pré-categoria ou nova categoria, passo em que os enunciados tidos como “exemplares” (neste caso, documentos exemplares de um corpus francófilo) são o foco;

Passo 5: codificação e nominação dos dados, etapa em que são estabelecidos códigos ou identificações para cada categoria;

Passo 6: alocar em um quadro os tipos e temas de enunciados, o que significa que os próprios documentos terão ditado as categorias e agrupamentos, de acordo com o conteúdo de cada manuscrito, e serão inseridos em uma tabela para visualização do conjunto.

Passo 7: constatar a saturação teórica para cada categoria, etapa que se dá através da exploração de todas as categorias possíveis e da ausência de criação de novas categorias, o que significa que a amostra suficiente está próxima de ser atingida, se já não o foi.

Passo 8: Visualizar a saturação, passo que implica na transformação do quadro de dados em um gráfico, possibilitando uma representação visual da saturação teórica. Esse passo será descartado da presente análise, já que a representação em gráfico e/ou porcentagens não acrescentaria muito ao suporte da tese central, visto que a análise dos manuscritos da amostra fechada é representativa do conjunto e caracterizará de forma satisfatória a francofilia do monarca de forma mais subjetiva, tornando supérflua a análise numérica.

Em um primeiro momento, recorri à organização dos manuscritos elaborada por mim durante minha pesquisa de mestrado, o que permitiu ter uma visão de conjunto dos documentos, com datas de elaboração, quando possível, tipologias e características principais. Os quadros elaborados para minha dissertação de mestrado (MAZZOLA, 2018) estão reproduzidos abaixo:

Quadro 1: Organização cronológica dos manuscritos do dossiê genético

A n o	Identificação do documento	Conteúdo
1882	Maço 187 - Doc 8474	Carta recebida de Jules Verne (1 fólio)
1887	Maço 043 - Doc 1067 [D07]	Poema sem título escrito pelo Imperador em 1887, em francês, seguido da tradução em português (2 fólios)

1887	Maço 043 - Doc 1067 [D38]	Transcrição e tradução do poema <i>À la Mignarde</i> , de Rigaud (1 fólio)
1887	Maço 043 - Doc 1067 [D39]	Transcrição do soneto <i>Le Magistrat</i> , de Rigaud e tradução para o português (1 fólio)
1887	Maço 043 - Doc 1067 [D61]	Transcrição do poema <i>Les Adieux</i> , de Édouard Pailleron e tradução em português (1 fólio)
1887	Maço 043 - Doc 1067 [D66]	Transcrição de soneto de Helena Vacaresco e duas traduções diferentes do poema em português (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D42]	Transcrição do poema <i>Sonnet à Coquelin</i> , de Jean Richepin e tradução para o português (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D36]	Transcrição do poema <i>Poema À morte do Príncipe Affonso</i> , escrito pelo Imperador em português e tradução de Liégeard (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D67]	Transcrição de soneto do General Carnot e tradução do poema para o português (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D49]	Transcrição de versos de Gustave Nadaud escritos sob o retrato de Marcelle e tradução para o português (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D50]	Transcrição do poema <i>Le Hanne-ton</i> , de Gustave Nadaud e tradução do poema em português (2 fólhos)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D51]	Transcrição do poema <i>Chanson</i> de Nadaud, que faz parte do prefácio das <i>Chansons de Béranger</i> , e tradução do poema em português (2 fólhos)
1888	Maço 043 - Doc [D70]	Transcrição de soneto de Sully Prudhomme e tradução para o português (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D40]	Transcrição do poema <i>À Aloys Blondel</i> , de François Coppée, e tradução do poema (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D35]	Transcrição e tradução de soneto de autoria do Imperador, escrito à bordo do navio Gironde (1 fólio)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D44]	Transcrição do texto que relata o funeral do poeta Drammor com versos escritos por Ernesto Heller (2 fólhos)
1888	Maço 044 - Doc 1068	Transcrição do poema <i>La Chanson des Latins</i> de François Vidal na tradução para o francês (2 fólhos)
1888	Maço 043 - Doc 1067 [D30]	Transcrição do poema <i>Stances à S.M. Pedro de Alcântara</i> , de Alfred Theulot, juntamente com a tradução do poema (2 fólhos)

1890	Maço 041 - Doc 1064 Cat B [D08]	Tradução para o francês de alguns excertos de <i>Poésies Hebraïco-Provençales</i> (6 fólhos)
------	---------------------------------	--

Fonte: MAZZOLA (2018)

Quadro 2: Manuscritos que não foram situados temporalmente
(** = ano desconhecido)

A no	Identificação do documento	Conteúdo
**	Maço 024 - Doc 0899 [D01]	Carta recebida do poeta Said Saleh Magdi (1 fólho)
**	Maço 203 - Doc 9235	Carta recebida do arqueólogo e jurista Théodore Reinach (4 fólhos)
**	Maço 031 - Doc 1050 (II) Cat B [D16]	Transcrição de excerto do romance de François Fénelon <i>Les Aventures de Télémaque, fils d'Ulysse</i> (8 fólhos)
**	Maço 043 - Doc 1067 [D45]	Transcrição do poema <i>Le papillon et la fleur</i> , de Victor Hugo (1 fólho)
**	Maço 043 - Doc 1067 [D68]	Transcrição do poema <i>Sonnet</i> , de Félix Arvers e tradução em português (1 fólho)
**	Maço 043 - Doc 1067 [D52]	Transcrição do poema <i>Le Colibri</i> , de Leconte de Lisle e tradução em português (1 folio)
**	Maço 043 - Doc 1067 [D53]	Transcrição do poema <i>Chanson Bohémienne</i> , escrito em francês pelo Imperador e tradução do poema em português (2 fólhos)

Fonte: MAZZOLA (2018)

Os dois quadros acima representam os passos 1 e 2 da metodologia proposta por Fontanella et al (2011), a saber, a disponibilização dos dados brutos (manuscritos de que disponho para análise) e a imersão nos registros, uma exploração que identifica características gerais dos documentos. A partir dos quadros acima, deu-se sequência aos passos 3, 4, 5 e 6, que deram origem às tabelas abaixo, nas quais é possível visualizar as recorrências de características presentes nos documentos. As características, ou categorias, apontadas no quadro abaixo foram depreendidas dos próprios manuscritos, levando em conta a tipologia textual, a caligrafia, o período/ano em que foram elaborados, características dos autores dos textos presentes nos manuscritos (se de D. Pedro II ou de outros

autores), e, por fim, finalidade aparente ou comprovada dos textos (tradução e/ou transcrição, criação etc.).

Tabela 1: Quantidade de documentos segundo o tipo de documento

TIPO DE TEXTO	QUANTIDADE
Cartas	3
Poemas	20
Prosas	3

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Tabela 2: Quantidade de documentos por período/ano

ANO	QUANTIDADE
1882	1
1887	5
1888	12
1890	1
Não determinado	7

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Tabela 3: Quantidade de documentos por autor

AUTOR	QUANTIDADE
Coetâneos de D. Pedro II	16
Anteriores ao imperador	2
D. Pedro II	5

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Tabela 4: Quantidade de documentos de acordo com a finalidade

FINALIDADE	QUANTIDADE
Traduções	1
Transcrições	4
Correspondência	3
Traduções com transcrições	18

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Tabela 5: Quantidade de documentos por tradutor

TRADUTOR	QUANTIDADE
D. Pedro II	18
Stéphen Liégéard	1

Fonte: elaborada pela autora (2021)

A saturação teórica se dá também através da identificação de recorrências e padrões, características individuais dos itens que dão a ver um panorama do todo. É possível dizer, portanto, que o conjunto de manuscritos categorizado reflete, de forma mais ou menos aproximada, as características da produção francófila de D. Pedro II. É possível notar, por exemplo, uma ocorrência maior de poemas no conjunto de manuscritos disponibilizados pelo Museu Imperial/IBRAM. Aliada a isso, a quantidade diminuta de prosa, embora não nula, aponta para uma preferência do monarca pela forma mais sintética representada pelo poema, em particular, sonetos.

A maior parte dos documentos foi elaborada no ano de 1888, com poucas ocorrências nos anos anteriores e posteriores. Realço que, nesse período, o monarca se encontrava em viagem pela Europa, motivo pelo qual é possível encontrar em seus diários informações a respeito desses manuscritos, o que poderia não ser possível caso estivesse em solo nacional, momento em que tipicamente dispensava o registro íntimo, recorrendo a essa prática primariamente em períodos de viagem, como será discutido no capítulo 4.

Ainda, as tabelas 3 e 5, se analisadas simultaneamente, confirmam a inclinação do imperador por traduzir poemas de outros autores, embora também

estejam presentes criações próprias acompanhadas de traduções dessas criações. A tabela 3 também aponta para uma preferência por autores que fossem seus contemporâneos, uma informação que se confirma em seus diários, e que indica uma importância especial dada por D. Pedro II à possibilidade de se corresponder com os autores dos poemas, já que o imperador tinha o hábito de enviar aos autores as traduções em português de seus poemas, independentemente do grau de conhecimento do português que esses autores pudessem ter. A tabela 4, por sua vez, realça a presença significativa de manuscritos contendo traduções acompanhadas de transcrições.

As tabelas 1 a 5, apresentadas acima, demonstram uma quantificação baseada em categorias depreendidas a partir dos próprios documentos, com base no período/ano de produção do documento, autor e do tradutor do texto, tipo de documento e finalidade, ou atividade empreendida, do documento. A partir dessa categorização em tabelas, é possível dar sequência ao passo 7 da metodologia proposta por Fontanella et al (2011), em que se constata a saturação teórica através da impossibilidade de se criar categorias adicionais, momento em que procedi à análise de cada documento de forma individual, tema que é tratado no quinto capítulo. O capítulo seguinte, por sua vez, trata de esboçar um panorama da influência da França no Brasil e as possíveis repercussões dessa influência na sociedade brasileira do século XIX.

3 BRASIL E FRANÇA NO SÉCULO XIX

3.1 A REPÚBLICA LETRADA FRANCESA COMO MODELO CULTURAL

Como descrito na introdução, a presente tese foi estruturada de forma a englobar alguns aspectos sociais, políticos e históricos do Brasil e da França, bem como as práticas literárias desses dois países no século XIX, além de abordar também aspectos textuais e linguísticos dos manuscritos e documentos que constituem o corpus desta pesquisa. Sendo assim, trata-se de um estudo situado na intersecção entre literatura e história, sustentado pela premissa de que o estudo do contexto sócio-histórico é imprescindível para a análise do corpus constituído, por conta das características e particularidades dos documentos estudados.

Considerando que os manuscritos e diários que compõem o objeto de estudo da presente pesquisa foram fruto das movimentações sociais e políticas do imperador, uma análise a-histórica não daria conta de investigar de forma satisfatória a prática literária do monarca, profundamente afetada pelos meios literários e políticos em que foi recebido e por onde circulou. No entanto, é necessário delinear também o jogo de influências culturais que explicaria esse contato: as relações de poder entre metrópoles e colônias no século XIX que determinavam a primazia destas ou daquelas línguas e/ou literaturas. Em outras palavras, a definição dos valores estéticos culturais estava intimamente ligada à dinâmica de dominação das metrópoles europeias sobre suas colônias e ex-colônias, caso do Brasil.

É por esse motivo que o presente capítulo se dedica a esboçar um panorama da França no século XIX, sobretudo com relação ao funcionamento do sistema literário e à posição do país de Victor Hugo como modelo cultural a ser copiado por nações que desejassem obter algum prestígio no Ocidente. Destaco aqui que, ao usar o termo "Ocidente", faço-o com base na definição de civilização ocidental de Samuel P. Huntington (1991, p. 38), que aponta o Ocidente como sendo um conjunto composto por três partes: a porção norte americana, a europeia e a latino-americana, cada uma com características próprias, mas aparentadas no que diz respeito à influência greco-romana.

Com relação à porção europeia, coaduno-me com o que destaca Pascale Casanova a respeito da existência de capitais econômicas e capitais culturais no Ocidente. A autora coloca que era comum que a economia e o comércio fossem controlados por uma região ou cidade específicas durante determinado período, enquanto uma cidade distinta controlava a produção cultural de mais prestígio naquele mesmo período. Como exemplo dessa dinâmica ocidental dissociada entre economia e cultura, a crítica literária aponta (CASANOVA, 1999, p. 20) que Veneza representava a capital econômica do mundo no século XVI, ao passo que Florença se consagrava como capital cultural. No século XVII, o papel de centro da economia ocidental passa para a cidade de Amsterdã, enquanto Madri e Roma representam os polos culturais ocidentais.

É no século XVIII que Paris (e a França, de modo geral) se consagra como centro literário mundial, posição que mantém também consolidada durante o século XIX. Destaco o que postula Casanova a respeito do funcionamento do sistema literário, que não é horizontal e pacífico, mas sim um espaço repleto de hierarquias e tensões. Assim, as trocas advindas da circulação de capital literário e das traduções não podem ser inteiramente compreendidas sem que se leve em conta a relação desigual alimentada pelas lutas de poder entre campos nacionais, o que derruba, como sustenta a autora, a noção de que as entidades nacionais e linguísticas sejam equivalentes, bem como a noção de que os sistemas literários possam ser entendidos como "universos autossuficientes fechados e irredutíveis um ao outro, com línguas separadas e autárquicas de poder semelhante" (CASANOVA, 2009, p. 288).

Dentre os fatores que contribuíram para a ascensão da França como centro letrado mundial no século XVIII, cito, por exemplo, o Iluminismo e a Revolução Francesa. O Iluminismo desembarcaria no Brasil no século XIX através da política educacional implementada pelo Marquês de Pombal em Portugal, orientada pela diretriz iluminista (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014, s.p.). No entanto, Costa (2000, p. 279-280) destaca que os franceses já haviam tido contato com o Brasil antes do século XIX. Segundo a autora, bem no início da colonização, ainda no século XVI, contrabandistas franceses de madeira desembarcaram no território brasileiro, seguidos, na metade do mesmo século, por Villegaignon e la Ravardière, exploradores que tentam estabelecer no Brasil uma colônia francesa, mas sem sucesso.

Entre o século XVI e a primeira década do século XIX, a colônia recebe cientistas, estudiosos, viajantes e missionários de diversas nacionalidades, entre eles, os franceses (COSTA, 2000, p. 280), o que permitiu um contato maior, embora instável, com o que vinha da França, como os costumes, a língua e ideias. A autora sublinha que durante o período colonial, os portos do Brasil permaneceram fechados às nações estrangeiras, tanto para o comércio quanto para a imigração, portanto, os poucos franceses que aqui chegaram e viveram não deixaram vestígios significativos. A proibição dos livros franceses em território brasileiro também não facilitou esse contato, no entanto, como aponta Freyre (1940, p. 33-34), era comum que obras francesas fossem contrabandeadas para o país. Isso também é evidenciado, por exemplo, na investigação realizada por Eduardo Frieiro (1945) na biblioteca pessoal do cônego Luís Vieira da Silva, um dos principais atores da Inconfidência Mineira, que verificou a presença muitas obras em francês na coleção do cônego, apesar da proibição vigente à época (COSTA, 2000, p. 280).

A relação da metrópole portuguesa com a França no início do século XIX não era amistosa, visto que foi justamente a ameaça napoleônica na Europa a responsável pela fuga da corte portuguesa para o Brasil, com ajuda da Inglaterra. Entretanto, nem mesmo a inimizade que se estabeleceu entre Portugal e França foi capaz de impedir a vinda dos ideais franceses para a colônia portuguesa, juntamente com a chegada da família real: a influência francesa já se mostrava nas cortes europeias, assim como também as ideias iluministas do século anterior, embora não de forma absoluta ou homogênea.

Havia, para a metrópole portuguesa, a perspectiva de um aumento da população que vivia na colônia através da miscigenação dos povos (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014, s.p.). Todavia, é preciso sublinhar que a influência do Iluminismo não se deu de forma plena em todas as áreas das sociedades europeias, razão pela qual é possível observar, ao se estudar o século XIX, sinais de avanço e progresso que coexistem com marcas de retrocesso e conservadorismo. O objetivo dessa nova política imperialista em solo brasileiro era de fortalecer a presença e a autoridade de Portugal sobre sua colônia.

O sistema de educação pública implementado pelo Marquês de Pombal havia sido concebido com a intenção de substituir o ensino jesuítico que vigorou na primeira metade do século XVIII. Essa mudança educacional teve como principais marcas a institucionalização da profissão de docente e a estatização do ensino

(OLIVEIRA, Luiz Eduardo, 2010, p. 44). Com relação ao currículo escolar, os textos religiosos deram lugar a textos não religiosos, em um esforço para tornar o ensino em Portugal secularizado. Foi então que o francês passou a integrar o currículo das escolas de Portugal, juntamente com o italiano e o inglês.

Como parte de um projeto de criar uma elite letrada, o ensino das línguas europeias para os estudantes tinha prioridade na metrópole portuguesa, especialmente o francês e o italiano, seguido pela língua inglesa (PORTUGAL, 1830, p. 731-782). Em um contexto em que a rejeição ao latim só crescia, por ser considerada uma língua ultrapassada e não condizente com o progresso representado pelo Iluminismo, havia a recomendação de que as conversas no seio familiar fossem preferencialmente em português, francês, italiano ou inglês (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014, s.p.).

As mudanças efetivadas pelo Marquês de Pombal no sistema educacional português chegam ao Brasil para atender ao propósito citado no parágrafo anterior, o de formar estadistas que servissem ao propósito da metrópole portuguesa, como apontam Oliveira e Oliveira (2014, s.p.). Além das medidas educacionais embutidas no modelo de ensino português a ser implementado no Brasil, um decreto do Marquês interditando o uso da língua geral no Brasil obrigava que se utilizasse somente a língua portuguesa em todo o território da colônia (GARCIA, 2007, s.p.). Essa medida teve como consequência o sufocamento das línguas faladas pelos indígenas nativos do território brasileiro, solidificando assim a presença portuguesa no país.

O processo de implementação da reforma educacional pombalina e da propulsão da produção cultural no Brasil progredia lentamente na virada do século XVIII para o XIX, mas foi com a fuga da família real portuguesa para o Brasil, na iminência de um ataque de Napoleão Bonaparte, que esse processo foi acelerado. Em 1808, ano da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, a cidade era vista como "titular das melhores condições para a mediação entre dois mundos: o da cultura europeia e o da natureza pujante das Américas", nas palavras de Angela Alonso (2009, p. 126). Evidentemente, essa visão aponta para uma ideia de que o Brasil não teria muito a contribuir no âmbito cultural, precisando, portanto, da influência europeia para se desenvolver nesse sentido.

No ano seguinte à chegada da corte, em 1809, uma Decisão do governo decretou a criação de uma Cadeira Pública de Língua Francesa, que preconizava a

consulta a obras escritas em língua francesa ou inglesa (BRASIL, 1811). O documento ressaltava a necessidade de ensinar aos alunos a arte do bem falar e da escrita, e, para atingir esse objetivo, era necessário que os docentes seguissem os modelos franceses (BRASIL, 1811). Cabe ressaltar também que, por conta da atuação dos iluministas na historiografia dos anos anteriores, muitas das publicações mais recentes da época haviam sido escritas em francês.

Além da primazia da língua francesa em publicações sobre história e filosofia naquele período, era também através do francês que os estudantes de Direito e de Medicina acessavam conhecimento sobre as leis, sobre anatomia e sobre procedimentos cirúrgicos, como aponta Costa (2000, p. 292):

As obras francesas de jurisprudência, de anatomia, de cirurgia, encontravam-se nas mãos de alunos da Faculdade de Direito de Pernambuco ou de São Paulo, da Escola de Medicina da Bahia ou do Rio de Janeiro. Não havendo em português livros de ciências ou filosofia, a única solução era recorrer-se aos livros franceses. (COSTA, 2000, p. 292)

Iglésias aponta que as doutrinas da Medicina portuguesa praticadas no Brasil no século XIX foram substituídas pelas doutrinas da Medicina francesa (2004, p. 541), e sustenta também que diversas disciplinas requisitadas para ingressar nos cursos superiores de Medicina eram fundamentadas na bibliografia francesa, como filosofia, aritmética, geometria, e as línguas inglesa, latina e francesa, sendo a francesa a língua mais indicada a se aprender (IGLÉSIAS, 2004, p. 546). O renome da Medicina francesa no Brasil era tamanho que mesmo a parteira da Imperatriz Teresa Cristina que realizou o parto da Princesa Leopoldina era francesa. Marie Josephine Mathilde Durocher (1809 - 1893) chegou ao Brasil ainda criança, juntamente com a leva de franceses que fugia da França por divergências políticas com o regime de Napoleão Bonaparte. Madame Durocher foi a primeira mulher a ingressar na Academia Imperial de Medicina e se tornou uma célebre parteira no Rio de Janeiro. De sua fama, criou-se o prêmio Durocher, concedido até hoje a trabalhos científicos de destaque dentro da área da obstetrícia e da ginecologia (IGLÉSIAS, 2004, p. 547).

Duas contribuições importantes da parte dos franceses para a medicina no Brasil foram: 1) a fundação do Imperial Instituto dos Surdos-mudos², em 1857, pelo educador francês Ernest Huet, também surdo, que veio ao Brasil a convite do imperador D. Pedro II; 2) a fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, pelo médico honorário da família imperial o franco-brasileiro Joseph François Xavier Sigaud. O Instituto dos Meninos Cegos foi fundado em 1854, e o trabalho de Sigaud no ensino do braile a crianças cegas impressionou o imperador D. Pedro II, ao demonstrar que uma pessoa cega poderia ler e escrever. A criação e a organização do instituto foram inspiradas no Institut des enfants aveugles (Instituto de crianças cegas), em Paris. Sigaud também escreveu o que foi considerado, à época, o mais completo documentário a respeito da história da Medicina brasileira, fundou a Sociedade de Medicina do país e escreveu a obra *Du climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale de cet Empire*, obra publicada em 1844 que tratava das doenças específicas relacionadas ao clima dos trópicos.

Outra característica importante do francês naquele período é o fato de que a língua francesa constituiu uma via de acesso entre os brasileiros e outras culturas, por exemplo, a cultura inglesa e a alemã, já que muitas obras nesses idiomas chegaram ao Brasil na forma de traduções em francês (COSTA, 2000, p. 299). Em outras palavras, a língua francesa funcionou não só como língua franca da hegemonia cultural vigente, mas como uma língua intermediária entre sistemas literários distintos e como veículo que permitia a disseminação do conhecimento.

A influência francesa também foi sentida no desenvolvimento da música no Rio de Janeiro. Antes da vinda da Missão Artística Francesa, Iglésias (2004, p. 448) aponta que boa parte da produção musical do país ficava concentrada na rica região de Minas Gerais. A partir da chegada dos franceses ao Brasil, em 1816, a música começa a se desenvolver também na capital do país, inspirada, principalmente, no teatro lírico francês. Dom Pedro II viria a ser, depois de coroado, um grande entusiasta da música erudita nacional, fornecendo bolsas e atuando como mecenas para que músicos pudessem estudar na Europa. Os espetáculos musicais são frequentemente mencionados nos diários do monarca, no dia 14 de janeiro de 1888, por exemplo, encontra-se o registro abaixo, que faz menção à uma alvorada de

² À época, acreditava-se que um surdo era obrigatoriamente mudo, hoje sabe-se que essa denominação é incorreta. Uma pessoa surda não necessariamente tem algum tipo de condição limitante no aparelho fonador, ou seja, é possível que aprenda a falar (ser oralizada), independentemente da surdez.

cantos provençais tocadas em tamborins, oferecida ao imperador e à imperatriz do Brasil naquele mesmo dia:

Já estive com a Antônia sempre descorada a quem dei o programa dos Félibriges.
 11h Interrompi o almoço para recebê-los e volto agora para ouvi-los de perto. $\frac{3}{4}$ Junto o programa da Aubade Félibresque.
 (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

Todos esses fatores, frutos da forte influência da cultura francesa, foram trazidos para o Brasil e fizeram com que a colônia dirigisse seu olhar para a França como um modelo cultural a ser seguido e como centro letrado mundial, responsável por estabelecer e propagar valores estéticos. Como resultado dessa dinâmica, estabeleceu-se, no Brasil, um impulso integrador do modo de vida do povo francês em diversos aspectos da vida em sociedade, mas, principalmente, na produção cultural, o que será explorado de forma mais aprofundada no próximo subcapítulo.

Portanto, o estudo que empreendo aqui, a análise dos manuscritos de D. Pedro II ligados à francofilia, precisa ser visto à luz da dinâmica literária mundial do século XIX, já que ajuda a explicar a própria existência desses documentos e a relação entre os idiomas presentes nos manuscritos e sua função na construção de uma identidade letrada brasileira. Essa relação, no caso do português brasileiro e do francês no século XIX, era sustentada pelo status de língua franca da cultura e da diplomacia que tinha a língua francesa, enquanto o português brasileiro representava o idioma falado por uma ex-colônia de Portugal que começava a construir uma identidade cultural nacional própria.

Outro conceito defendido por Casanova se relaciona a uma pretensa "superioridade" de determinados idiomas sobre outros, o que autora chama de "literariedade", ou seja, o capital linguístico-literário de uma língua, que faz com que essa língua seja imposta como idioma de mais prestígio ou considerada como sendo mais literária do que outros idiomas (CASANOVA, 1999, p. 38-39). A consequência prática da ideia de literariedade da língua francesa se traduziu em um maior valor literário atribuído ao idioma dos franceses, se comparado às demais línguas faladas na Europa e no restante do Ocidente. Além do status privilegiado de que desfrutava a língua francesa no meio literário do século XIX, é importante ressaltar o uso do francês também no contexto político e diplomático mundial, bem como na comunicação mais informal entre pessoas da classe alta em países como a Rússia e

a Alemanha. Esse processo de valorização literária da produção escrita em língua francesa culminou em uma predominância desse idioma como língua literária de mais prestígio durante os séculos XVIII, XIX e durante parte do século XX.

Além da questão cultural, existe uma questão sócio-política envolvida no alçamento da língua francesa ao topo da hierarquia cultural ocidental, questão essa ligada aos efeitos do Iluminismo e da Revolução Francesa nas camadas sociais. O caráter da França de epicentro revolucionário e de símbolo da democracia e dos direitos humanos acabam por criar uma atmosfera de universalidade na capital francesa, atraindo migrações intensas de escritores e artistas de diversas nacionalidades em busca de viver o ideal de liberdade francês. Essa aura progressista de que desfrutava a França acaba criando uma associação de valores mais modernos com a língua francesa, algo que as elites do Brasil almejavam. Como resultado, o francês não é apenas um símbolo de refinamento e de um espírito culto, mas representa também um vínculo com os ideais mais humanistas e revolucionários daquele período.

O processo de centralização do prestígio literário e da validação cultural na França acaba por determinar um aspecto importante na produção e circulação de literatura naquele período: a literatura de prestígio seria aquela que se adequasse aos valores estéticos franceses e às tendências literárias em vigor na França na época.

3.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

O século XIX trouxe mudanças significativas para o Brasil, entre elas, a vinda da família real portuguesa e a posterior Proclamação da Independência da colônia, no início do século, o início do período imperial, que durou a maior parte do século, e a derrubada do regime monárquico em favor do estabelecimento da República em 1889. A turbulência política do Brasil teve reflexos na produção cultural do país, que se intensificou no século XIX e deu origem a uma quantidade expressiva de obras que são hoje tidas como clássicos da literatura. Ainda nesse período, o país testemunhou, o surgimento e a consagração de grandes nomes da Literatura Brasileira, como Machado de Assis, José de Alencar, Raul Pompeia e Aluísio de Azevedo, entre outros.

É com a vinda da família real portuguesa que o Brasil deixa de ser colônia e é elevado ao status de Vice-Reino de Portugal e de Algarves. Além dessa mudança, o príncipe-regente de Portugal, Dom João VI, foi responsável por implementar algumas mudanças no Brasil, através da fundação de instituições que proporcionariam mais autonomia e progresso ao território brasileiro. Dentre as mudanças operadas pelo monarca, destaco a criação, ainda em 1808, da Imprensa Régia, do Banco do Brasil, das primeiras escolas de Medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro, e da Biblioteca Real, em 1810. Todavia, a fundação dessas instituições seria apenas o início de um empreendimento maior que propiciaria o desenvolvimento cultural e econômico do Brasil.

Alguns anos mais tarde, em 1816, o país receberia a Missão Artística Francesa, um grupo de artistas, literatos e intelectuais franceses que desembarcariam no Brasil com o objetivo de dar início a um projeto de ensino artístico no país. A vinda do grupo foi motivada por dois fatores: o primeiro deles foi o convite do Marquês de Marialva, que representava D. João VI em Portugal, como apontado por Dias (2006, p. 304). O Marquês convenceu o príncipe-regente a incentivar a empreitada, com base no projeto artístico bem-sucedido desenvolvido pela Espanha em suas colônias, especialmente no México, de que resultou a *Academia de los Nobles Artes*, fundada em 1783. A promessa de desenvolvimento cultural certamente pareceu sedutora para o monarca, acostumado com a cultura europeia, e carente de um contexto cultural similar ao europeu no Brasil, país que passou, muito repentinamente, de colônia de exploração a sede da família real.

O Conde da Barca, outro personagem influente junto a D. João VI, também ajudou a fomentar a ideia da Missão, já que tinha interesse no desenvolvimento do país, para solidificar a presença portuguesa em meio à América Espanhola (DIAS, 2006, p. 304). A partir da colaboração entre o Marquês de Marialva e o Conde da Barca, este no Brasil, aquele em Portugal, o príncipe-regente é convencido a incentivar a vinda dos intelectuais e artistas franceses. Foi nesse contexto que Alexander von Humboldt, geógrafo alemão de família nobre, decidiu indicar o nome do político e intelectual Joachim Lebreton, que, dentre outras atividades, exercia a função de administrador das obras de arte no Museu do Louvre desde 1798, como destaca Dias (2006, p. 304). Lebreton trouxe para o Brasil uma coleção de obras que constituiria o núcleo do acervo do futuro Museu Nacional de Belas Artes.

O segundo fator decisivo para a vinda dos intelectuais franceses para o novo Vice-Reino português foi de natureza política: embora os membros da Missão fossem bonapartistas, tinham divergências políticas e ressalvas com relação ao regime vigente na França. Esses intelectuais e artistas acabam por pedir asilo a D. João VI, a quem Napoleão Bonaparte tinha como inimigo. Os franceses chegam ao Brasil em 1816, em uma espécie de autoexílio, e oferecem seus serviços à Corte Portuguesa, com a intenção de alavancar a produção cultural no Brasil aos moldes da França. A Missão Artística Francesa é, portanto, motivada também pelo cenário político na França, país então dividido pelo regime bonapartista, e não somente pelo desejo de colaborar na produção e difusão de cultura no território brasileiro.

O projeto da Missão Artística Francesa previa, principalmente, a fundação de uma instituição de ensino voltada para as Belas-Artes, o que se deu através do estabelecimento, na forma de um decreto, da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, que se transmutaria, posteriormente, na Academia Real de Belas-Artes, em 1820. A Missão foi também o ponto de origem do Museu Real (1818), instituição que abrigou, inicialmente, um acervo voltado para as ciências naturais, além de arte e artefatos dos povos indígenas do Brasil, já com o intuito de preservar a memória nacional. Percebe-se, desde o início, uma iniciativa híbrida de construção e valorização do patrimônio nacional, mas com fortes marcas do modo francês de produzir e preservar a cultura, em uma espécie de colonização cultural. Esse hibridismo marcaria, posteriormente, a relação de D. Pedro II com a literatura francesa e com o sistema literário francês em geral.

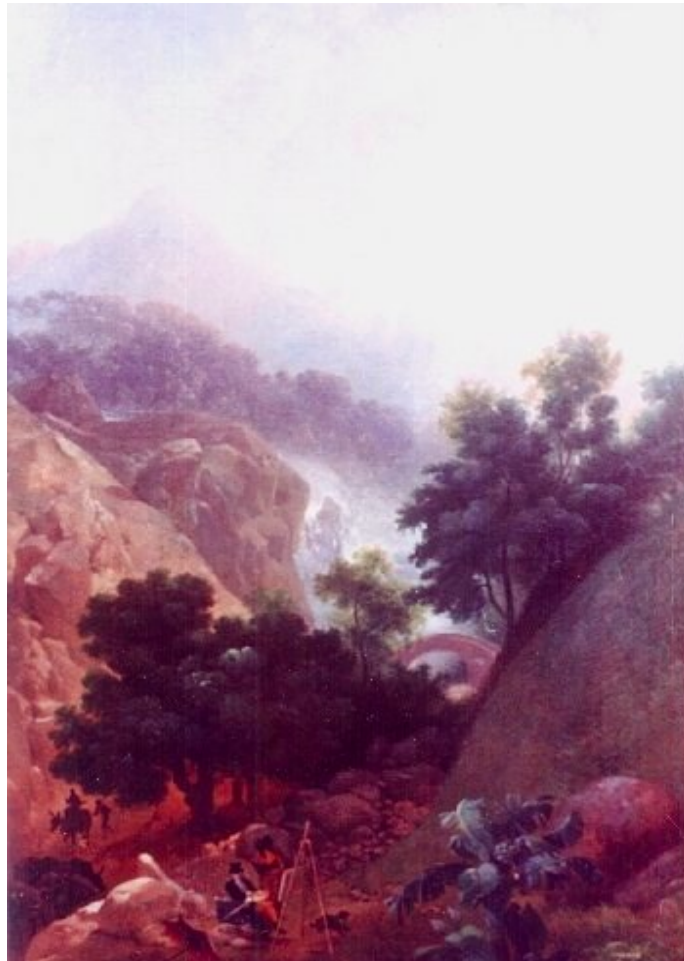
Com relação à literatura brasileira, é em 1826 que surge a primeira publicação de uma obra que conta a história da literatura brasileira, de autoria do historiador francês Ferdinand Denis, que escreveu e publicou diversos livros tratando de aspectos distintos do Brasil, como os modos, a cultura e os costumes. Publicada em francês, a obra seguiu a orientação dos acadêmicos franceses, que recomendavam que o foco desse tipo de compilação fosse a originalidade geográfica e social do Brasil e o distanciamento da literatura produzida no país das convenções clássicas. Em outras palavras, os acadêmicos franceses julgavam importante ressaltar a Literatura Brasileira como um retrato do Brasil, em todas as suas peculiaridades e riquezas. O enfoque na questão geográfica e social vai ao encontro da inclinação europeia pelo exótico, razão pela qual o Brasil chamaria a atenção de inúmeros

exploradores e cientistas ao longo do século XIX, como biólogos, etnógrafos, geógrafos e geólogos.

Entretanto, o projeto artístico ambicioso dos franceses não se desenrolou sem obstáculos, já que o Brasil não se encontrava, naquele momento, em um estado particularmente receptivo à chegada de estrangeiros. A fundação da Escola Real de Belas-Artes, como aponta Boxus (2010, p. 55), tardou a acontecer: a chegada dos franceses ao Brasil ocorreu em 1816 e o decreto que criou a Escola de Ciências, Artes e Ofícios saiu no mesmo ano, mas foi somente em 1820 que uma instituição similar à Escola de Belas-Artes foi fundada, a Academia Real de Artes. Ainda, a direção da academia ficou a cargo de um português, o pintor Henrique José da Silva. Aos franceses, restou a frustração de trabalharem na academia como professores de artes, com uma renda anual abaixo do que esperavam (BOXUS, 2010, p. 55).

A autora aponta, por exemplo, o caso do pintor francês Nicolas-Antoine Taunay, que, ao encontrar um inesperado cenário de "galofobia" no Brasil, uma espécie de repúdio ou desprezo contra o que vinha da França, acaba se refugiando na floresta da Tijuca. O ambiente de galofobia encontrado por Taunay se transformaria, lentamente, na direção oposta: com o passar do tempo e o crescente prestígio de tudo relativo à França no Brasil, a influência e presença francesas passariam a ser almeçadas e bem-vistas. Como resultado do exílio de Taunay, a paisagem natural da Tijuca acabará sendo um exemplo de um dos principais temas retratados em suas pinturas: as paisagens naturais do Rio de Janeiro. Na obra abaixo, por exemplo, o artista retrata uma pequena cachoeira situada perto de sua casa na Tijuca. Trata-se de uma espécie de autorretrato, já que, na parte inferior do quadro, pode-se observar o próprio pintor, que trabalha em uma tela apoiada em um cavalete.

Figura 3 – Cascatinha da Tijuca (s.d.), de Nicolas-Antoine Taunay



Fonte: WikiCommons

A pintura apresentada acima é bastante emblemática da relação entre Brasil e França naquele período, uma época em que o “exotismo” dos trópicos e sua natureza, composta por elementos pouco desbravados e conhecidos, atraía diversos intelectuais e artistas europeus para os países da América Latina. No entanto, a

adaptação ao país não foi sempre fácil para os europeus, o que fez com que Taunay retornasse à França apenas 5 anos depois de sua chegada ao Brasil, em 1821, enquanto seu filho, Félix-Émile Taunay, também pintor, fica no Brasil e se torna professor de francês, grego e desenho do imperador do Brasil D. Pedro II, substituindo seu professor anterior, René Boiret.

Os esforços de Félix-Émile Taunay no Brasil não ficaram restritos à arte, como apontam algumas de suas anotações a respeito da região do Mato Grosso durante o período da Guerra do Paraguai, décadas após sua chegada ao Brasil. O pintor realizou uma importante coleta de dados etnográficos a respeito dos costumes, modos e línguas das tribos dos povos indígenas Guaná, Xané, Caingang e Cadiwéu. Iglésias (2004, p. 503) sugere que a escola indianista da literatura brasileira possa ter contribuído como um fato para despertar o interesse de artistas, literatos e intelectuais pelos estudos etnográficos no país, uma área que se desenvolveu de forma bastante expressiva no século XIX.

Contudo, é preciso sublinhar igualmente a importância de Taunay nas artes, como retratista da corte, função que também exerceu seu conterrâneo, o pintor e desenhista francês Jean-Baptiste Debret. Os dois pintores foram responsáveis por eternizar, no estilo neoclássico, cenas e personagens importantes da família real portuguesa no Brasil, contribuindo para a iconografia brasileira. Debret foi responsável também pelo desenho da bandeira do Brasil Império, que em muito se parecia com o formato atual: um retângulo verde sobreposto por um losango amarelo. Ressalto, ainda, a publicação de Debret, na ocasião de seu retorno à França, de uma obra em três volumes, a *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1834, 1835 e 1839).

A obra contava com mais de 150 imagens que retratavam a paisagem natural selvagem do Brasil, o cotidiano dos negros escravizados (incluindo as crueldades que lhes eram infligidas pelos seus proprietários) e os hábitos dos portugueses em solo brasileiro. Como resultado da atuação destes e de outros membros da Missão nas Artes no Brasil, o estudo da história da arte no Brasil no século XIX passa, inevitavelmente, pela influência e a contribuição dos artistas franceses.

Figura 4 – Aclamação de Dom Pedro II no Rio de Janeiro (1839), de Jean-Baptiste Debret



Fonte: WikiCommons

É também a partir da linhagem de Taunay que saem importantes contribuições para o país. Além da atuação do francês Félix-Émile (Barão de Taunay), que se tornou professor de francês de D. Pedro II, o filho deste, o brasileiro Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, publicaria, em 1872, o romance regionalista *Inocência*, de forte influência naturalista e ambientado no sertão do Mato Grosso do Sul. A obra figura, até os dias de hoje, entre os clássicos da literatura brasileira.

O estilo neoclássico que chega ao Brasil pelas mãos de artistas franceses como Taunay e Debret traz consigo certa carga política, por ser um estilo ligado à

preparação e à afirmação da Revolução Francesa. Ao desembarcar no Brasil, o neoclassicismo se choca com o estilo barroco vigente no Brasil na época, com cada estilo representando uma fase distinta do Brasil. O barroco, ligado ao Brasil colonial, será suplantado pelo neoclassicismo, que passou a representar uma atmosfera mais progressista, mais ligada aos ares franceses do século XIX, após a Revolução Francesa (IGLÉSIAS, 2004, p. 476).

Além das contribuições de Debret para a arte no Brasil, cito também a sua atuação na fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no ano de 1838, inspirado no Institut Historique de Paris, fundado, por sua vez, por Eugène Garay de Monglave (FARIA, 1967, p. 50). Anos depois, já imperador, D. Pedro II seria um dos responsáveis por presidir regularmente as reuniões do IHGB, comparecendo às sessões de abertura de cursos, aos debates e apresentações, o que Monglave descreve como uma atitude que encoraja os sábios, os literatos e os artistas (FARIA, 1967, p. 51). O monarca demonstrava muito interesse pelo tupi, língua que aprendeu a falar. O imperador chegou até a escrever um trabalho sobre as regras gramaticais do tupi, em consonância com a prática dos estudos linguísticos da época. Sobre trabalho, intitulado *Notes sur la langue tupi*, Garcia destaca que

“No projeto de criação de uma ou duas universidades para o Brasil, assinala-se a necessidade de juntar às faculdades de letras as cadeiras de tupi. O imperador tem encarecido sempre a vários de seus ministros a necessidade do ensino dessa língua”. (GARCIA, 1943, p. 12)

Durante o período compreendido entre 1808 e 1821, o Brasil testemunhou a chegada da família real e, posteriormente, da Missão Artística Francesa. Em 1821, o príncipe-regente retorna a Portugal, deixando no trono brasileiro seu filho, Dom Pedro I. O reinado de D. Pedro I é marcado pela Proclamação da Independência, por escândalos e por conflitos que eclodiram em diversas regiões do território brasileiro. O governo de D. Pedro I dura apenas nove anos, e termina com a volta do monarca a Portugal em 1831. No Brasil, fica seu filho, Pedro de Alcântara, e suas duas filhas, Francisca e Januária. Mesmo com a partida do príncipe-regente e, posteriormente, a Proclamação da Independência e a partida do imperador, a nação brasileira, após conhecer a modernização aos moldes europeus, ainda tinha o desejo de conquistar prestígio internacional.

Para o Brasil do século XIX, o prestígio desejado só seria obtido através do desenvolvimento do espírito patriótico e a valorização dos tesouros nacionais. Assim, o processo de promover e estimular os avanços culturais e científicos no país

não pararam com o retorno de D. Pedro I à Europa. Pelo contrário, o Brasil passa a ser o cenário de um esforço conjunto promovido pelas autoridades regenciais e, mais adiante, pelo imperador D. Pedro II, para desenvolver a nação e fazer avançar o processo tido como civilizatório, iniciado em 1808.

É importante sublinhar a situação particular do Brasil dentro do contexto da América do Sul, já que, como indica Pádua (2009, p. 338), o Brasil constituía um dos mais importantes alvos civilizatórios eleitos pelos europeus no Novo Mundo. Um dos fatores que contribuiu para essa escolha foi o status do Brasil de nação livre da “anarquia” que predominava em outros países da América do Sul, justamente por conta de uma relativa estabilidade e da solidez do regime monárquico na primeira metade do século XIX. Em outras palavras, o Brasil se destacava, no âmbito político, dos demais países da América do Sul, e aparentava ser um solo mais fértil e receptivo para as incursões civilizatórias europeias do que seus vizinhos hispanófonos. O processo de desenvolvimento do Brasil segue, portanto, apesar da turbulência observada no trono brasileiro, e pode ser observado tanto no âmbito cultural quanto no âmbito científico.

Com relação à evolução da ciência no Brasil, cito, como exemplo, a interlocução entre os trabalhos do cientista francês Albert Calmette, do Instituto Pasteur, e o cientista brasileiro Vital Brazil na última década do século XIX. Calmette empreendeu uma pesquisa bastante extensa na Indochina, antiga colônia francesa, a respeito da criação de um soro antiofídico universal, sintetizado a partir do veneno da naja, como destaca Carlos Dias (2010, p. 112). O autor sublinha que foi a partir dos trabalhos de Calmette que o cientista brasileiro realizou seus próprios experimentos, e observou que o soro com o qual Calmette trabalhava não poderia ser usado como soro universal, posto que não tinha ação em mordeduras de tipos diferentes de cobras.

A descoberta da especificidade dos soros antiofídicos, juntamente com o trabalho de Vital Brazil e de Oswaldo Cruz no combate à peste bubônica, deu origem, em 1898, ao Instituto Serumtherápico do Estado de São Paulo, que se tornaria, em 1901, o Instituto Butantan. Carlos Dias aponta que tanto Vital Brazil quanto Oswaldo Cruz haviam sido formados pela literatura francesa da área da medicina, mais especificamente, da microbiologia, e que o próprio Instituto Butantan foi criado tendo como base o modelo francês do Instituto Pasteur, em Paris, baseado em um tripé formado por pesquisa, produção e ensino (DIAS, 2010, p. 119). A

criação do Butantan foi um marco na modernização da medicina brasileira e alavancou a profilaxia e o combate às doenças infecciosas no país.

Grande incentivador da cultura e da ciência, é somente aos 28 anos de idade que o imperador passa a governar o país de forma efetiva (IGLÉSIAS, 2004, p. 17). Pádua (2009, p. 345) caracteriza esse governo como um momento em que se manteve a unidade territorial do país e a ordem institucional. No âmbito cultural, foi estabelecida uma política em prol da promoção de uma construção de identidade nacional e da difusão de uma imagem de civilização existente nos trópicos. Como parte desse empreendimento cultural, faziam parte dos gastos do Estado monárquico um apoio significativo na forma de patrocínio da produção científica e cultural nacionais. Em todas as esferas da vida social o Brasil avançava em uma onda europeizante, importando as festas, as modas e toda a atmosfera de luxo que vinha do Velho Continente. É justamente no período compreendido entre 1840 e 1870 que se percebe de forma mais clara os contornos e definições de um projeto artístico e cultural patriótico concreto em prol da construção de uma identidade nacional.

Antes desse período, e, portanto, antes da coroação de D. Pedro II, o Brasil ainda tinha os olhos voltados para a Europa, repetindo, de forma artificial, os mesmos moldes já utilizados pelos europeus para as artes e a cultura. Também na segunda metade do século XIX surgiram as primeiras exposições mundiais e universais, grandes feiras destinadas a reunir arte, produtos manufaturados e invenções dos países que delas participavam. Nessas exposições, a presença do Brasil visava, como sustenta Pádua (2009, p. 339), atrair o interesse europeu pelas riquezas do país, despertando tanto admiração pela produção cultural do Brasil quanto interesse econômico.

Alonso (2009, p. 86) menciona a existência, nesse período, de um sentimento de imitação que ia do centro para a periferia, conceitos não necessariamente geográficos, e sim econômicos e culturais, ou seja, uma transmissão de ideias modernas para sociedades consideradas atrasadas. Evidentemente, esses conceitos de modernidade e atraso das sociedades advinham de uma forte mentalidade eurocêntrica vigente à época. No entanto, a autora sugere que se substitua a noção de imitação por "apropriação de ideias", que seria, ao contrário da mera cópia, uma adoção voluntária e de acordo com as experiências e os dilemas próprios do país (ALONSO, 2009, p. 87), o que se traduziria, de certa forma, na

elaboração de valores nacionais próprios. Contudo, a modernização e a construção de uma identidade nacional não vieram sem ônus, já que quanto mais a população se instruisse e as elites se imbuíssem do espírito patriótico, mais riscos corria a monarquia.

Assim, nesse mesmo período, o temor predominante dos grupos de mais poder era que, a exemplo da França, houvesse um processo de revolução que levasse à queda das instituições monárquicas em favor de um regime republicano (IGLÉSIAS, 2004, p. 20). Os critérios responsáveis por enquadrar as nações no que se tinha como conceito de um país desenvolvido e moderno vinham diretamente da Europa, e foram esses critérios que acabaram impulsionando o Brasil rumo à modernização. O conflito de ideais políticos, filosóficos e religiosos entre Brasil e Europa no século XIX provocavam uma grande pressão sobre o regime monárquico, uma condenação moral do Brasil aos olhos da Europa, e um isolamento diplomático internacional (SALLES, 2009, p. 61-68).

Alonso sustenta que muitos textos produzidos a partir da década de 70 atacavam alguns pilares já estabelecidos na sociedade brasileira, como a tradição imperial, o indianismo, o catolicismo, a monarquia centralizada e a escravidão. Trata-se, como delineia Pereira (2009, p. 273) de uma crise na literatura. Duas correntes conflitantes estavam em vigência no campo literário nacional na época, uma delas que, como apontava Joaquim Norberto (PEREIRA, 2009, p. 273) prezava por uma pretensa originalidade na literatura, priorizando a “cor local”, ou seja, tratando de questões ligadas aos costumes, usos e leis da sociedade e tendo, como pano de fundo, a natureza e o clima brasileiros. A segunda corrente, da qual fazia parte Machado de Assis, não acreditava que as obras literárias marcadas pela “cor local” fossem representantes legítimas do que seria o espírito nacional.

Essa discussão fez com que a produção literária brasileira na época fosse bastante heterogênea. A produção literária da década de 70 era, portanto, marcada por tentativas feitas pelos autores de dialogar com o espaço e tempo em que estavam inseridos, o que se traduziu na adoção de correntes estéticas literárias de matriz europeia conjugadas com questões locais, resultando em um quadro diversificado que incluía reproduções das marcas de movimentos como o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo, entre outros. Como exemplo desse conflito literário no Brasil, cito, por exemplo, a obra *O Guarani*, de José de Alencar. Publicada em 1859, representa um retorno ao passado colonial brasileiro (PEREIRA, 2009, p.

279), em que os personagens Peri e Ceci representam uma espécie de equilíbrio entre os dois mundos, o mundo do indígena e o do homem branco. A relação entre os dois personagens tem, como indica Pereira (2009, p. 280) uma base moral e religiosa, e representa, de certo modo, um futuro vigoroso, como seria o futuro do país.

Está presente também em *O Guarani* a questão da subordinação e da obediência, algo que seria retomado por Alencar na obra *O tronco do Ipê*, publicada em 1871, período em que a Literatura Brasileira se encontrava na crise temática citada nos parágrafos anteriores. Alencar retoma, na obra de 1871, a questão do respeito à tradição e ao passado e a questão da abolição gradual da escravidão, apresentando, como parte do contexto da obra, um cenário em que a demanda por mão de obra escrava diminuía, enquanto a industrialização do país crescia. A obra trata também, de forma menos direta, das medidas tomadas para facilitar a alforria, dentre elas, a lei do Ventre Livre. O que se pode observar a partir dessa publicação é a noção de literatura como um espaço em que um ideal pode ser representado, um ideal que pode "agir sobre o presente não pela exposição de suas verdades e vícios, mas pela definição poética de um modelo pintado em sua perfeição" (PEREIRA, 2009, p. 285)

Na contramão dessa literatura representativa de um modelo ideal, estava o Realismo, movimento cujos representantes europeus mais conhecidos eram o francês Émile Zola e o português Eça de Queiroz. Machado de Assis analisou e criticou as obras de Eça de Queiroz por seu realismo extremo. Com relação às obras *O primo Basílio* (1878) e *O crime do padre Amaro* (1875), Machado de Assis discute a questão da literatura que representa uma realidade documental descrita de forma exageradamente realista e que não tinha, no entanto, um sentido social (PEREIRA, 2009, p. 287). Em outras palavras, Pereira aponta que o que se via como um dos problemas do Realismo era que existissem aqueles que supusessem que "o traço grosso é o traço exato" (2009, p. 288), apontando para um extremismo do que seria, em teoria, a natureza humana. Na virada estética dos anos 70 e 80, começam a surgir obras que retratam problemas e conflitos da sociedade, de que são exemplos *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, e *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, na contramão da literatura mais tradicionalista de José de Alencar.

O tema da escravidão apareceu também na literatura nacional, através de imagens romantizadas do regime escravagista, na figura de mães ou amas negras, mucamas fiéis às suas senhoras, moleques do engenho, senhores negros repletos de sabedoria e bons conselhos fornecidos em um português precário, entre outros personagens mitificados em defesa de um sistema que se desejava perpetuar (IGLÉSIAS, 2004, p. 180). A defesa da Grande Lavoura era, portanto, realizada em diversas esferas, da política à literatura, com a propagação e consolidação de personagens escravizados “fiéis e úteis” no imaginário do leitor. Esse jogo de tensões colocava entraves na construção da identidade nacional e na disseminação de uma imagem do Brasil que fosse mais progressista e moderna, algo que não parecia em acordo com a manutenção da escravidão.

Em 1881, o filósofo brasileiro Miguel Lemos aponta, na 1ª circular do Apostolado Positivista do Brasil sobre a literatura produzida no país, o afã com que a mente brasileira assimilava os movimentos literários europeus, algo apontado por diversos autores que falam sobre a história da literatura brasileira naquele período. Segundo Lemos, essa prática acabava por limitar a vida intelectual, ou melhor dizendo, limitava a produção literária a cópias dos romances franceses e imitações dos poetas europeus, imiscuídas de “felizes rasgos de inspiração local” (IGLÉSIAS, 2004, p. 389), um argumento difícil de ser rebatido, considerando a evidente tendência na literatura de se copiar e reproduzir os movimentos europeus e seus padrões estéticos.

A partir das questões levantadas com relação à História do Brasil, é possível perceber que inúmeros aspectos do período aqui estudado se relacionam de forma indissolúvel com a Europa, e, levando-se em conta o objeto de estudo desta tese, da França. As influências e vínculos se deram em diversas esferas da sociedade brasileira, de aspectos cotidianos, representado pela adoção do idioma na alta sociedade carioca, a acontecimentos históricos de grande porte, como o enfraquecimento da monarquia, o fortalecimento do republicanismo, incluindo também a produção de literatura nacional e seus movimentos literários. Em outras palavras, o processo de construção de uma identidade nacional brasileira no século XIX está fortemente ligado à França.

3.3 INSPIRAÇÃO, EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO LITERÁRIA

A França, além de centro literário do mundo ocidental no século XIX, exerceu um papel um pouco mais discreto, mas não menos importante na circulação de obras em outros idiomas. Como aponta Cooper-Richet (2009, p. 540), Paris abrigou um setor da literatura bastante particular, as chamadas "livrarias estrangeiras", constituído pelas edições e publicações elaboradas e vendidas por editores-livreiros em línguas distintas do francês, das mais conhecidas, como o italiano e o inglês, às mais periféricas, como o persa e o mongol. Dentre as obras em língua estrangeira publicada pelos editores-livreiros de Paris, estava também o português, já que a colônia recém-liberta do jugo de Portugal progredia a passos largos e viu nascer uma elite culta que desejava consumir literatura, mas que não via suas necessidades atendidas pelo parco mercado editorial brasileiro na primeira metade do século XIX. Portanto, as obras em português editadas e publicadas em Paris, embora consumidas por brasileiros e portugueses que ali viviam, também desembarcavam do outro lado do Atlântico para suprir o mercado literário brasileiro.

É por esse motivo que, durante o referido período, Paris atendeu a essa demanda, já que se encontrava, nas palavras de Cooper-Richet, "na encruzilhada de todas as línguas e todas as culturas" (2009, p. 541). Com relação à impressão e à publicação de obras lusófonas, por exemplo, Cooper-Richet indica uma cifra de em torno de 600 obras em língua portuguesa, com cerca de, no mínimo, 500 exemplares cada uma, o que leva à estimativa de aproximadamente 300.000 exemplares de obras lusófonas que circularam na França e a partir da França apenas na primeira metade do século XIX (COOPER-RICHET, 2009, p. 548).

A mesma autora destaca a alcunha do século XIX como "século do jornal", ou seja, o período histórico em que a impressão de periódicos informativos deslançou efetivamente. Entre os anos de 1815 e 1830, circularam pelo menos dez periódicos em língua portuguesa, que traziam artigos e notícias sobre assuntos diversos, mas especialmente sobre literatura, política e ciência (COOPER-RICHET, 2009, p. 548), e tinham em comum o objetivo de contribuir para o avanço da nação brasileira. Em um período em que as publicações nacionais começavam a tomar força, esse esforço de fazer avançar a nação por meio da disseminação de conhecimento fez com que a publicação de escritos brasileiros adquirisse outra dimensão, como se houvesse, no território francês, uma visão coletiva da importância dessas publicações.

Esse tipo de produção não ficou restrita ao Brasil e à França, destaque, por exemplo, o periódico que circulou em 1856, 1858 e 1859 em Portugal, a *Ilustração Luso-Brasileira*, periódico semanal que tinha como um de seus objetivos veicular e disseminar a intelectualidade brasileira. Isso se dava através da publicação de contos, crônicas, poesias e outros gêneros literários. Um dos destaques brasileiros da publicação foi o poeta romântico brasileiro Casimiro de Abreu. Publicações como a *Ilustração* contribuíam para difundir uma impressão positiva do Brasil na Europa, despertando o interesse pela literatura produzida no país.

Na segunda metade do século, o Brasil recebe algumas casas de edição francesas importantes, como a Garnier, que aqui vem se estabelecer em uma tentativa de ampliar o mercado editorial local. A autora destaca a participação de dois grupos distintos, cuja cooperação foi fundamental para impulsionar a produção de literatura lusófona na cidade de Paris: o primeiro grupo é composto por livreiros, editores e impressores franceses, e o segundo, por literatos, cientistas, artistas e diretores de periódicos portugueses e brasileiros (COOPER-RICHET, 2009, p. 541).

A imprensa brasileira também adotou, em certa medida, um modelo similar ao que se seguia na França, o que pode ser observado na publicação de romances folhetinescos de autores franceses nos jornais e periódicos da época. A ampla aceitação do romance de folhetim de autores franceses por parte do público leitor garantiu a consagração do gênero em um lugar especial nos jornais e caracterizou boa parte da literatura francesa que foi importada para o Brasil no século XIX (ATIK, 1989, p. 49-50). Alguns escritores brasileiros, influenciados pela crescente popularidade do gênero, adotariam o modelo do romance folhetinesco, publicando partes de romances de forma periódica e regular, com vistas à publicação da obra completa, caso se verificasse o sucesso da obra junto aos leitores.

Saliento também a contribuição de Domingos José Gonçalves de Magalhães, considerado o responsável por introduzir o romantismo no Brasil. Embora seja considerado um poeta mediano pelos críticos, merece destaque sua atuação na publicação da revista *Nitheroy* em Paris, juntamente com Francisco de Salles Torres Homem e Manuel José de Araújo, mais conhecido como Araújo Porto Alegre. Um dos artigos publicados na revista, "Essai sur l'histoire de la littérature brésilienne", que foi lançado também como livro, é "considerado um manifesto a favor do romantismo, uma corrente literária então ainda pouco conhecida pelos brasileiros" (COOPER-RICHET, 2009, p. 554).

Como coloca Antonio Candido, essa corrente literária surge "como um caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto, a identidade, em oposição à metrópole, identificada com a tradição clássica" (*apud* SCHWARCZ, 1998, p. 39). É nesse sentido que se desenvolve uma literatura romântica que é inspirada na natureza, ainda que imaginada e idealizada, o que agradaria o gosto europeu, fascinado pela biodiversidade dos trópicos (PÁDUA, 2009, p. 335).

A introdução do romantismo no Brasil corrobora o que sustenta Antonio Candido (1989, p. 147), quando destaca a lentidão ou ausência de progresso e promoção da cultura no Novo Mundo, fatores que contribuíram para estimular uma tendência que se fortalecia nos países do continente americano, a saber, a imitação dos modelos literários europeus. Considerando-se que os escritores brasileiros também tinham o objetivo de obter a validação do centro literário mundial, a França, um dos meios usados nessa busca foi a importação de certos movimentos literários da Europa, como aponta Pietri (1995, p. 153), que ressalta que esse entusiasmo por tudo que vinha do Velho Continente acabou por fomentar essas imitações. A consequência disso, segundo a autora, é um atraso no desenvolvimento de um modo de expressão próprio, já que a produção literária nacional se orientava pelos movimentos europeus, com alguns anos de diferença, como ocorreu com o Simbolismo, o Parnasianismo e o Romantismo, por exemplo.

Pietri reforça o que aponta Candido, ao dizer que a colônia, embora já independente da metrópole, sofria a influência desse impulso imitador, e passa a enxertar estéticas literárias europeias, apropriando-se de movimentos literários europeus, embora com alguns anos de atraso em relação à Europa (CANDIDO, 1989, p. 147). Como resultado, os romances brasileiros seguiam uma de duas tendências, a primeira, de um tom folhetinesco de forte influência francesa, e a segunda, imbuída do realismo descritivo, também importado da Europa. A título de exemplo, cito um caso bastante emblemático: o romance *A Carne*, do escritor mineiro Júlio Ribeiro. Essa publicação de 1888 é tributária do naturalismo francês, e o próprio autor escreve uma dedicatória da obra em francês, nas primeiras páginas, ao maior representante do movimento naturalista, Émile Zola.

O que se observa nas publicações literárias nacionais no século XVIII e XIX são dois tipos de produção: aquelas destinadas a imitar ou reproduzir o que faziam os grandes autores franceses, e aquelas que retratavam um tropicalismo

romantizado como forma de apelar ao gosto pelo exótico, tão em voga na Europa naquele período. Esse tropicalismo era veiculado também nas artes visuais, com a produção de imagens do imperador e de cenas da vida no império adornadas com produtos típicos tropicais, elementos presentes, por exemplo, nas obras de Albert Eckhout, pintor e desenhista holandês que retrata muitos dos supostos símbolos nacionais da época. Na literatura, tanto a imitação dos modelos europeus quanto o apelo ao interesse pelo tropical tinham a Europa como farol, e era comum que os escritores brasileiros buscassem validação pela semelhança com a literatura francesa ou, então, pela exportação de uma ideia europeizada do que seria o cenário exótico do Brasil e sua beleza selvagem. Como coloca Pádua (2009, p. 357), a natureza se torna um ativo cultural do país, um valoroso elemento característico do país no cenário internacional. Trata-se de uma espécie de propaganda do Brasil pela via da literatura.

Como resultado desse esforço de idealização e de disseminação do que seria o patrimônio nacional representado pela natureza, pelo indígena e pelas riquezas naturais, tem-se uma série de obras literárias marcadamente indianistas, que tem os elementos locais como matéria-prima. É o caso, por exemplo de *O Uruguai*, de Basílio da Gama, poema épico publicado em 1769, e dos três famosos romances indianistas de José de Alencar: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Cito ainda um curioso romance francês que tinha o indígena brasileiro como tema, *Jakaré-Ouassou: ou Les Tupinambas, chronique brésilienne*, de autoria de Daniel Gavet e Philippe Boucher, publicado em Paris em 1830. É a partir do romantismo arcádico, marcado por Basílio da Gama, que se instaura uma tradição literária nativista no Brasil império, com notas nacionais que passariam a diferenciar o Romantismo brasileiro do europeu. Não se pode, no entanto, ignorar alguns predecessores dessa tradição, como o poeta barroco Gregório de Matos, no período colonial.

O Romantismo brasileiro vinha na esteira de uma produção literária ainda bastante incipiente, já que a publicação de literatura brasileira só começa a tomar força, efetivamente, a partir do século XIX. O período da regência, após a fase joanina do início do século, foi marcado pelo Arcadismo e por um contato tardio com o Romantismo europeu, que viria a inspirar diversas obras emblemáticas do século XIX. Contudo, o indianismo, embora bem-intencionado na exaltação do substrato nacional, não consegue escapar da tendência europeia de romantizar o indígena,

mostrando um conhecimento difuso e pouco empírico do nativo brasileiro, de seus costumes e hábitos, por parte dos escritores que se dedicavam a escrever sobre o Brasil, ainda que de forma ficcional.

Por outro lado, não eram poucos os cientistas e intelectuais que se dedicavam verdadeiramente a conhecer e explorar o Brasil, bem como outros países da América Latina. Cito, por exemplo, o geógrafo francês Charles Marie de La Condamine, responsável por viagens de exploração na América do Sul, na África e no Oriente Médio ainda no século XVIII. No Brasil, desceu o Amazonas até sua foz em 1743, muitas décadas antes da chegada da família real portuguesa ao país. É importante destacar que poucas eram as expedições de exploração autorizadas no Brasil nesse período, já que o país estava sob forte fiscalização dos portugueses por conta da existência de jazidas de minérios valiosos e da possível descoberta de mais jazidas no território. Por esse motivo, a expedição de La Condamine representou uma importante exceção no histórico das viagens de exploração ao Brasil.

O geógrafo francês teve a oportunidade de entrar em contato com os saberes dos indígenas brasileiros, mais especificamente, com o uso que faziam de vegetais nativos para tratar as febres palúdicas, como a quinina. Ainda, quando retornou à França, expôs à Academia de Ciências as propriedades da seiva da seringa, um prenúncio do uso da borracha, que se tornaria um dos principais produtos comercializados pelo Brasil no final do século XIX e início do século XX. La Condamine também teve a oportunidade de participar de uma viagem de exploração com o botânico Auguste de Saint-Hilaire, outro cientista que também veio ao Brasil para estudar os povos autóctones, e a flora e a fauna.

Dessa incursão resultaram importantes registros etnográficos a respeito dos povos nativos do Brasil: Saint-Hilaire, que chegou ao Brasil com apenas 17 anos, retorna 6 anos depois à França com uma gigantesca coleção de espécimes retirados da fauna do Brasil. A coleção de Saint-Hilaire contava com cerca de 16 mil insetos, 2005 aves de 451 espécies, 129 mamíferos de 48 espécies, além de répteis, peixes, moluscos e minerais. Essa impressionante coleção contribuiu grandemente para que os franceses pudessem, então, conhecer a fauna brasileira.

Outro pesquisador que desembarcou no Brasil para realizar expedições de exploração foi o naturalista franco-inglês Francis de Laporte de Castelnau, que fez uma travessia pelo Brasil do Rio de Janeiro à Amazônia e, em quatro anos de

pesquisas, coletou dados que permitiram que se esboçasse um quadro etnográfico mais satisfatório e detalhado de parte do país (IGLÉSIAS, 2004, p. 501). Castelnau publicou uma obra em 15 volumes intitulada *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du sud* (1850 – 1857), obra na qual constam os dados coletados em suas pesquisas no Brasil. Ao longo do século XIX, outros exploradores franceses vieram conhecer o Brasil e a América Latina. Alguns dos nomes frequentemente citados foram o médico Jules Nicolas Crevaux, Henri Coudreau, professor da Sorbonne que desbravou o Amazonas em 1895, Lucien Adam, que pesquisou as línguas indígenas de alguns povos nativos do Brasil, e Jean-Theodore Descourtilz, naturalista que pesquisou espécies de aves brasileiras.

Jules Nicolas Crevaux (1847 – 1882), apesar de ser médico, esteve na América do Sul como explorador em quatro ocasiões, entre os anos de 1877 e 1882, ano de sua morte. Conheceu a Bacia Amazônica e coletou diversos espécimes que levou para a França, onde recebeu importantes honrarias do governo francês por seus achados. Henri Anatole Coudreau (1859 - 1899), professor de história e de geografia, foi enviado à Guiana Francesa quando tinha apenas 21 anos, e foi a partir daí que Coudreau passou a explorar as regiões próximas, incluindo o Brasil. Dentre os feitos realizados em suas missões exploratórias, cito a exploração do Rio Branco e do Rio Negro, missão em que permaneceu dois anos, de 1883 a 1885, convivendo sozinho com os nativos da região do Rio Negro na bacia amazônica.

Coudreau realizou ainda uma segunda missão, também de dois anos (de 1887 a 1889), ocasião na qual percorreu cerca de 4 mil quilômetros e realizou levantamentos geográficos de alguns rios, dentre eles, o Oiapoque, desde sua nascente até o local de sua desembocadura (COUDREAU, 1940). Essa expedição impressiona também pela sua extensão: Coudreau explorou a pé durante 210 dias, 160 desses dias por caminhos mapeados pelos indígenas e 50 dias por mata virgem, com auxílio de uma bússola. As expedições de Coudreau eram centradas, de modo geral, nos territórios fronteiriços entre o Brasil e países como as Guianas e o Suriname.

Coudreau fez impressionantes medições e levantamentos de cerca de 150 cumes na região Norte do Brasil e nas regiões mais ao sul das Guianas e do Suriname, bem como a fixação de nascentes ali encontradas e a descrição topográfica da região montanhosa de Tumucumaque, no encontro do Brasil com as Guianas. Além de estudar a geografia e a bacia hidrográfica da região, o explorador

estudou também o clima e a flora, com um interesse específico nas seringueiras e nos cacauzeiros. Evidentemente, seus estudos visavam a exploração da região com objetivos comerciais, bem como coloniais.

Na mesma região, teve contato com cerca de 20 tribos indígenas, e teve a oportunidade de estudar seus hábitos, costumes e dialetos. O contato com os indígenas também é responsável por desfazer uma ilusão de relação de superioridade do europeu e de subserviência do nativo, um pensamento bastante comum no século XIX, especialmente entre europeus. Essa ideia é posta em dúvida a partir do contato pessoal de Coudreau com os índios, em que o geógrafo aponta quão equivocada é a ideia de que a pretensa superioridade dos europeus e de seus costumes seria universal.

Seria uma grande ilusão imaginar que os índios nos consideram superiores. Nossa civilização provoca-lhes espanto e não admiração. Somos seres diferentes, mas inferiores. O índio não precisa de nós, mas nós precisamos dele. Para que ter casas de pedra, roupas complicadas, instrumentos bizarros? Quando estamos a sós com eles, o sentimento que inspiramos com toda nossa superioridade é de desdém compadecido (*apud* HOWARD, 2002, p. 33).

O linguista Lucien Adam, por sua vez, publicou pelo menos quatro obras a partir de suas pesquisas no Brasil, a obra *Materiais para servir ao estabelecimento de uma gramática comparada dos dialetos da família Tupi* (1896), *Materiais para servir ao estabelecimento de uma gramática comparada dos dialetos da família Kariri* (1897), *O falar dos Caingangs* (1902) e *Vocabulários Metódicos das Línguas Ouayana, Aparai, Oyampi, Emérillon* (1892). A partir dos títulos das obras de Lucien Adam, e das regiões pelas quais passavam os exploradores, ficava evidente que um dos grandes atrativos do Brasil era, aos olhos dos europeus, a região Amazônica e todos os seus mistérios e peculiaridades, dentre os quais, os povos nativos, seus costumes e suas línguas, enquanto as demais regiões eram pouco visitadas, mesmo a região das Minas Gerais, tão protegida pelos portugueses por conta de suas riquezas em minérios. A região Sul, no entanto, não foi ignorada pelos exploradores: fazendeiros se instalaram na região e tinham o costume de contratar matadores de indígenas, conhecidos como “bugreiros”, para exterminar povos nativos da região e tomar posse de suas terras e recursos naturais nelas presentes (ZANELATTO; JUNG; OZÓRIO, 2015, p. 183-184).

Jean-Theodore Descourtilz (1796 – 1855) veio ao Brasil em 1830 e acabou por se filiar como pesquisador ao Museu de História Natural do Brasil, empreendendo

importantes pesquisas sobre as aves brasileiras e os minerais aqui disponíveis. Descourtilz pesquisou meticulosamente os comportamentos, os habitats, as formas e as cores de cada espécie, e publicou três obras bastante detalhadas sobre o assunto: *Oiseaux Brillants et Remarquables du Brésil* (1834), *Beija-flores do Brasil* (1835) e *Ornithologie Brésilienne ou Histoire des Oiseaux du Brésil* (1854). Dentre as mais de 160 espécies mencionadas na obra, 15 delas eram desconhecidas até a publicação dessas obras, e os volumes contam com belíssimas gravuras elaboradas pelo autor, como a gravura abaixo:

Figura 5 – Gravura de Jean-Theodore Descourtilz



Fonte: *Ornithologie Brésilienne ou Histoire des Oiseaux du Brésil* (1854)

É importante ressaltar que as expedições citadas ocorreram em um período em que se sabia muito pouco sobre o Brasil, sobre seus povos nativos e sobre sua fauna e flora. Mesmo hoje, com todos os recursos tecnológicos e o conhecimento estabelecido a respeito desses elementos, explorar a Amazônia e outras regiões naturais do Brasil já é uma tarefa hercúlea, o que coloca as expedições do século XIX em perspectiva, como explorações pioneiras e colossais. Ainda, a contribuição

desses exploradores para os estudos linguísticos, geográficos e etnográficos de um território bastante inexplorado à época foi significativa, mesmo que se possa imaginar que as expedições também tivessem o objetivo de mapear recursos a serem explorados para fins comerciais.

Em uma perspectiva mais ampla, este capítulo objetivou delinear a relação entre França e Brasil evidenciada em diversos aspectos da sociedade brasileira do século XIX, presentes tanto na vida urbana, nas festas, arquitetura, língua, moda e costumes, quanto na literatura e na produção de conhecimento relativo ao Brasil. D. Pedro II não passou incólume a essa influência, o que se refletiu em suas inclinações literárias, culturais e científicas. Elemento basilar na construção histórica e social de sua francofilia, essa influência pode ser percebida em seus documentos autógrafos, objeto da análise do capítulo 5.

4 D. PEDRO II, POETA E TRADUTOR

Por considerar que as circunstâncias sociais e históricas da vida do imperador estejam diretamente ligadas à própria existência dos documentos aqui analisados, vida e obra não poderiam ser dissociadas em um estudo como este, sob risco de perda de profundidade na análise. Nas palavras de Pádua (2009, p. 326), é fundamental que se analise o tema colocando-o em relação com seu contexto temporal e geográfico e levando em conta também sua construção cultural e histórica, como forma de evitar “graves anacronismos”. O autor aponta que reside aí a importância de se “restituir o tempo à análise”, no sentido metodológico.

Pedro de Alcântara (Rio de Janeiro, 1825 - Paris, 1891), posteriormente feito Imperador do Brasil na pessoa de Dom Pedro II, governou o país por quase 50 anos, entre sua coroação em 1841 e a conversão do império em República no ano de 1889. Deixado no Brasil por seu pai, começa o período regencial no país, uma solução que não foi capaz de acalmar a instabilidade política que a nação já sofria desde o reinado de D. Pedro I. Uma das soluções encontradas para tentar acalmar a atmosfera caótica no Brasil foi a antecipação da maioria de Pedro de Alcântara de 18 anos, idade em que poderia efetivamente subir ao trono, para os 15 anos que tinha em 1840, permitindo assim que Pedro de Alcântara pudesse se tornar imperador um pouco antes do período em que seria permitido (CARVALHO, 2007, p. 21). Em 1841, tem início o reinado de D. Pedro II.

Embora a historiografia brasileira frequentemente retrate o monarca como um homem desinteressado em governar, alguns legados de seu reinado são frequentemente mencionados nos livros de História, como, por exemplo, a defesa do território nacional e a vitória brasileira na Guerra do Paraguai, a abolição da escravatura, a vitória da aliança entre Uruguai, Brasil e províncias rebeldes contra a Argentina na Guerra do Prata, e seu constante e generoso patrocínio da cultura e das artes no Brasil (BARMAN, 1999, p. 118-119, 205; LYRA, 1977, v. 3, p. 62; CARVALHO, 2007, p. 102-103). Esse último aspecto, do mecenato e incentivo à cultura, será aprofundado no decorrer da presente tese.

O reinado de D. Pedro II termina em 15 de novembro de 1889, com a Proclamação da República e o consequente exílio da família real na Europa. O exílio se provará um período de efervescência literária para o monarca que, exilado na França e livre de suas obrigações de imperador, terá a oportunidade de se

relacionar com literatos que admirava, e de poder se dedicar a algumas de suas atividades prediletas, como o aprendizado de línguas, as traduções e o enriquecimento e incentivo à cultura e à ciência. Os acontecimentos desse período, assim como a produção tradutória e literária do imperador no exílio, serão discutidos de forma mais detalhada no subcapítulo 2.4.

Todavia, se por um lado o período do exílio representa uma oportunidade única para D. Pedro II no âmbito cultural e linguístico, por outro, o imperador já é um homem idoso, cuja saúde vai se debilitando com o passar do tempo. Em dezembro de 1891, o Imperador Dom Pedro II falece, em Paris, aos 66 anos de idade (LYRA, 1977, v. 3, p. 165), onde recebe as últimas honras do Estado francês como se fosse ainda um chefe de estado em exercício, tamanho era seu prestígio no país de Victor Hugo.

Como fruto do interesse do monarca pelas atividades citadas no parágrafo acima, a saber, o aprendizado de línguas, a prática de tradução, a leitura e a troca de correspondência com literatos diversos, originou-se um corpus significativo de documentos manuscritos. São centenas de manuscritos variados, escritos em diversos idiomas, como francês, italiano, alemão, inglês, árabe, sânscrito, entre outros, que dão prova de sua inclinação por essas atividades (SCHWARCZ, 1998, p. 428). Além dos manuscritos, o imperador manteve o hábito de registrar seu cotidiano em diários de viagem, que surpreendem por seu nível de detalhamento, um importante material que compõe o acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial/IBRAM e que é, hoje, patrimônio mundial da UNESCO³.

Esses volumes compreendem um grande período da vida de D. Pedro II, de 1840, quando se torna imperador, até o ano de sua morte, em 1891. Como se verá ao longo desta tese, o cruzamento entre esses dois conjuntos de documentos históricos fornece informações essenciais para o objetivo desta pesquisa, de delinear sua francofilia através dos documentos manuscritos que produziu. Portanto, embora o objeto de estudo principal seja o conjunto de manuscritos de esboços de traduções e de poemas autorais de D. Pedro II, a pesquisa é fortemente amparada pelos registros dos diários do monarca por conta da riqueza de seu conteúdo, além de outras fontes pertinentes, como biografias e livros de história que tratam do período aqui analisado, que abarca uma parte significativa do século XIX.

³ <https://museuimperial.museus.gov.br/patrimonio-da-humanidade/>

4.1 D. PEDRO II E A LÍNGUA FRANCESA

Os primeiros contatos de D. Pedro II com a língua francesa se deram muito cedo, na figura de sua madrasta, Amélia de Leuchtenberg, segunda esposa de seu pai, D. Pedro I. A imperatriz falava francês fluentemente, e adotou o francês como idioma principal na corte no Brasil. Como se verá no segundo capítulo, a língua francesa desfrutava de um enorme prestígio, por conta de seu status de língua franca da cultura no Ocidente, um estatuto que certamente viria a influenciar a visão de D. Pedro II do sistema de validação literária mundial, que passava, inevitavelmente, pela França. A obra *Guerra & Paz*, do escritor russo Leon Tolstói, por exemplo, conta com trechos significativos em francês que fazem parte das interações entre os personagens pertencentes à aristocracia russa, um testemunho do status de prestígio da língua francesa.

Pedro de Alcântara começara a aprender a língua francesa ainda criança, aos 5 anos, conforme diz uma carta que foi enviada a seu pai, D. Pedro I, por sua governanta Madame Mariana de Verna, a Condessa de Belmonte (LYRA, 1977). Seu tutor de língua francesa era o padre Boiret, seu primeiro professor do idioma. À época, Pedro de Alcântara também já demonstrava um conhecimento expressivo de gramática, como aponta a governanta na carta, que menciona que, mesmo sem estudar, respondia a todas as perguntas de seu mestre (LYRA, 1977, p. 19). Desde tenra idade, o menino mostra propensão ao aprendizado de idiomas, um interesse do qual resultaria o aprendizado de pelo menos 17 idiomas. Sua inclinação natural pelos estudos de línguas fez com que aprendesse e dominasse diversas delas, dentre as quais francês, espanhol, latim, inglês, grego, árabe, italiano, alemão, sânscrito, hebraico, chinês, provençal e tupi-guarani (SCHWARCZ, 1998, p. 428).

Além do aprendizado de idiomas, D. Pedro II também se aventurou nos estudos linguísticos, como aponta Mafra (2015, p. 117), ao destacar que “Seguindo a tendência europeia do século XIX, D. Pedro II se interessaria também pelo Oriente e pela língua clássica indiana, traduzindo do sânscrito as fábulas do *Hitopadeśa*”, em consonância com a inclinação da filologia praticada na Europa à época, que visava encontrar uma matriz linguística comum que seria a raiz de todas as línguas. Como resultado dos estudos linguísticos e do aprendizado de línguas que empreendeu, D. Pedro II também deixou uma extensa produção literária e tradutória,

já mencionada na introdução da presente tese. São centenas de manuscritos contendo gêneros textuais distintos e escritos em diversas línguas que conhecia e estudava (SCHWARCZ, 1998, p. 428).

Os manuscritos de conteúdo mais literário apresentam, em sua maioria, esboços de traduções, mas também textos de autoria própria. Cito também, como uma das fontes de informações consultadas para a elaboração desta tese, os diários escritos por D. Pedro II, diversos volumes que compreendem o período de 1840, ano de sua coroação, a 1891, ano de sua morte. Seus diários fazem parte do acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e estão disponíveis integralmente no site da instituição⁴.

Assim, ao longo de sua vida, D. Pedro II elaborou e acumulou uma quantidade expressiva de documentos escritos não apenas em francês, mas em diversas línguas que estudou e aprendeu. O francês era usado pelo monarca para escrever poemas, cartas, e até mesmo para fazer registros em seus diários. A presença do francês como língua de escrita em um gênero textual tão íntimo, registro que talvez não fosse considerado, por sua natureza, destinado ao olhar alheio, mostra a intensidade do vínculo do monarca com a língua francesa, já que, no âmbito dos diários, não se tratava de uma situação de comunicação entre locutores distintos, e sim de um registro hermético, elaborado para si mesmo. No dia 28 de novembro de 1891, por exemplo, o monarca relata suas atividades do dia em seu diário misturando português e francês:

28 [novembro de 1891] Novbro (sábado) — 8h 50' Não recebi nada, apesar muitos conhecidos vieram. A Isabel, Barão e Baronesa de Muritiba, Eugenia, Conde Nioac, Barão da Estrêla.
4h 30' Ouvi ler a Isabel. Aljezur veio ver-me, está acabado o trabalho do conferimento das jóias.
Seibold ma parle dun profite sur une nouvelle publication d'un Chant pour la fête de l'année. 7h 10 Sábado 28.
Acaba de sair Charcot. 8h 45 Tem conversations ave Mr. le Comte d'Alzejur est déjà en allai. 10h Soi ci Paranhos. À 10h 45 S. M. c'est repose, après la lecture sur les ouevres de Wagner. Commencé à dormir. 11 15 et reveillé à 11 45. J'ai bu de l'eau pour dormir. 1 25 Prèsque 5 heures du matin dans mon pays. À 2 heures du matin j'ai à demande de l'eau. (ALCÂNTARA, 1999)

⁴ Site do Museu Imperial/IBRAM: <https://museuimperial.museus.gov.br/diarios/>

No entanto, é muito provável que o imperador tivesse ciência de que seus diários, embora pessoais, constituíssem um objeto de interesse e valor histórico, por conta de sua importância como governante.

As demais línguas que o monarca estudou e aprendeu aparecem de formas variadas em outros documentos, sendo sua relação com cada idioma construída de forma muito particular. Se, por um lado, a presente tese é dedicada à relação do monarca com o francês, não se trata de estabelecer uma predominância dessa relação linguística sobre as demais, trata-se de estudar uma peça de um quebra-cabeças maior formado pela relação do monarca com cada um desses idiomas. O estudo sobre a francofilia aqui empreendido é um recorte de um perfil linguístico bastante amplo e complexo, dentro do qual está situada a relação do imperador com a língua e cultura francesas, sem nenhum tipo de hierarquia com relação a uma ou outra língua além do francês e sem a pretensão de indicar que uma língua tenha sido mais importante para o monarca do que as demais. Nesse sentido, existem outros trabalhos elaborados por membros do NUPROC que se dedicaram a elucidar documentos relacionados a outras línguas, trabalhos que podem ser consultados no site do Núcleo⁵.

Com relação aos documentos citados, diários, manuscritos, cartas e afins, é importante que se tenha uma visão de conjunto dos documentos, já que muitos deles, embora de categorias diferentes, foram produzidos por volta da mesma época e dialogam entre si, com informações que se complementam. Em outras palavras, os diários e cartas podem ser explorados com o objetivo de coletar dados a respeito das condições de produção dos manuscritos literários e esboços de traduções, enriquecendo a análise, especialmente no aspecto sócio-histórico relacionado à francofilia, foco desta tese. Dentre esses documentos, escritos em línguas diversas, extraio um conjunto particular de fólios⁶, uma amostra que permite dar suporte à relação entre o monarca e a língua e cultura francesas, documentos que compõem o *corpus* desta pesquisa e que foram selecionados a partir de um conjunto maior de itens, de acordo com uma metodologia de fechamento de amostra.

⁵ Site do NUPROC: www.nuproc.cce.br

⁶ A palavra “fólio” designa, no sentido mais amplo, um conjunto de duas páginas (frente e verso). Etimologicamente, o termo vem do latim *folium*, que remete a uma folha de papiro ou um pergaminho. Na Crítica Genética, e em outras áreas dos Estudos Literários, o termo é empregado para fazer referência a uma página manuscrita de uma coleção de documentos, acepção de que me valho aqui.

A partir do estudo desse conjunto de manuscritos, é possível perceber, portanto, uma notável dedicação do imperador ao cultivo de sua erudição, o que envolvia, no âmbito das línguas e da literatura, o aprendizado e o aperfeiçoamento de idiomas, a tradução como uma forma de estudo e de mediação cultural, e a produção literária autoral. Destaco também que todos esses esforços relacionados às línguas, à literatura e à cultura pareciam fazer parte também de uma iniciativa espontânea do monarca, partindo de uma inclinação pessoal e de uma influência sócio-histórica presentes desde sua infância, e que perdurou até o fim de sua vida. Como resultado dessa inclinação pessoal relacionada à língua francesa, tem-se um conjunto expressivo de manuscritos elaborados inteiramente ou parcialmente em língua francesa, conjunto que será examinado de forma mais aprofundada através da amostra analisada no capítulo 5 da presente tese.

4.2 VIAGENS À FRANÇA

O contato de D. Pedro II com a influência francesa não se deu somente através da presença de vestígios da cultura e da língua no contexto sócio-histórico brasileiro, já que o monarca também teve a oportunidade de viajar pela Europa em três ocasiões, além de uma quarta viagem, que foi sua partida para o exílio. Destaco que, no contexto do século XIX, era comum que membros da classe alta da sociedade brasileira fizessem viagens à Europa como uma forma de complementar a formação acadêmica, já que a Europa era, à época, a referência cultural e científica do mundo ocidental, e uma viagem à Europa fazia aumentar o prestígio social do indivíduo que a realizasse. Essa experiência típica de membro da alta sociedade, somada ao status de governante do imperador D. Pedro II, fazia com que as viagens fossem mais do que meramente turísticas ou diplomáticas, pelo contrário, representavam ricas oportunidades para se estabelecerem relações intelectuais e trocas culturais.

Contudo, uma peculiaridade chamava atenção com relação ao imperador em suas viagens: o monarca tinha o costume de dispensar quaisquer luxos, honrarias, mordomias excessivas e grandes recepções por parte de seus anfitriões. Ainda, D. Pedro II viajava sob a alcunha de Pedro de Alcântara, preferindo ser tratado como um homem “comum”, na medida em que isso fosse possível, e não com as honrarias costumeiramente destinadas aos chefes de estado da época. O monarca usava o

transporte público das cidades que frequentava, acompanhado apenas por um pequeno séquito, ocasiões em que fazia muitas caminhadas a pé. Esse comportamento era bastante atípico em um continente como o europeu, cujos chefes de estado se apresentavam de forma bastante distanciada e superior em relação aos habitantes dos países que governavam. Por outro lado, o imperador também não estava alheio às oportunidades que sua posição política poderia proporcionar, como visitas exclusivas a instituições importantes, poder estar presente em cerimônias e ocasiões solenes, e, principalmente, o acesso privilegiado ao conhecimento e à cultura produzidos na Europa naquele momento.

Esse hibridismo representado na figura do monarca é bastante emblemático de sua atuação tanto como imperador quanto como homem letrado. Ao longo da realização desta pesquisa, ficou evidente a personalidade heterogênea de D. Pedro II, um governante e estadista que desfrutava de certos privilégios, como poder circular com facilidade em meio às grandes mentes da cultura e da ciência daquele tempo. No âmbito pessoal, no entanto, o imperador era um grande entusiasta da literatura, além de atuar como tradutor e como poeta. Essas duas facetas distintas se complementavam e compartilhavam a característica em comum da marca de uma francofilia significativa.

Na primeira viagem de D. Pedro II à Europa, no ano de 1871, o imperador visitou Portugal, Itália, Áustria-Hungria, Inglaterra, Bélgica e França (ALCÂNTARA, 1999, s.p.). Sua partida do Brasil para viajar à Europa foi duramente criticada no Brasil, mas repercutiu positivamente no velho continente, além de ter sido tema de alguns artigos e matérias de jornais e periódicos europeus. Essa diferença de opiniões se devia ao fato de que, para alguns no Brasil, o imperador se dedicava a assuntos que não estavam diretamente relacionados ao governo de seu país, como a ciência, enquanto o país passava por diversas turbulências ligadas a questões políticas. Na Europa, porém, sua curiosidade científica era bastante apreciada por governantes e cientistas, a ponto de, na ocasião de sua cerimônia fúnebre, terem sido registradas as presenças de cientistas ilustres, como o cientista Louis Pasteur, o geólogo Auguste Daubrée e o físico Henri Becquerel (SANTOS, 2004, p. 63).

Dentre as atividades nas quais o monarca se engajou nessa primeira viagem, destaco a visita do imperador à Académie des sciences, em Paris, ocasião na qual D. Pedro II encontrou o já mencionado geólogo francês Auguste Daubrée, a quem solicitou um guia que tratasse das melhores maneiras para explorar os minérios no

Brasil (PIRES, 2007, p. 173). Esse contato estabelecido entre o imperador e Daubrée daria origem, em 1876,   Escola de Minas de Ouro Preto, uma institui o destinada à forma o de profissionais em engenharia e arquitetura.

A funda o da Escola de Minas foi também obra de um francês, o cientista Claude-Henri Gorceix, indicado a Dom Pedro II por Daubrée, que dirigiu a institui o pioneira no Brasil na forma o de engenheiros de minas e geólogos, especificamente. Pires (2007, p. 173) relata que Gorceix tinha um canal de comunica o aberto com o imperador para fazer solicita es para a Escola, e a rela o estabelecida entre os dois homens tanto se estreitou que o imperador e a imperatriz do Brasil foram padrinhos de batismo da filha de Gorceix. Quase um século mais tarde, em 1969, seria a Escola de Minas em conjunto com a Escola de Farmácia de Ouro Preto que dariam origem à Universidade Federal de Ouro Preto, institui o que perdura até os dias de hoje.

A segunda ida do monarca   França ocorreu em 1876, após uma estadia nos Estados Unidos da América. Nessa ocasião, D. Pedro II passa um ano e meio ausente do Brasil, viajando por Alemanha, Suécia, Finlândia, Rússia, Itália, Áustria, França, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Holanda, Su a e Portugal (ALCÂNTARA, 1999, s.p.). O monarca, acompanhado por sua comitiva, também foi à Turquia e voltou ao Egito, onde já havia estado em uma ocasião anterior.

Em 1887, D. Pedro II viaja   Europa pela terceira vez. Dessa vez, o imperador se encontra com a saúde bastante debilitada por conta da diabetes, e passa pela França para se consultar com um médico, seguindo, posteriormente, para a Alemanha, onde passaria uma temporada de repouso e tratamento nas águas termais de Baden-Baden. O monarca estaria ainda ausente do país na ocasião da assinatura da Lei  urea, em 13 de maio de 1888, pelas mãos de sua filha, a Princesa Isabel, que atuava como regente do Brasil na ocasião de sua viagem.

A última viagem de D. Pedro II   França ocorre em 1889, quando o imperador   destituído do trono brasileiro, o regime monárquico cai e a República é estabelecida no país. Apesar de não se tratar de um processo sanguinário ou violento, como ocorreu na França por ocasião da Revolu o Francesa, cerca de cem anos antes, a presença e a figura respeitável do monarca ainda representavam, de certa forma, uma ameaça   República recém-estabelecida, na  tica dos militares, razão pela qual D. Pedro II é enviado para o exílio. O monarca parte, juntamente com a imperatriz, para a Europa, onde passaria os dois anos seguintes, até seu falecimento, em 1891.

Inicialmente, a família real desembarcou em Portugal, na cidade do Porto, mas a saúde da imperatriz se encontrava bastante precária, e a imperatriz Teresa Cristina não resiste mais do que algumas semanas fora do Brasil. Viúvo, o imperador parte, então, para a França, onde passaria o restante dos seus dias em modestos aposentos. No entanto, esse período se prova particularmente profícuo para o processo criativo do monarca, visto que, estando na França, a correspondência e o convívio com os escritores que lia, traduzia e admirava tornam-se mais fáceis, estreitando, assim, sua relação pré-existente com a literatura francesa, tópico do subcapítulo a seguir.

4.3 O MONARCA E A LITERATURA FRANCESA

Uma característica importante dos documentos analisados nesta pesquisa, especificamente os diários e os manuscritos de esboços de traduções, é a relação que se estabelece entre os dois tipos de registro. Se, por um lado, os manuscritos proporcionam um olhar direto para as traduções conforme elaboradas pelo imperador, os diários representam, de certa forma, um inventário dessas traduções, ou ainda, uma espécie de diário de bordo, em que o monarca registra os dias e horários em que elaborou as traduções analisadas. No dia 24 de novembro de 1876, por exemplo, o imperador anota “Jantei às 6. Acabei depois a tradução do canto de Deborah reconhecendo que tenho esquecido bastante o hebraico e vou deitar-me daqui a pouco.”. Esse tipo de registro pode ser encontrado diversas vezes ao longo da leitura de seus diários, o que permite um extenso mapeamento de suas traduções de e para diversos idiomas, além da língua francesa.

Embora um diário de bordo tenha a finalidade de registrar contratempos e problemas para controle da navegação em viagens, o imperador empreende seu próprio uso desse tipo de registro, descrevendo seu cotidiano de forma detalhada em viagens ao exterior e pelo território nacional. Os diários do monarca estão repletos de descrições do trajeto, detalhes sobre os meios de transporte, citações a coisas que viu e ouviu em suas caminhadas, entre outros. Chama atenção a maneira como D. Pedro II descreve monumentos e construções, comentando detalhes da arquitetura e medidas estimadas dos cômodos e dos prédios, como é possível perceber na passagem abaixo, retirada do volume 2 de seus diários, quando o monarca visita a ilha de Tinharé, na Bahia, no ano de 1859:

Orei por um pouco na Igreja, em cuja sacristia há um ex-voto de navegantes e fui depois visitar o farol. A torre deste tem 74 pés de altura e sobe-se por 74 degraus de pedra e 4 de madeira e depois por dois lanços com 33 degraus de madeira e 1 de pedra até a varanda que rodeia a lanterna de onde se goza de excelente vista, chegando a descobrir-se, segundo dizem, o farol de Sto. Antônio na Bahia, a 10 léguas de distância. Há 9 degraus de ferro dentro da lanterna para chegar ao aparelho do farol, que é do sistema Fresnel, e do fabricante Henry Lepante, Paris. (ALCÂNTARA, 1999)

Ainda, o imperador registra em seus diários os conhecimentos científicos e culturais adquiridos em suas andanças pelo mundo. Na passagem abaixo, por exemplo, o monarca explica, no volume 2 de seus diários, o processo pelo qual é fabricado o óleo de mamona, processo com o qual se familiarizou também em sua ida à Bahia em 1859.

Tratarei agora do fabrico do óleo de mamona. Há duas prensas hidráulicas e outras de mão, porém de grande força, segundo dizem os Araújo, feitas estas em Pernambuco na fábrica de C. Storn & Cia. 1850, para espremer a mamona, de que compram mil alqueires dos daqui por ano, faltando já a mamona, ainda que a plantação aumenta muito; pois há outras fábricas, tendo o Araújo plantado o rícino a princípio por experiência; a melhor mamona é a chamada de 7 canadas, de que levarei uma porção de semente. A primeira pressão é a frio, e dá o óleo medicinal que depois se purifica. O bagaço comprime-se depois a quente para extrair o óleo de iluminação, que também é purificado e de grande consumo. O medicinal parece tão bom como o Castor Oil. Fazem outras qualidades de azeite notando o do ouricuri, espécie de coco, de bela cor, e aromático. A purificação faz-se numa caldeira de capacidade de 120 canadas e 10 garrafadas cada uma, e é maior do que precisa por ora o fabrico. O bagaço da mamona é o que alimenta o fogo das fornalhas da máquina de vapor e também serve para estrume, principalmente para o capim, havendo já muitos pedidos desse estrume da Bahia. (ALCÂNTARA, 1999)

Suas descrições não se limitam a isso, o monarca também inclui em seus diários de bordo informações sobre sua própria saúde, como dores e indisposições, sono perturbado ou tranquilo, e se comeu bem ou não, e a que horas. Todas essas informações trazem outra dimensão à sua biografia, já que é possível cruzar os eventos biográficos da vida do monarca e detalhes mais íntimos registrados por ele mesmo, tornando possível que se conheça o lado dos bastidores e da intimidade do monarca enquanto grandes eventos ocorriam em sua vida e em seu país. Tem-se, portanto, o olhar do monarca, sem intermediários ou biógrafos, para questões e acontecimentos importantes, bem como para as situações triviais de seu dia a dia. Eis a importância do registro pessoal de D. Pedro II, tanto na forma de seus “diários

de bordo”, quanto na forma de seus manuscritos, tendo sua biografia como suporte fundamental.

Adicionalmente, ao observar o conjunto dos diários de D. Pedro II e o teor de seu conteúdo, fica evidente que esses registros eram voltados mais à manutenção de dados e informações coletados em viagens, tanto nacionais quanto domésticas. Em outras palavras, registros de seu cotidiano no Rio de Janeiro não aparecem em grande número, o que permite inferir que as traduções e escritos autorais elaborados em períodos em que o monarca estava na corte imperial do Rio de Janeiro podem não ter sido registrados, como acontece com muitos outros documentos.

Um segundo argumento que permite sustentar essa hipótese é a catalogação feita em minha dissertação de mestrado (MAZZOLA, 2018) de mais de 40 documentos escritos parcialmente ou integralmente em francês. Na ocasião dessa catalogação, foi possível determinar, graças aos diários, a data de elaboração desses documentos. Não parece ser por acaso que boa parte dos manuscritos catalogados tem sua data de elaboração próxima ou durante alguma das viagens do monarca ao continente europeu. Assim, os documentos que ficaram com data de elaboração indefinida devem ter sido escritos em ocasiões em que o imperador estava no Rio de Janeiro, e por esse motivo não há um registro dessas traduções em seus diários de viagem. Para esses casos, uma análise laboratorial do papel e da tinta do manuscrito poderia fornecer dados que pudessem indicar uma data aproximada da elaboração dos documentos.

No entanto, em alguns casos, não foi necessário recorrer aos diários do monarca para precisar a data de elaboração de alguns documentos, já que alguns manuscritos já estavam datados. Contudo, a consulta aos diários foi útil para fornecer mais informações circunstanciais que os manuscritos não ofereciam. Um exemplo é o documento 8474 (segundo catalogação do Museu Imperial/IBRAM), identificado como pertencente ao maço 187. Trata-se de uma carta do escritor francês Júlio Verne recebida pelo imperador em 1882. Considerando as características típicas de uma carta, gênero textual que costuma conter data e local do remetente e uma referência a quem é endereçada, esse documento já fornecia informações suficientes para precisar sua data de elaboração e contexto.

O manuscrito da carta de Júlio Verne faz parte do dossiê genético relacionado à francofilia do imperador, já que constitui um exemplo de documento capaz de

fornecer informações não somente a respeito de seu conteúdo, mas também a respeito de suas circunstâncias de envio e recepção, já que Júlio Verne trata, nessa correspondência, de apresentar ao imperador a temática do romance *La Jangada*, obra integrante da coleção *Voyages Extraordinaires*. Essa coleção é composta por 54 romances publicados entre 1863 e 1905, dentre os quais estão *Viagem ao centro da Terra* e *Vinte mil léguas submarinas*. A coleção tem como principal característica a de trazer, em cada um de seus volumes, alguma história inusitada de aventura em diversos lugares do planeta, seja na terra, nos mares ou nos céus.

O romance *La Jangada*, publicado em 1881 e citado na carta enviada ao imperador, conta a história de uma família que navega em direção à cidade de Belém do Pará. Enquanto a família desliza em uma embarcação flutuante pelo rio Amazonas, Júlio Verne apresenta a Amazônia ao leitor, em uma versão romântica e idealizada da região, que certamente apelaria ao gosto dos europeus pelo exótico e pela natureza selvagem e inexplorada dos trópicos. O autor assume, na carta, nunca ter estado na Amazônia, mas conta que fez uso de relatos de viagem e obras escritas por pesquisadores e exploradores que vieram ao Brasil e que de fato conheceram a floresta amazônica, sua fauna e sua flora.

Porém, se por um lado, Júlio Verne introduz aos europeus as belezas da natureza brasileira, como as árvores nativas e animais como o peixe-boi, o autor também apresenta uma versão bastante pasteurizada de uma das maiores chagas da história do Brasil: a escravidão. Na obra, o autor faz menção ao tratamento bondoso e amigável administrado pelos senhores a seus escravos, por exemplo, em um discurso idealista que poderia mascarar uma visão mais real da crueldade da escravidão no Brasil para os leitores no exterior.

Esse e outros documentos citados ao longo desta tese apontam para alguns elementos importantes nesta tese. Em primeiro lugar, são apenas algumas das evidências da estreita relação estabelecida entre D. Pedro II e a literatura francesa, relação que os demais documentos, apoiados por seus diários, serão capazes de solidificar. Em segundo lugar, as particularidades desses documentos apontam para a necessidade de se estabelecer critérios para compor o *corpus*. Embora o processo criativo seja parte indispensável da análise aqui proposta, compor um *corpus* apenas com documentos autógrafos acarretaria a exclusão de documentos importantes para sustentar a tese de uma francofilia historicamente construída. Portanto, a seleção

dos textos se deu por um critério de significância, e não necessariamente com base em uma presença massiva de vestígios do processo criativo nos documentos.

Portanto, embora todos os documentos integral ou parcialmente em francês se relacionem com sua francofilia, podem existir outros documentos em português que dialoguem com a francofilia por seu conteúdo, elaborados pelo monarca ou não. Considerando que os documentos elaborados por terceiros são evidências do processo criativo de seus respectivos autores, abre-se mão, portanto, da obrigatoriedade da autoria do imperador para abarcar também os processos criativos de outros indivíduos, acima de tudo, pelo teor dos documentos e a relevância destes para a tese proposta. Em outras palavras, mesmo os documentos elaborados por terceiros devem fazer parte do *corpus* constituído com base em sua francofilia, já que também contribuem para defini-la e caracterizá-la. São elementos de uma rede mais ampla de elementos resultantes da francofilia do imperador.

Documentos constituintes do acervo do Museu Imperial/IBRAM foram organizados, catalogados e explorados de forma incipiente no âmbito de minha pesquisa desenvolvida no mestrado, dando origem a um dossiê genético relacionado à francofilia do monarca, o que permitiu esboçar algumas características importantes a respeito da literatura francesa pela qual se interessou o imperador, e que serviu de base para a constituição do *corpus* desta tese. Dentre as informações que puderam ser extraídas desse processo, destaco algumas que têm relação com a presente pesquisa, no intuito de contextualizar e caracterizar os manuscritos analisados no quarto capítulo desta tese.

Os manuscritos analisados em Mazzola (2018) são compostos, em grande parte, por documentos elaborados entre os anos de 1887 e 1891, embora alguns fólhos datem de outras épocas da vida de D. Pedro II. Outra característica que deve ser mencionada é que boa parte dos poemas analisados nesta tese são poemas que foram publicados em uma antologia intitulada *Poesias completas de D. Pedro II: originais e traduções*, compilada por seus netos. Como já mencionado no subcapítulo anterior, o monarca esteve em viagem à Europa nesses dois períodos. A primeira dessas duas ocasiões foi uma viagem à Europa para tratamento de saúde, e a segunda, para o exílio após a Proclamação da República. Com relação ao seu projeto literário pessoal, os manuscritos analisados apontam para uma inclinação por poemas, majoritariamente de autores franceses de nascença, como Victor Hugo, Stéphen Liégeard e Sully Prudhomme, embora alguns autores francófonos nascidos

fora da França também figurem entre seus manuscritos, como é o caso de Leconte de Lisle, natural da ilha de Reunião, e Hélène Vacaresco, poetisa romena.

Merece destaque também o fato de que muitos desses autores ocuparam cargos políticos, algo relativamente comum à época, em que escritores e intelectuais se envolviam a fundo na vida política, exercendo cargos em diversos níveis, de prefeito a senador. É o caso, por exemplo, de Théodore Reinach, Victor Hugo, Joseph Rigaud e o General Carnot. Théodore Reinach, advogado de origem judia, foi deputado pelo departamento da Saboia, na França. Victor Hugo foi eleito para o cargo de deputado na Assembleia Nacional em 1848, enquanto Rigaud, por sua vez, foi prefeito de Aix-en-Provence de 1849 a 1863, além de ter ocupado também um cargo na Assembleia Nacional.

O General Carnot, por sua vez, tem uma trajetória bastante dramática: poeta, cientista e militar, Carnot atuou na derrubada da monarquia durante a Revolução Francesa, razão pela qual seria, anos mais tarde, exilado como regicida. Essa informação nos revela uma curiosa similaridade entre Carnot e o monarca brasileiro: ambos foram políticos e amantes da literatura que terminaram suas vidas exilados de suas respectivas terras natais em países estrangeiros, o imperador do Brasil na França, e Carnot na Polônia. Carnot, no entanto, atuou contra a monarquia francesa, regime do qual D. Pedro II era peça central no Brasil.

Curiosamente, Carnot é um dos poucos escritores presentes no dossiê genético que não viveu na mesma época de Dom Pedro II, tendo falecido em 1823, apenas dois anos antes do nascimento do monarca brasileiro. No entanto, a aproximação do imperador com os escritos de Carnot pode ser atribuída ao fato de que seu neto, Sadi Carnot, era o presidente da França à época de seu exílio no país, e, de alguma forma, isso pode ter despertado o interesse de D. Pedro II pelos escritos do avô do presidente (MAZZOLA, 2018, p. 98). Porém, não é possível descartar que o interesse do monarca possa ter surgido por conta da polêmica figura representada pelo General Carnot por sua atuação na Revolução Francesa.

Com relação aos demais escritores, o imperador parecia ter uma predileção por autores vivos, já que a interlocução e a troca de correspondência parece ser um elemento fundamental na cadeia de seu processo criativo. Passagens em seus diários comprovam esse fato, como trago aqui, a título de exemplo, dois registros pessoais do monarca. O primeiro deles relata “5 de março de 1888 — 8h Sully Prudhomme a quem pedi me indicasse a poesia que preferia eu traduzisse enviou-

me dois sonetos de que já traduzi este”. O imperador pede, portanto, ao poeta Sully Prudhomme alguns sonetos para serem traduzidos, e em um segundo excerto, também extraído de seu diário, o governante aponta já ter enviado a tradução ao poeta

6 de março de 1888 10h 20' traduzi hoje outro soneto que me mandou Sully Prudhomme. [transcrição do soneto em francês e da tradução em português]

9 de março de 1888 Meia-noite 1/2. Deixei pronta a carta para Sully Prudhomme mandando-lhe a tradução dos dois sonetos dele que me mandou.

Existem diversas passagens similares às supracitadas, evidenciando que o processo criativo de D. Pedro II, principalmente quando relacionado à tradução, não se dá de forma hermética, pelo contrário, envolve a interlocução direta com os autores que traduziu, o que explicaria essa predileção por escritores que fossem seus contemporâneos, pessoas com quem pudesse se corresponder.

Por fim, como já citado anteriormente, a atividade criativa do monarca relacionada à língua francesa parecia particularmente intensa nos períodos em que estava viajando. Essa ocorrência poderia ser motivada pelas oportunidades trazidas pelas viagens, já que a interlocução, parte importante do processo criativo do imperador, se dava com mais facilidade estando no mesmo local onde estavam os escritores que traduzia. Após o término do regime monárquico no Brasil, o imperador deposto parte para o exílio na Europa, primeiro em Portugal, por um curto intervalo, e depois, na França, onde viveria por cerca de dois anos até seu falecimento. O período do exílio acaba representando uma circunstância única na vida de D. Pedro II até então, pois o monarca se vê destituído de seu trono, e volta sua atenção às atividades possíveis dentro desse contexto, dentre as quais, a escrita, a tradução e o aprendizado e a prática de línguas estrangeiras, especialmente as línguas orientais.

4.4 LITERATURA E EXÍLIO

Embora seja evidente que a língua e a literatura francesas estiveram presentes por toda a vida do imperador D. Pedro II, da infância à idade adulta, seus diários, que constituem cerca de 50 anos de registros pessoais, dão prova de uma relação metamórfica e dinâmica com o idioma. Se, na infância, o francês parece representar, para o pequeno Pedro de Alcântara, um componente curricular importante na formação refinada de um membro da família real, na idade adulta a aproximação do

monarca parece ser mais voluntária e menos compulsória, embora, evidentemente, o imperador não estivesse alheio à importância da cultura e da língua francesas dentro do contexto cultural mundial daquele período.

O período do exílio, em especial, torna-se bastante significativo na análise que apresento aqui, já que, estando exilado na França e livre de suas obrigações de governante, D. Pedro II teve a chance de ter contato pessoal com os escritores, poetas e artistas que admirava. Como resultado, são frequentes as menções em seus diários a eventos literários e culturais de que participou, cartas e anotações trocadas com escritores, passeios que fez acompanhado de pessoas que faziam parte do círculo literário francês, entre outros. Em outras palavras, embora a saída do Brasil às pressas tenha sido um duro golpe para D. Pedro II, ele encontra, no exílio, um universo de possibilidades das quais não havia podido desfrutar antes, e aproveita a ocasião para intensificar sua atividade criativa e tradutória.

Dentre as atividades de D. Pedro II no exílio, destaco, por exemplo, sua presença em sessões da Académie française e seus esforços para eleger o escritor Stéphane Liégeard como membro da instituição. Liégeard é um dos poetas citados com bastante frequência em seus diários, especialmente nos dois anos que o monarca passa exilado na França. As correspondências trocadas entre o imperador e o poeta são recorrentes, e as anotações que D. Pedro II faz a esse respeito deixam claro o propósito do contato entre eles: enquanto Liégeard recebia do imperador informações e dados sobre o Brasil com o intuito de promover a nação brasileira no exterior, o imperador usava de sua influência para tentar concretizar o ingresso de Liégeard na Académie.

Portanto, eis uma questão importante, que surge de forma menos explícita nos registros que faz D. Pedro II de seu contato com Liégeard em seus diários, o esforço do monarca para promover a imagem do Brasil na França no período do exílio, mesmo já tendo sido destituído do cargo de governante. Em um dos registros, no dia 18 de fevereiro de 1980, o imperador relata ter recebido cópias encadernadas do "artigo *Brésil*, do Rio Branco e já o distribuí por algumas pessoas e pedindo ao Liégeard uma conferência sobre o Brasil a propósito do livro" (ALCÂNTARA, 1999, s.p.). O artigo ao qual o monarca se refere é o verbete *Brésil*, elaborado por ele e pelo Barão do Rio Branco na ocasião da publicação da *Encyclopédie Française*.

Há, nos diários do monarca, outra entrada interessante, através da qual é possível perceber um senso de dever por parte do imperador para com o Brasil, uma

espécie de lealdade e responsabilidade na representação do país no exterior, mesmo não mais tendo essa obrigação de forma oficial:

20 de julho de 1890 - 10 ³/₄ esquecia dizer que *La Patrie* de 14 cita o trecho de Liégeard sobre a liberdade de imprensa no Brasil que se lê na conferência que ele fez a respeito de minha Pátria, e diz "Nous détachons ce passage sur le regime de la presse au Brésil du temps où D. Pedro régnait encore. Les renseignements proviennent croyons nous de la source la plus haute et leur mérite d'exactitude et d'actualité est double par la plume académique qui nous les transmet. "Mes idées sont favorables à sa plus grande liberté". Qui a écrit cela l'empereur lui-même de sa main, il y a peu de semaines en tête du chapitre que M. Ferreira de Araújo consacre à cette reine de notre époque. Et de fait avant les événements de 9bre je ne répondrais pas qu'il en allât ainsi depuis le départ du tyran – aucun ne jouissait, sous ce rapport de pareilles immunités"⁷. Gosto de citar estas palavras, e vanglorio-me delas. *A consciência não me acusa de poupar seja o que for para o progresso de minha Pátria e ainda espero prestar-lhe bons serviços, porque muito posso estudar para isto.* (ALCÂNTARA, 1999, s.p., grifo meu)

É importante destacar que, embora o monarca sentisse ainda certo senso de dever para com o Brasil, mesmo após sua deposição, já havia deixado claro, ainda no exercício de sua função, que sentia que havia nascido para consagrar-se "às letras e às ciências, e a ocupar posição política, preferia a de Presidente da República ou Ministro à de Imperador", provavelmente por conta do caráter vitalício deste último (IGLÉSIAS, 2004, p. 113). No entanto, apesar dessa aparente insatisfação com o cargo que ocupava, seus diários trazem diversos comentários políticos e registros de esforços para impulsionar o desenvolvimento do país em diversas esferas, tanto durante quanto depois do fim do período imperial no Brasil.

Os diários do imperador contradizem essa visão de monarca indiferente, e apontam justamente o comportamento contrário: D. Pedro II demonstrava bastante interesse no desenvolvimento e na boa imagem de seu país, e que fez e continuaria fazendo o que estivesse ao seu alcance em prol da imagem do país no exterior. Pode-se observar, nesses esforços, uma concepção mais sistêmica e humanista de

⁷ "Destacamos essa passagem do regime de imprensa no Brasil da época em que D. Pedro ainda reinava. As informações provêm, acreditamos, da fonte mais elevada e seu mérito de precisão e atualidade é duplicado pela caneta acadêmica que nos transmite. "Minhas ideias são favoráveis à sua maior liberdade". Quem o escreveu foi o próprio Imperador de próprio punho, há algumas semanas no início do capítulo que o senhor Ferreira de Araújo dedica a esta rainha do nosso tempo. E, de fato, antes dos acontecimentos de novembro, eu não responderia que tinha sido assim desde a partida do tirano - ninguém gozava de imunidades semelhantes a esse respeito." (tradução minha)

progresso, já que é evidente que, para D. Pedro II, o incentivo à ciência e à cultura estavam diretamente relacionados ao avanço e desenvolvimento de uma nação.

Portanto, o período do exílio tem, para D. Pedro II, um caráter duplo: o imperador tem a oportunidade de se dedicar às atividades culturais de sua predileção e, ao mesmo tempo, aproveita quaisquer chances que tem para promover a imagem do Brasil na França, como uma espécie de propaganda diplomática. É provável que o monarca estivesse consciente da importância da França como centro de validação literária e cultural, e por esse motivo, é evidente que seus esforços para disseminar uma imagem positiva do Brasil no país de Victor Hugo não fosse mera questão de ocasião, mas sim de tirar proveito do funcionamento desse sistema em benefício da nação à qual dedicou sua vida.

5 ANÁLISE DOS MANUSCRITOS DO IMPERADOR

5.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Retomando a tese central desta pesquisa, que é de que há uma francofilia historicamente construída em D. Pedro II, francofilia que se evidencia em seus manuscritos, e recorrendo às noções de *habitus* apresentadas no capítulo 2, o exame dos documentos em seus elementos textuais e circunstanciais tem por objetivo caracterizar e problematizar a questão tanto de forma individual, no exame dessa característica em D. Pedro II, quanto de forma coletiva, como um elemento presente na configuração sócio-histórica da época. Eis a importância de uma análise metodologicamente fundamentada que permita refletir a respeito dessas duas instâncias do indivíduo, os vestígios de sua criação e memória presentes em seus documentos manuscritos e postos em relação com o social e o histórico.

O corpus da pesquisa foi extraído, essencialmente, do acervo do Museu Imperial/IBRAM, que conta com itens de categorias variadas, de manuscritos ao mobiliário que compunha a corte imperial, passando por itens pessoais da família real. Dentre as coleções presentes no Museu Imperial/IBRAM, está o Arquivo Histórico, que reúne mais de 200 mil documentos originais. Fazem parte desses documentos diversos registros relacionados a períodos importantes do Brasil Reino, do Brasil Império e do início da República, além de fotografias que documentam a evolução visual de diversos lugares do Brasil, com destaque para o Rio de Janeiro e para Petrópolis. O Museu Imperial/IBRAM se dedica, desde 2010, a digitalizar os documentos que compõem o Acervo Histórico, e já disponibilizou, para consulta em um banco de dados on-line, cerca de 80 mil dos mais de 200 mil documentos originais que compõem seu acervo físico.

O corpus da presente pesquisa foi constituído a partir do acervo do Museu Imperial/IBRAM, através da aplicação da metodologia detalhada no capítulo 2, tendo como suporte a pesquisa anterior, elaborada na ocasião de minha dissertação de mestrado, em 2016-2018. A análise detalhada neste capítulo é, portanto, um aprofundamento da referida pesquisa. A imersão no conteúdo e circunstâncias de produção de cada manuscrito foi essencial para determinar quais documentos poderiam fornecer informações relevantes para caracterizar a francofilia, tanto com relação às recorrências de características, quanto com relação às exceções e elementos anômalos presentes no corpus. Os elementos que se destacam por sua

singularidade e pela falta de outros vestígios similares acabam por indicar alguns aspectos importantes com relação à extensão do interesse de D. Pedro II por um ou outro tipo de literatura, autor, período, entre outros.

A partir da quantificação e da categorização dos manuscritos, foram selecionados 10 documentos distintos, que foram examinados individualmente e postos em relação com a francofilia de D. Pedro II. O subcapítulo seguinte apresenta os documentos selecionados após a metodologia de fechamento da amostra proposta por Fontanella et al (2011) e adaptada para esta pesquisa, delineada no capítulo 2 desta tese.

5.2 ANÁLISE DOS MANUSCRITOS

Este subcapítulo apresenta a análise dos documentos selecionados como amostras da francofilia de D. Pedro II. Além da análise textual, que visa ilustrar a relação de D. Pedro II com a língua francesa como parte de seu processo criativo, resgato também alguns pontos em comum entre os textos traduzidos, com relação ao período ao qual pertencem, os movimentos literários dos quais fazem parte, e a relação entre o imperador e o autor do texto traduzido.

A partir das recorrências e particularidades elencadas nas tabelas apresentadas no capítulo 2, os documentos selecionados para análise foram os seguintes:

- Carta de Jules Verne recebida pelo imperador;
- Poema de Hélène Vacaresco traduzido pelo monarca;
- Poema *La Chanson des latins* traduzido pelo monarca;
- Tradução das *Poésies hébraïco-provençales*;
- *Chanson bohémienne*, poema autoral do monarca;
- Poema de Rigaud, *Le magistrat*, traduzido pelo imperador;
- *À morte do príncipe D. Affonso*, de D. Pedro II, traduzido para o francês por Stéphen Liégeard;
- Transcrição e tradução de soneto do General Carnot;
- Transcrição e tradução de soneto sem título de Sully Prudhomme;
- Transcrição de um excerto de *Les aventures à Télémaque*, de François Fénelon.

5.2.1 Carta de Jules Verne recebida pelo imperador

Trata-se de uma carta enviada pelo romancista, poeta e dramaturgo francês Jules Verne (1828 - 1905) ao Imperador D. Pedro II. A carta fala, primariamente, de seu romance *La jangada*, obra que faz parte da série de livros *Voyages Extraordinaires*. A série conta com dezenas de volumes, dentre os quais estão as obras mais célebres do autor, como *Viagem ao centro da Terra*, *Vinte mil léguas submarinas* e *Volta ao mundo em 80 dias*. O objetivo do autor ao criar a série de livros em parceria com seu editor Pierre-Jules Hetzel, era "delinear todo o conhecimento geográfico, geológico, físico e astronômico reunido pela ciência moderna e recontar, em um formato interessante e pitoresco, a história do universo" (PÉREZ; VRIES; MARGOT, s.d., s.p.). Sendo o monarca um grande entusiasta das ciências naturais, além da literatura, o envio da carta de Verne falando sobre uma obra dessa natureza parece ser um gesto bastante alinhado aos interesses dos imperador.

A carta é datada de 4 de fevereiro de 1882, dois anos após a publicação da obra que é citada por Verne na carta, que contava ainda com o subtítulo "Oitocentas léguas sobre o Amazonas". No início da carta, o escritor fala sobre um encontro no Castelo d'Eu, ocasião em que teria conhecido o imperador do Brasil, e relata que o intuito da carta é apresentar a obra ao monarca. Essa obra seria de interesse para o monarca pelo fato de se passar, em grande parte, em uma embarcação no rio Amazonas, que serve de pano de fundo para a intriga.

Os elementos nacionais permeiam a narrativa de diversas formas, tanto no cenário quanto na história em si. *La jangada* conta a história de Joam Garral, um homem que viaja com sua família para conduzir sua filha, Minha, até Belém para que a moça se case. No entanto, Joam guarda um segredo: ele é procurado no Brasil pelo roubo de um diamante, um crime que não cometeu, mas que teria ocorrido muitos anos antes, quando Joam trabalhava nas Minas Gerais. Durante a viagem, um homem chamado Torres o ameaça e pede a mão de Minha em casamento em troca de uma prova que inocentaria Joam da acusação de roubo. Tem-se aí dois elementos cruciais na caracterização da cultura e da história do Brasil na obra, a exploração de minérios nas Minas Gerais e a exploração da região Amazônica, duas práticas que verão franca ascensão justamente no período do governo de D. Pedro II, com o incentivo do próprio imperador à exploração de minérios, e com a vinda de inúmeros exploradores, franceses e de outras

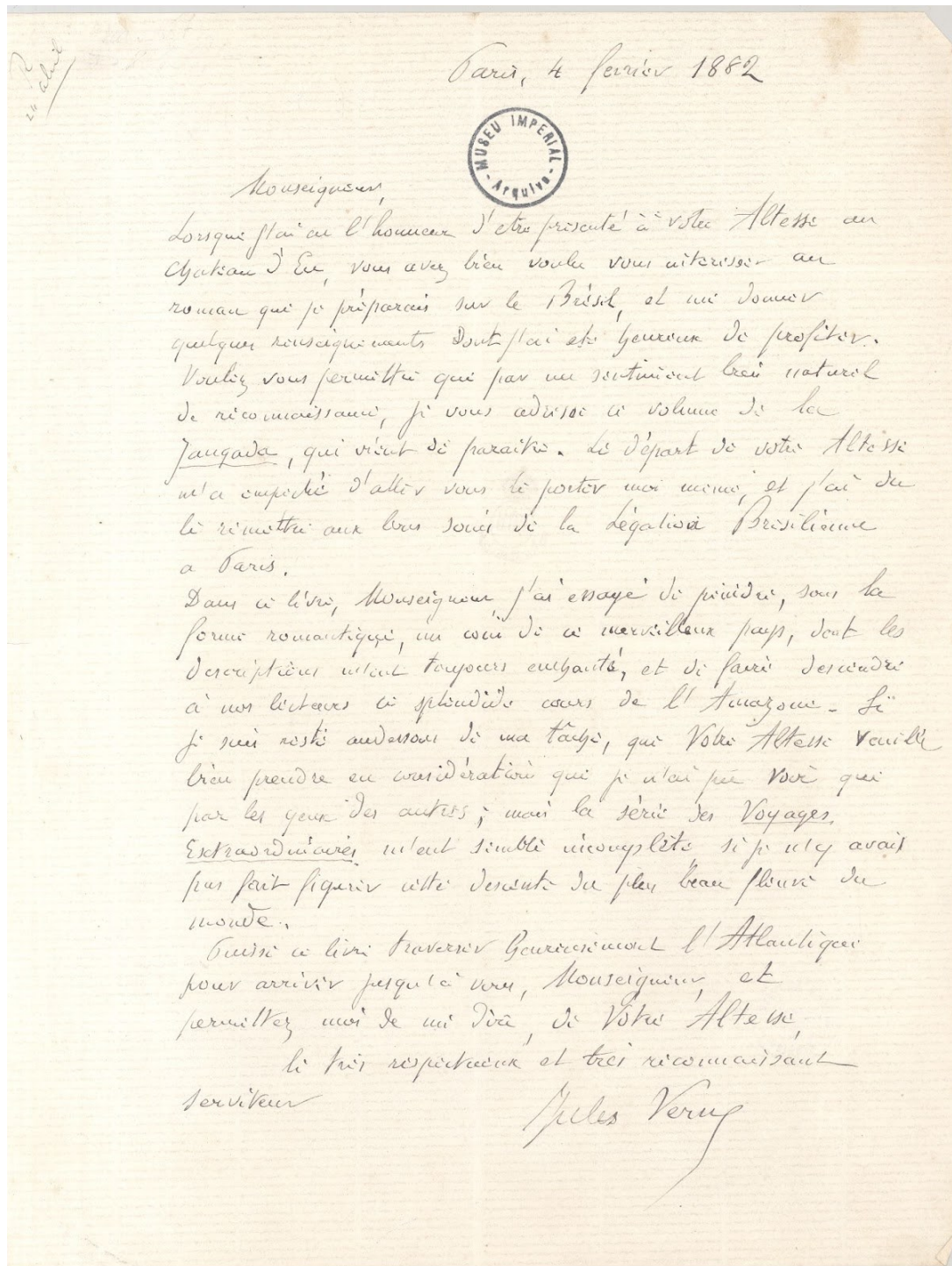
nacionalidades, à região da Amazônia em busca de descobertas ligadas à fauna, à flora, à topografia da região, além de estudos exploratórios ligados às línguas, culturas e costumes dos povos indígenas.

Por conta do cenário em que se passa a história, o leitor entra em contato com diversos elementos que podem parecer bastante interessantes para o imaginário europeu, público a quem se destinava primariamente a série. De forma mais específica, são citados, por exemplo, o açaí e sua importância como uma das principais bases da alimentação dos povos da região Norte do país, o fenômeno da pororoca e a prática da caça ao peixe-boi como forma de subsistência dos habitantes da região.

No entanto, uma questão a ser discutida e problematizada na obra de Jules Verne é a maneira como o autor romantiza a relação entre os africanos escravizados e seus proprietários, retratando a bondade e generosidade com que os indivíduos escravizados eram tratados, o que vai de encontro ao que se sabe a respeito da escravidão no Brasil. Essa visão distorcida da realidade parece ser sustentada por algo que o próprio Verne relata em sua carta, ao dizer que escreveu a obra *La jangada* com base em diários de viagem e obras de exploradores que aqui estiveram, nunca tendo estado pessoalmente no Brasil.

Abaixo, a carta de Jules Verne enviada ao monarca:

Figura 6 – carta enviada por Jules Verne ao imperador D. Pedro II



Fonte: Arquivo do Museu Imperial/IBRAM

A afirmação de Verne é testemunho de um fato já sabido na produção de romances de aventura, já que, em um período em que as telecomunicações praticamente inexistiam, e eram árduas e perigosas as viagens, os relatos, diários e compêndios de ciência dos exploradores que retratam terras distantes, e

consideradas exóticas pelos europeus, foram fundamentais. Por se tratar de um romance de aventura do século XIX, momento em que a questão abolicionista ainda estava longe de ser solucionada, embora já estivesse em debate, Verne romantiza essa chaga de nossa história, possivelmente influenciado por relatos de terceiros, exploradores que estiveram no Brasil. De todo modo, não há, na obra de Verne nenhum tipo de retratação fidedigna da questão da escravidão, embora a discussão da questão abolicionista à luz dos princípios do Iluminismo não fosse algo novo ou de pouca repercussão.

Considerando-se a francofilia de D. Pedro II como um traço historicamente construído ao longo de sua vida, o documento aqui analisado traz alguns aspectos importantes a serem discutidos. O primeiro deles é o próprio contato de Dom Pedro II com o escritor francês, algo que não se limitou à carta aqui apresentada. Os diários de viagem do monarca trazem algumas passagens que caracterizam os interesses específicos do monarca pelo trabalho do escritor. Particularmente interessado pela ciência, os registros pessoais do imperador apontam para uma inclinação especial por esse aspecto das obras de Verne, por exemplo, no excerto em que escreve “6 de março de 1888 — 8h Le Petit Niçois de ontem artigo curioso sobre a realização das fantasias de Jules Verne.” (ALCÂNTARA, 1999, s.p.), D. Pedro II parece interessar-se por uma questão central das obras de Verne: suas previsões científicas para o futuro, apresentadas em suas obras através de possibilidades e dispositivos aparentemente fantásticos, mas que eventualmente se tornaram realidade. A título de exemplo, cito o submarino movido a eletricidade e as transmissões de notícias televisionadas, elementos que aparecem em suas obras, ainda como invenções ficcionais, mas que eventualmente foram criadas. Sendo o imperador um grande interessado nas inovações tecnológicas de seu tempo, como o telefone e o daguerreótipo, não é de estranhar que esse traço das obras de Verne apelassem por seu gosto pela invenção e pela ciência.

Ao falar de uma carta recebida em dezembro de 1889, o imperador destaca uma afirmação específica de Verne “em que se diz que se poderia fazer a viagem à roda do mundo em menos de 6 semanas, logo que a linha transatlântica por Irkutsk estiver concluída”. A informação chama a atenção do imperador, também interessado pelas particularidades dos transportes, explorações e viagens. Essa observação, anotada pelo monarca, remete a outra obra de Verne, *Volta ao mundo em 80 dias*, e a uma inquietação dos cientistas à época, a possibilidade ou

necessidade de se diminuir o tempo de deslocamento em todo tipo de trajeto, mas principalmente o de dar a volta em torno da Terra, utilizando e aprimorando os transportes disponíveis.

Essas passagens dos diários do monarca evidenciam, portanto, uma característica central de sua personalidade, seu interesse pela ciência, aqui estimulado pelas fantasias e invenções de Jules Verne. Essa interação entre o governante e o escritor também evidencia o quanto esse traço era alimentado por seus contatos com homens de letras e da ciência que também se interessavam por isso, indivíduos que buscavam absorver e produzir conhecimento em diversos âmbitos. Tem-se aqui, portanto, mais um elemento pertinente na constituição de sua francofilia, a articulação com autores francófonos como elemento estimulante de sua curiosidade científica.

5.2.2 Poema de Hélène Vacaresco traduzido pelo monarca

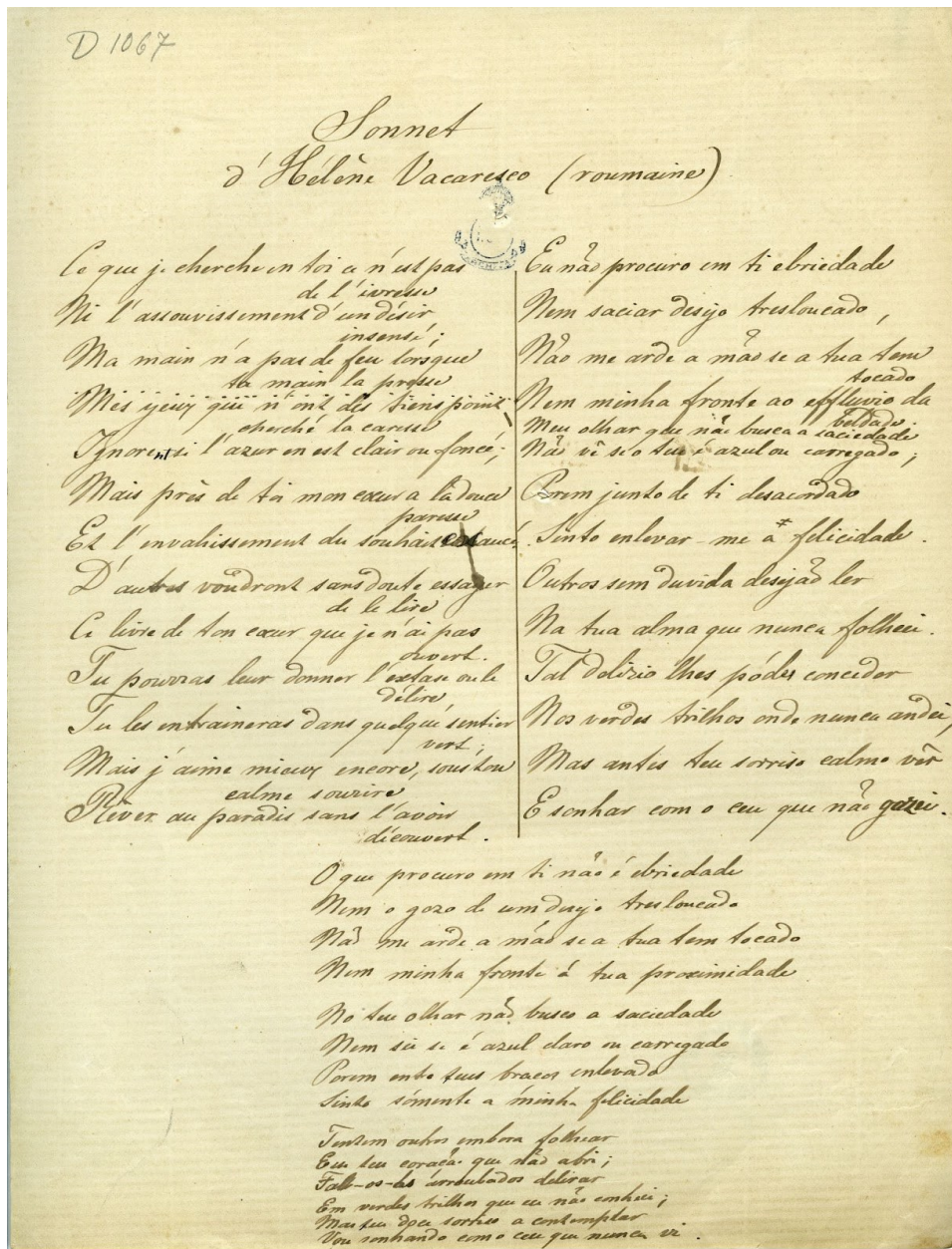
Esse documento traz, em fólio único, um poema de Hélène Vacaresco ou Elena Văcărescu (1864 - 1947), acompanhado de sua tradução. Vacaresco foi uma poeta romena, primeira mulher a ser eleita como membro da Academia Francesa (1925). A escritora também foi laureada pela Academia Francesa em duas ocasiões, além de ter recebido o título de Chevalier de la Légion d'Honneur, em 1927. Em 1924, fundou, em colaboração com Paul Valéry, o Institut International de Coopération Intellectuelle, e também atuou como presidenta de honra da Académie Féminine des Lettres (IORDAN, 2010, p. 287).

O soneto de Vacaresco, traduzido pelo imperador para o português, representa a única tradução de autoria feminina presente no que se tem do acervo do monarca, embora outras traduções de textos de autoria feminina sejam mencionados em seus diários. Vacaresco, apesar de ser romena de nascimento, utilizava o francês como língua de escrita, o que, juntamente ao reconhecimento do valor estético conquistado por suas obras, certamente contribuiu para sua consagração literária na França. O imperador elabora, para esse soneto, duas traduções distintas, em um raro caso de retradução, uma operação que o monarca não realiza com frequência, especialmente no caso de sonetos. Com base nas demais traduções de poemas em francês catalogadas na ocasião de minha pesquisa de mestrado, D. Pedro II parece traduzir poemas curtos uma única vez, sendo a primeira tradução por ele realizada, frequentemente, a versão definitiva,

com poucos ajustes feitos a lápis entre as linhas e nas laterais dos manuscritos. Além disso, outro procedimento tradicional do monarca é a transcrição do poema para o diário após uma aparente conclusão da tradução, fazendo com que a versão anotada no diário seja, também, a versão final.

O imperador procede assim para a maioria das traduções relacionadas ao francês, o que é possível atribuir ao seu amplo conhecimento da língua francesa e à sua expressiva prática tradutória, que podem permitir que seu processo criativo com relação à língua francesa conte com menos ocorrências de correções, supressões e alterações após a primeira tradução. Essa é, também, uma marca de sua francofilia em relação à instância de seu processo criativo, um processo relativamente limpo de rasuras e rabiscos, se comparado, por exemplo, ao manuscrito das *Poésies hebraico-provençales* apresentado mais à frente neste capítulo. Desse modo, não é comum que haja mais de uma versão de um poema traduzido, quando se trata de um poema em francês. Abaixo, o manuscrito trazendo o soneto de Vacaresco com as duas traduções do imperador.

Figura 7 – manuscrito do soneto de H el ene Vacaresco acompanhado de duas traduções para o português elaboradas pelo monarca



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

O monarca registrou no dia 26 de dezembro de 1887 a atividade de tradução do soneto e aponta para como teria tido contato com a poesia de Vacaresco: "Estive no salão conversando sobretudo com a dama da Ant nia, tendo me despedido desta já na cama antes de ir para o salão e procurei traduzir um soneto da romana Helena Vacaresco, cujas poesias emprestou-me o marido da Ant nia.". A Ant nia a quem o monarca se refere  , muito provavelmente, sua sobrinha, filha de D. Maria II de Portugal. Mais tarde, o imperador anota "10   Acabo de estar com a Ant nia, a

quem li a tradução do soneto francês da romana Helena Vacaresco, que hei de copiar aqui”, e procede à transcrição do soneto para o diário, acompanhada de apenas uma das traduções que encontramos no manuscrito. Essa passagem do diário indica também que a tradução lida por ele à Antônia já estava finalizada.

Meses depois, em agosto do ano seguinte, o imperador registra em seu diário ter escrito uma carta à Vacaresco, indicando também um contato anterior em que a poeta teria enviado uma de suas obras mais célebres, a antologia de poemas *Chants d'aurore*: “1h Escrevi à Helena Vacaresco poetisa da România que me mandou seus ‘Chants d’Aurore’ enviando-lhe a tradução que fiz de um soneto daquela coleção ‘Ce que je cherche en toi ce n’est pas de l’ivresse...’”. É nessa ocasião que o imperador transcreve para o diário a segunda tradução feita por ele para o soneto, o que pode indicar que algum tempo se passou entre as duas traduções que elaborou, outro aspecto incomum de seu processo criativo em relação ao francês, já que o monarca tinha o hábito de traduzir uma única vez, transcrever a tradução para o diário e arquivar o documento manuscrito. O retorno ao poema e a retradução podem ter sido motivados pelo recebimento da carta de Vacaresco, o que reacendeu seu interesse pela obra da poeta e motivou a segunda tradução. Esse elemento mostra a importância do contato e da interação com outros autores para o processo criativo do monarca, com constantes envios e recebimentos de traduções.

Outro aspecto interessante que os diários apontam é o fato de o monarca ter traduzido para o português alguns poemas da rainha consorte da Romênia, de quem Vacaresco era dama de companhia. A rainha Élisabeth Pauline Otilie Louise de Wied, que usava o nome artístico Carmem Sylva, escrevia em alemão, e suas poesias foram traduzidas para o francês por Vacaresco e para o português a partir do francês por D. Pedro II. Isso aponta, mais uma vez, para o conforto que o monarca sentia em traduzir do francês, embora conhecesse também o alemão: “25 de agosto de 1890 - Acabo de voltar do concerto que pouco apreciei apesar de trazer o programa por ter estado a traduzir a tradução em francês feita por Helena Vacaresco de versos em alemão de Sylva Carmem [sic], nome poético da rainha da România.”.

O monarca, portanto, desvia sua atenção do concerto no qual estava presente e se dedica à atividade de tradução. Ainda, o fato de ter traduzido um poema da rainha da Romênia acaba invertendo um evento que ocorre com o próprio

imperador: é ele, dessa vez, o tradutor do poema de um membro da monarquia, em lugar de ser o autor do poema traduzido. Essa relação se inverte com frequência ao longo de sua vida, como evidenciado por seus diários e manuscritos, ou seja, o monarca traduz e é traduzido alternadamente, registrando em seus diários as traduções por ele feitas, e enviando cópias dessas aos respectivos autores, quando possível. Esse procedimento evidencia a importância da troca e da interação no processo criativo do monarca em relação à sua francofilia.

Em outra ocasião, o monarca se mostra bastante crítico de seu trabalho: “26 de agosto – 6h 5’ Vou copiar a minha tradução da tradução em francês dos versos em alemão de Carmen Sylva por Helena Vacaresco. *Parece-me ficou sofrível.*” (ALCÂNTARA, 1889, s.p., grifo meu). Esse tipo de comentário não se limita ao próprio trabalho, já que ao longo do diário estão presentes diversas críticas a poemas, livros, espetáculos e obras de arte em geral de diversos artistas. O diário do monarca é um registro de suas viagens, mas também de suas análises e impressões sobre as coisas que via, o que inclui as críticas negativas.

O imperador não se limitou ao contato com Vacaresco, tendo também estabelecido uma comunicação com a própria rainha da Romênia: “3 de setembro – 8h escrevi à rainha da România falando-lhe de Astra e pedindo-lhe um exemplar de seu belo romance com a assinatura dela, enviando-lhe também a minha tradução da feita por Helena Vacaresco em francês da poesia dela, *Le Sphynx*, em alemão.”. É provável que seja essa a tradução elaborada dias antes do envio da carta, enquanto o monarca estava presente em um concerto, conforme anotou no dia 26 de agosto.

Embora Vacaresco tenha desfrutado de certa notoriedade e prestígio no sistema literário francês, e de seu pioneirismo como uma mulher escritora à época, as informações biográficas disponíveis são bastante escassas. No entanto, sabe-se que sua carreira como escritora teve início muito cedo. Filha de um ministro romeno com grandes ambições para sua filha, Vacaresco recebe uma educação formal bastante rica em Paris. A antologia à qual se refere o imperador do Brasil, *Chants d’aurore*, foi publicada em 1886, quando a poeta tinha apenas 20 anos. O reconhecimento da obra pela Academia Francesa (POUGIN, 1912, p. 106), garantiu certo prestígio à jovem poeta romena no círculo literário francês.

Pougin (1912, p. 106) relata também uma contribuição da poeta em peças de teatro e de ópera, tendo escrito versos para a ópera em dois atos *Le Cobzar*, que foi realizada em 1912. O mesmo autor destaca a presença de Vacaresco em um

aspecto tão fundamental da referida ópera, em conjunto com a atuação da pianista italiana Gabrielle Ferrari, como sendo uma “vitória brilhante dos apóstolos da religião nova” (POUGIN, 1912, p. 106). A religião nova à qual o autor se refere é o movimento feminista, o que nos traz a um aspecto bastante peculiar que se mostra na existência do manuscrito aqui analisado: a atuação da autora no âmbito do feminismo. A *Revue de Paris* de 1924 traz um artigo a respeito de uma conferência proferida pela poeta em que Vacaresco defende o movimento feminista e seus ideais, em particular, o direito da mulher ao voto.

Contudo, apesar do destaque dado ao teor feminista e sério do discurso da poeta, o artigo também descreve o discurso de Vacaresco como se fosse um espetáculo de teatro, comparando-o inclusive ao Carnaval de Veneza, além de dizer que a fala da poeta seria algo que um ator gostaria de reproduzir. O excerto abaixo, extraído do artigo *Féminisme* da *Revue de Paris*, (*FÉMINISME, Revue de Paris*, 1924, p. 936), traz alguns comentários sobre a aparência física da poeta, cita os romenos de forma condescendente, mas destaca o tom enérgico com que a autora discursa a respeito do assunto do voto das mulheres:

A poeta romena de olhos negros, de forte corpulência, representa a nossos olhos o Oriente próximo, sua suavidade colorida e suas vivacidades contundentes, as sutilezas de sua dialética, e também a homenagem que fazem à língua francesa, à nossa raça, esses romenos que frequentemente não conhecem o próprio idioma. (*FÉMINISME, Revue de Paris*, 1924, p. 936)

A revista traz ainda uma informação bastante emblemática da época: na primeira sessão oficial da Sociedade das Nações, a Romênia era o único país representado por uma mulher, enquanto todos os outros eram representados por homens. A presença de Vacaresco como representante de uma nação em um evento solene, tão significativa para as mulheres, provocou um grito de “Viva a Romênia!” (1924, p. 936-938), em uma espécie de reconhecimento do significado daquele momento.

Embora a presença de autoras mulheres seja rara em meio aos manuscritos de D. Pedro II, essa presença também não é nula. O conjunto de traduções elaboradas a partir do francês por D. Pedro II acaba representando uma amostragem do sistema literário da época, sendo composto, em sua maioria, por autores homens, brancos, e europeus. Vacaresco representa, portanto, uma ocorrência atípica dentre os manuscritos do imperador em duas frentes: por ser uma

mulher poeta em um meio predominantemente masculino, e também por ser uma mulher abertamente feminista em pleno século XIX.

Com relação às diferentes versões escritas por D. Pedro II para o soneto, é possível observar algumas diferenças significativas entre os dois textos, pode-se notar, por exemplo, que o imperador não transcreve o 4o verso do poema-fonte no manuscrito, provavelmente por esquecimento, embora o tenha traduzido para o português na primeira ocasião (“Nem minha fronte ao eflúvio da beldade”), em 1887, e na segunda tradução, em 1888. Isso permite inferir que o monarca traduziu o poema a partir de outra fonte em que o poema estava presente em sua integralidade, e não a partir da transcrição do próprio manuscrito. Abaixo, segue transcrição do conteúdo do manuscrito para uma leitura inteligível:

Quadro 3 – soneto de Hélène Vacaresco acompanhado de tradução

Ce que je cherche en toi ce n'est pas de l'ivresse	Eu não procuro em ti ebriedade,
Ni l'assouvissement d'un désir insensé	Nem saciar desejo tresloucado,
Ma main n'a pas de feu lorsque ta main la presse (quarto verso do poema não está transcrito)	Não me arde a mão, se a tua tem tocado, Nem minha fronte ao eflúvio da beldade.
Mes yeux qui n'ont des tiens point cherché la caresse	Meu olhar, que não busca a saciedade,
Ignorent si l'azur en est clair ou foncé. Mais près de toi mon coeur a la douce paresse	Não vê se o teu está azul, ou carregado; Porém junto a ti desacordado
Et l'envahissement du souhait exaucé d'autres voudrent sans doute essayer de le lire	Sinto enlevar-me a felicidade. Outros sem dúvida desejam ler
Ce livre de ton coeur que je n'ai pas ouvert	Na tua alma que nunca folheei
Tu pourras leur donner l'extase ou le délire,	Tal delírio que lhes podes conceder
Tu les entraineras dans quelque sentier vert,	Nos verdes trilhos onde nunca andei;
Mais j'aime mieux encore, sous ton calme sourire,	Mas antes teu sorriso calmo ver
Rêver au paradis sans l'avoir découvert.	E sonhar com o céu que não gozei.

A segunda tradução pode ser visualizada logo abaixo da primeira, no manuscrito, como segue:

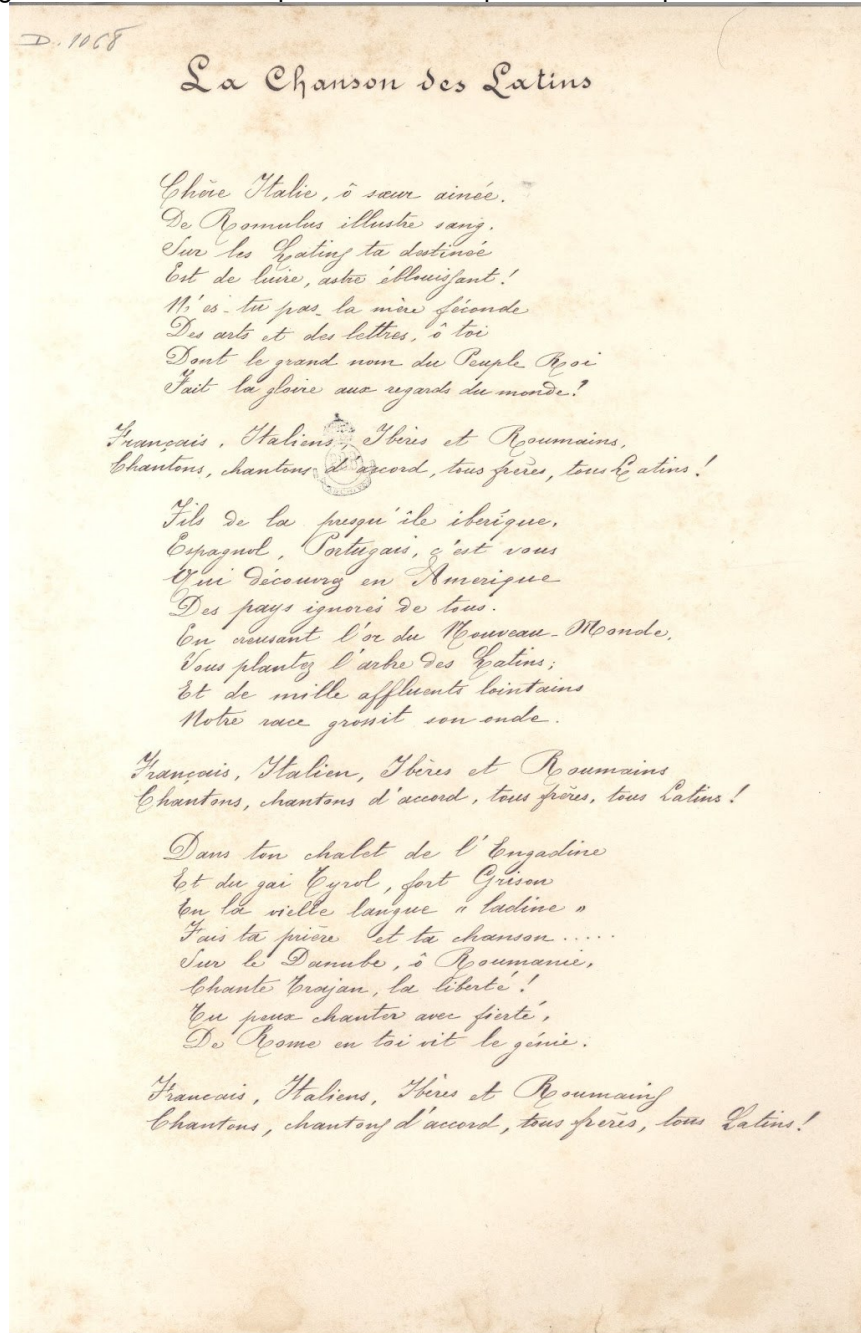
O que procuro em ti não é ebriedade
 Nem o gozo de um desejo tresloucado
 Não me arde a mão se a tua tem tocado
 Nem minha fronte à tua proximidade
 No teu olhar não busco a saciedade
 Nem sei se é azul claro ou carregado
 Porém entre teus braços enlevado
 Sinto somente a minha felicidade
 Tentem outros embora folhear
 Esse teu coração que não abri
 Fá-los-ás arroubados delirar
 Em verdes trilhos que eu não conheci,
 Mas teu doce sorriso a contemplar,
 Vou sonhando com o céu que nunca vi

Observa-se que o imperador, na ocasião da segunda tradução, faz outras escolhas de palavras, alterando também os inícios dos versos. Contudo, o monarca mantém o esquema de rimas e a estrutura geral das frases.

5.2.3 Poema *La Chanson des latins* traduzido pelo monarca

Os dois fólhos referentes a esse documento trazem um poema de nome *Chanson des Latins*, acompanhado de uma indicação de que seria uma tradução realizada por Constant Hennion. Em busca da origem do poema, foi encontrada uma antologia bilíngue, escrita em provençal e em francês, intitulada *Les Fleurs Félibresques - poésies provençales et langue-dociennes modernes*, e publicada em 1883. Uma cópia digitalizada da obra está disponível no site da Universidade de Harvard, em que é possível localizar o poema em sua versão em provençal, intitulado *Marsiheso di Latin*, uma ode ao povo latino escrita por François Vidal. O poema evoca personagens reais e míticos relacionados aos povos de origem latina e suas culturas, além de referenciar locais onde esses povos habitam ou habitaram. Na obra, há também uma curta biografia do autor do poema, que traz uma informação específica a respeito de suas contribuições a um movimento chamado Félibrige (HENNION, 1883, p. 443). A figura abaixo é o primeiro fólio dessa transcrição:

Figura 8 – manuscrito de poema traduzido para o francês por Constant Hennion



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

Em pesquisa subsequente a respeito do movimento Félibrige, alguns dados foram levantados: o Félibrige foi um movimento de resistência linguística que zelava pela sobrevivência da língua provençal. O movimento era composto, essencialmente, por escritores, já que o objetivo do grupo era fazer renascer a língua através da literatura. Esse manuscrito não seria a única ocorrência relacionada ao provençal dentre os manuscritos do monarca, como se verá mais adiante, mas já mostra um primeiro contato com uma língua minoritária que, embora não seja o francês e não desfrute do mesmo prestígio que a língua francesa

desfrutava, estava inserida de forma mais periférica no sistema literário francês, o que evidencia um interesse do imperador por aspectos da cultura francesa que não fossem tão centrais.

Os diários do monarca permitem precisar que a tradução do poema para o português foi realizada em 5 de abril de 1888, cinco anos após a publicação da antologia *Les Fleurs Félibresques*. Em seu diário, o monarca anota: “8h10' Nada fiz de notável ontem depois do jantar a não ser a tradução de La Canzoni dei Latini” (ALCÂNTARA, 1999), indicando ter traduzido o poema para o português a partir de uma versão em italiano, não da versão em francês. O imperador transcreve, mais adiante, a versão em italiano e sua tradução para o português, além de relatar, algumas linhas depois, ter lido sua tradução a alguém de nome Rossi. Trata-se do ator e dramaturgo Ernesto Rossi, que visita o imperador em mais de uma ocasião na época em que este poema é traduzido, já que D. Pedro II se encontrava na Itália.

O fato de se encontrar em solo italiano e sendo visitado por personalidades da sociedade florentina da época, caso de Ernesto Rossi, parece ser um fator de peso na escolha do monarca em traduzir o poema do italiano e não do francês, já que é comum que o imperador busque mais contato com o idioma dos locais para onde viajava, o que se comprova em outras anotações citadas aqui nesta análise. Em outras palavras, seus deslocamentos geográficos instigavam sua aproximação com um ou outro idiomas específicos, o que ajudaria a explicar o motivo pelo qual, apesar de dispor de uma tradução em francês do poema de Vidal, o monarca traduz os versos a partir do italiano. De todo modo, os fólios do poema, presentes no acervo do Museu Imperial/IBRAM em três versões, em francês, em italiano e em romanche representam uma via de acesso a uma inclinação importante do monarca, a saber, seu interesse por línguas minoritárias, como é o caso do provençal, o que se comprovará no próximo item analisado.

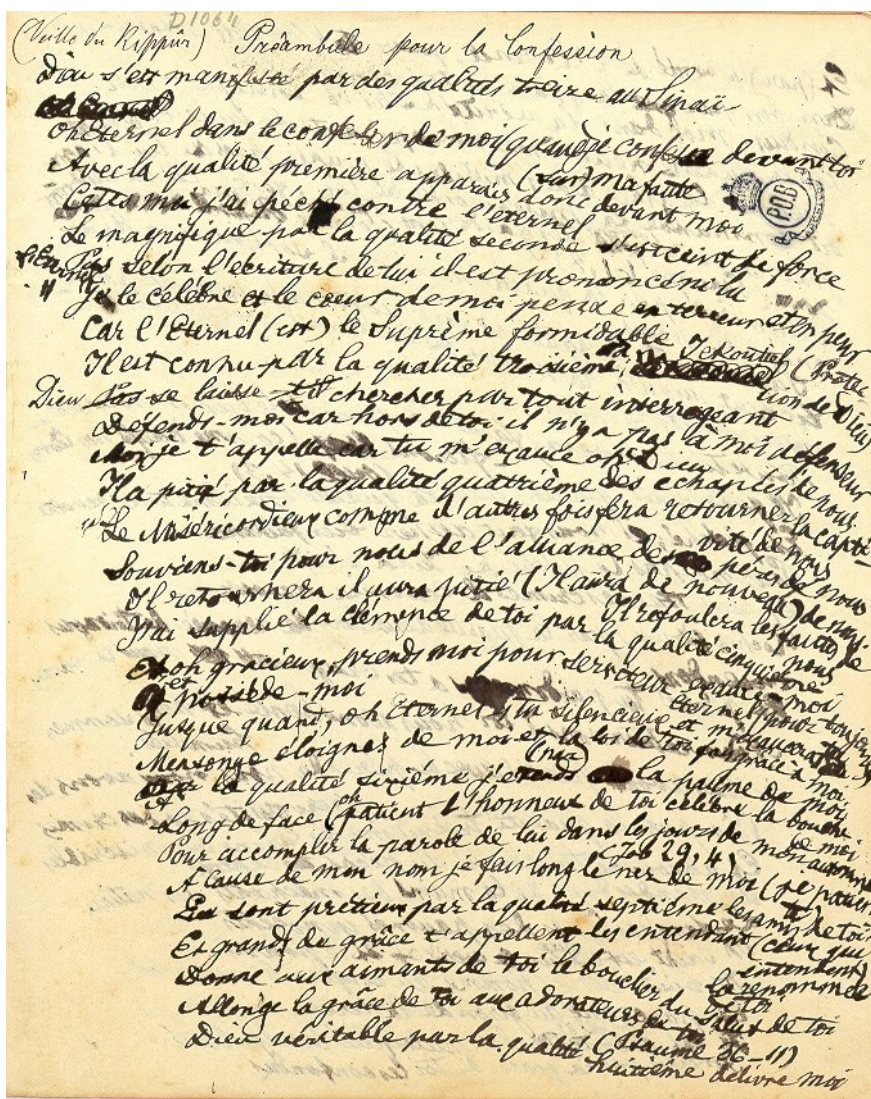
Com relação ao manuscrito supracitado, o que chama atenção não é propriamente a tradução, e sim o poema transcrito e sua origem e relação com a defesa das línguas minoritárias na França, sufocadas progressivamente com a imposição do francês como língua oficial. O poema é, como já mencionado, uma ode ao povo latino. Escritos originalmente em provençal, os versos de François Vidal ganham versões em outros idiomas, fazendo jus ao tema central do poema. Em romanche, italiano e francês, três línguas com raízes no latim, o poema chega às mãos do imperador do Brasil, país que também é tributário da tradição latina de que

fala o poema. Tem-se aqui, portanto, um percurso linguístico ligado à cultura latina que parte do provençal em direção ao português, passando por pelo menos três outros idiomas. Não se pode ignorar também a relação entre os idiomas em que o poema pode ser encontrado: inicialmente escrito em uma língua minoritária, as traduções para idiomas com mais falantes que os versos de Vidal têm o potencial de ganhar mais popularidade em outros países e culturas, e, conseqüentemente, de chamar a atenção para a causa das línguas minoritárias.

5.2.4 Tradução das *Poésies hébraïco-provençales*;

Os seis fólhos aqui examinados representam um fragmento de uma tradução elaborada por D. Pedro II de uma liturgia judaica escrita em hebraico e provençal para o francês. Trata-se de uma obra sem indicação específica de autor, como é frequente com textos litúrgicos. No entanto, a introdução escrita pelo monarca brasileiro traz a informação de que os versos traduzidos teriam sido escritos em meados dos séculos XVI e XVII e que teriam sido escritos por um judeu que habitou a região de Avignon, de nome Mardochee Venture (ALCÂNTARA, 1891, p.6). É importante destacar que o ritual no qual esse texto litúrgico era usado era celebrado pelos judeus que habitavam a região do sul da França. A tradução para o francês realizada pelo imperador do Brasil acaba dando origem a uma obra trilingue publicada em 1891 na França, já durante o período do exílio. Abaixo, o primeiro fólho da tradução elaborada pelo monarca.

Figura 9 – manuscrito da tradução da liturgia Poésies Hebraïco-Provençales.



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

O imperador escreveu uma introdução para a obra, sua única obra publicada em vida, que data do dia 1º de agosto de 1891. Os diários de viagem do monarca apontam que o trabalho de tradução das *Poésies hebraïco-provençales* já vinha sendo feito desde 1890.

11 de julho de 1890 — Em “La famille de Jacob” publication religieuse mensuelle par M. le grand rabbin Mossé vem nas *Poésies religieuses du rituel comtadin* a minha tradução do hebraico com esta declaração “Traduit litteralement de l’hebreu par dom Pedro II d’Alcantara”. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

Outra anotação, já em 1891, mostra que a tradução já havia sido publicada em um jornal de nome *La famille de Jacob* no início de 1891. A anotação traz ainda

uma outra informação que aponta para o uso que era feito da liturgia hebraico-provençal: em um ritual na véspera da circuncisão dos meninos judeus.

13 de maio de 1891 — [...] Hübner – mas talvez seja o número do La Famille de Jacob nº 5651 – Nissan – Avril Mai 1891 du Grand Rabbin d'Avignon Benjamin Mossé, traz minha tradução interlinear: Cannes 9 de abril de 1891 – de “piout” Poésie pour la veille de la circoncision moitié hebreu, moitié Provençal (en caractères hebraïques). (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

A obra foi publicada no mês de agosto de 1891, e no mês de setembro o imperador anota que autografou, no dia 1º daquele mês, exemplares de seu único livro publicado até então: “1 de setembro de 1891 — 3h assinei diversos exemplares das poesias hebraicas provençales que mando às pessoas de que anexarei lista. 4 ½ Acabei de assinar exemplares das *Poésies Hebraïques* para diversas pessoas e vou à lição depois que chegar Seibold.”. Ressalto que a obra trilingue traduzida por D. Pedro II aponta para dois aspectos singulares a respeito do monarca. Embora católico, o monarca não só estudava o hebraico como parte de seus estudos linguísticos, mas também demonstrava sua inclinação por uma fé que não era a sua, a fé judaica. Ainda, a obra evidencia o interesse do monarca por dois idiomas de caráter mais minoritário à época, mas que faziam parte do sistema cultural e linguístico da França: o hebraico e o provençal.

Destaco aqui o fato de sua francofilia ser, portanto, não apenas voltada para o francês e para aspectos mais centrais da cultura francesa, mas também para o olhar do monarca para além de autores e obras consagradas, já que tanto o hebraico quanto o provençal eram línguas de uso bastante restrito naquele período, ao contrário do francês. Sua dedicação a textos de circulação mais limitada por conta de sua especificidade, neste caso, religiosa e linguística, traz um forte caráter heterogêneo à sua francofilia, por ser composta também de referências e traduções relacionadas a aspectos menos centrais do sistema literário.

Outro aspecto que surge como resultado de sua aproximação dos intelectuais franceses é a publicação, em 1889, de uma biografia do monarca, em francês, intitulada *Dom Pedro II - Empereur du Brésil*, de autoria do rabino francês Benjamin Mossé, um intelectual pertencente à comunidade judaica da região de Avignon, local onde era celebrado o ritual do qual fazia parte a liturgia traduzida por D. Pedro II. A publicação dessas duas obras, a biografia do monarca e a liturgia traduzida pelo imperador, mostra uma relação de interesse mútuo, do imperador pela religião e

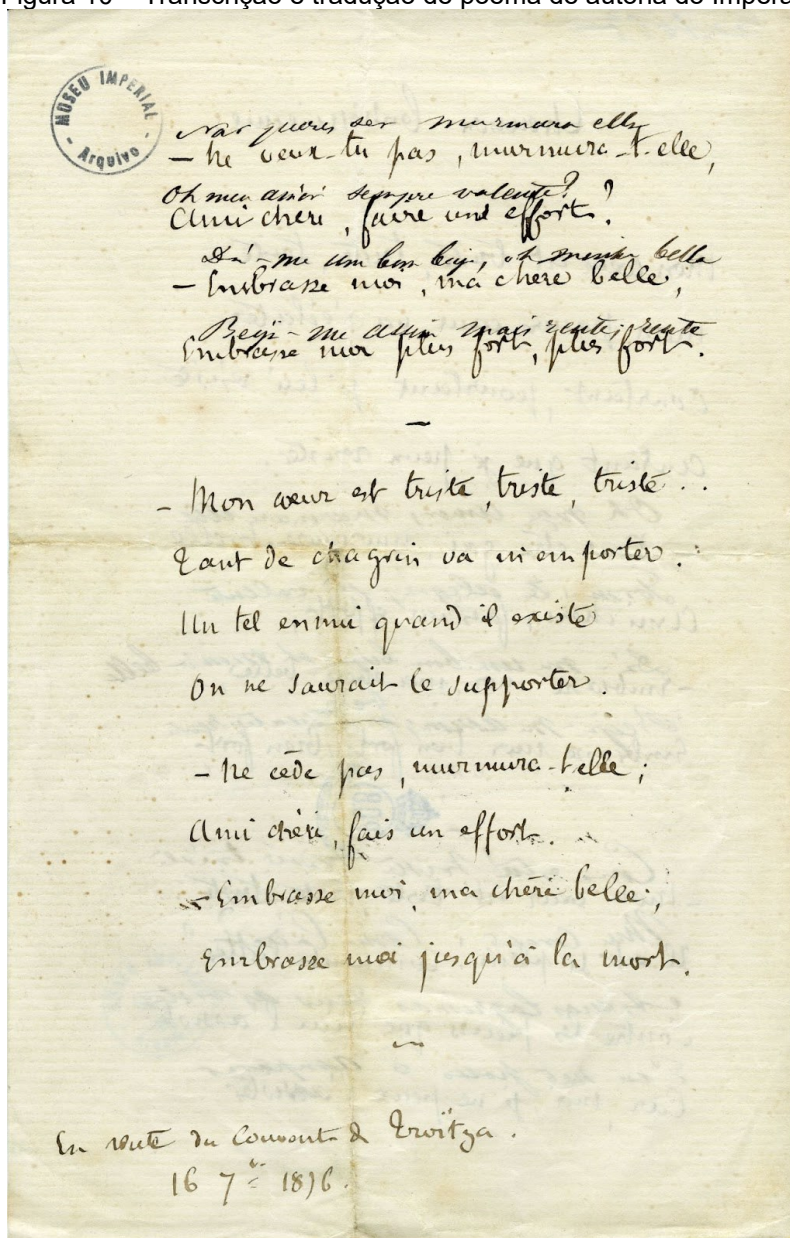
pela comunidade judaica de Avignon, e da comunidade, personificada pelo rabino Mossé, pelo monarca brasileiro. A biografia escrita por Mossé foi publicada em português no Brasil em 1938.

O francês, neste caso, surge como uma ferramenta de aproximação em pelo menos dois âmbitos: do monarca com a liturgia bilíngue, resultando em sua única tradução publicada, e do rabino Mossé com D. Pedro II, resultando em uma biografia escrita em francês, e que posteriormente seria traduzida para o português. Essas interações adicionam à ilustração da francofilia do imperador na medida em que demonstram certa amplitude linguística por parte do monarca, característica que é aqui exercitada, primariamente, através da língua francesa.

5.2.5 Transcrição e tradução de poema de autoria do Imperador

Os dois fólios trazem o poema *Chanson Bohémienne*, de autoria e tradução do monarca. Embora não existam muitas informações disponíveis a respeito do poema, os próprios fólios trazem alguns dados. Anotada no segundo fólio está a data de 16 de setembro de 1876, o que indica, conforme consulta feita a seus diários, o período em que o imperador estaria em rota de viagem dos Estados Unidos, local em que ocorreu a Exposição Universal de 1876, em junho, na Filadélfia, ao Oriente Médio, aonde chegou em novembro do mesmo ano. Há, em seus diários, um intervalo de junho a novembro, em que o monarca nada escreve, o que inclui a data do manuscrito em questão. Abaixo, o manuscrito do segundo fólio do poema:

Figura 10 – Transcrição e tradução de poema de autoria do Imperador



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

Embora a anotação ao final do fólio não seja muito legível, é possível discernir uma inscrição que diz “En route du Convent de Troïtza”, o que indica que o monarca teria escrito e/ou traduzido o poema enquanto se encontrava em algum meio de transporte a caminho do Convento de Troïtza, antigo mosteiro da Igreja Ortodoxa Russa, lugar por onde o monarca passa antes de se dirigir ao Líbano.

O poema, de autoria do monarca, está transcrito na tabela abaixo, juntamente com sua tradução. Destaco que a transcrição abaixo foi feita em formato diferente daquele do manuscrito com o objetivo de cotejar os dois poemas, enquanto no

manuscrito, poema e tradução aparecem, com a caligrafia do monarca, de forma interlinear.

Quadro 4 – Transcrição do poema “Chanson bohémienne” e tradução

<p>Mon coeur est triste, triste, triste A Mon pauvre coeur va s'éclater B Pourtant, pourtant, je lui résiste A Autant que je peu résister B</p> <p>- Pour être gai, murmura-t-elle C Ami chéri, fais un effort D</p> <p>- Embrasse-moi, ma chère belle C Embrasse-moi bien fort, bien fort D</p>	<p>- Oh meu amor, murmura ella Põem-te alegre, sê valente</p> <p>- Dá-me um bom beijo, oh minha bella</p> <p>Beija-me assim, mais rente, rente</p>
<p>Mon coeur est triste, triste, triste A Il est si plein ! Comment lutter ? B Contre les pleurs que Dieu l'assiste A Car moi, je ne peux l'assister B</p> <p>- Ne veux tu pas, murmura-t-elle C Ami chéri, faire un effort ? D</p> <p>- Embrasse-moi, ma chère belle C Embrasse-moi bien fort, bien fort D</p>	<p>Como está triste, triste, triste Meu coração! Como lutar? As suas lágrimas Deus assiste E eu não posso o amparar</p> <p>- Não queres ser, murmura ella Oh meu amor, sempre valente?</p> <p>- Dá-me um bom beijo, oh minha bella</p> <p>Beija-me assim mais rente, rente</p>
<p>Mon coeur est triste, triste, triste A Tant de chagrin va m'emporter B Um tel ennui quando il existe A On ne saurait pas le supporter B</p> <p>- Ne cède pas, murmura-t-elle C Ami chéri, fais un effort D</p> <p>- Embrasse-moi, ma chère belle C Embrasse-moi bien fort, bien fort D</p>	

Fonte: elaborado pela autora (2021)

“Chanson Bohémienne” se apresenta em seis quadras, com esquema de rimas alternadas (ABAB – CDCD), que volta a se repetir a cada duas estrofes. As seis estrofes do poema seguem um de dois padrões: o primeiro, que começa com “mon coeur est triste, triste, triste”, cujo primeiro verso se repete na primeira, terceira e quinta estrofes. No entanto, os demais versos das referidas estrofes apresentam algumas alterações, ainda que o esquema de rimas alternadas se mantenha.

Já a segunda, a quarta e a sexta estrofes trazem algumas diferenças nos primeiros dois versos, que representam a fala de um eu lírico feminino, enquanto o terceiro e o quarto versos representam a fala de um eu lírico masculino. O eu lírico feminino pede ao eu lírico masculino que ele seja forte e valente, apesar de estar triste, ao que o eu lírico masculino pede um beijo como conforto para sua tristeza. A temática do poema é, portanto, mais voltada ao amor romântico, e despersonalizada, ao contrário do que ocorre com outros poemas de autoria do monarca, que tratam de eventos bastante específicos de sua vida, como o exílio e a morte de um de seus filhos. É possível, portanto, supor que o imperador sentisse relativa facilidade em tratar de temas mais sensíveis também em francês, além do português, o que revela um elemento mais afetivo de sua francofilia, da língua francesa como idioma de expressão íntima e subjetiva.

5.2.6 Transcrição e tradução de poema de Rigaud

O fólio em questão traz um soneto intitulado *Le Magistrat*, de autoria de Joseph Émile Rigaud (1814 - 1890), um político e advogado francês que circulou no meio literário da região da Provença no século XIX. No diário do monarca, encontramos uma passagem que aponta para o período em que foi realizada a tradução para o português pelo Imperador, no dia 1o de dezembro de 1887. Nessa ocasião, o imperador transcreve no diário o soneto acompanhado de sua tradução. No entanto, é apenas no ano seguinte, em 31 de março de 1888, que o imperador finaliza a tradução, indicando em seu diário que estava faltando um verso: “31 de março de 1888 - 1h Completei minha tradução do *Miserère* e o soneto de Rigaud ao magistrado a que faltava um verso e ele quer mandar publicar numa revista.”

Ainda em 1887, no dia do aniversário do monarca, D. Pedro II transcreve mais um soneto de Rigaud traduzido por ele, intitulado *Le sol natal*, juntamente com

o original, além do soneto *À la Mignarde*, tradução cujo manuscrito também faz parte do acervo do Museu Imperial/IBRAM. No entanto, diversas passagens do diário apontam certa recorrência na tradução de poemas de Rigaud, como é possível perceber a partir das passagens abaixo:

28 de novembro de 1887 — 10h20' Muito me agradou minha visita a Toulon. Acompanhou-me o Primeiro presidente da Cour d'Appel de Aix Rigaud que acaba de mandar-me sua tradução em verso francês de Mireio poema em provençal de Mistral.

2 de fevereiro de 1890 - 5h ¼ Bom passeio até Pegomas. De caminho traduzi o soneto de Rigaud a Lourdes. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

No mesmo dia, traduz outro soneto de Rigaud que diz que copiará para o diário no dia seguinte, mas não o faz. Em outras passagens, mais indicações de traduções de poemas de autoria de Rigaud:

4 de fevereiro de 1890 – 8h Acabei de traduzir o soneto “L'été” do presidente Rigaud e vou começar o “L'automne”. Hei de copiar tudo junto. 11h 50' Acabei a tradução do soneto do presidente Rigaud – “A meu cão”.

8 de fevereiro de 1890 – 8h 40' tenho copiado quase todas as traduções dos sonetos de Rigaud para mandar-lhos.

21 de março de 1890 – 10h 55' Le Petit Marseillais de hoje traz uma biografia pequena do Presidente Rigaud de quem traduzi alguns sonetos. Morreu na sua propriedade “La Mignarde” com 76 anos antes de ontem à noite.

23 de março de 1890 - 8h 20' Jantei bem com minha filha em sua casa e li-lhe “Luz e Calor” e agora acabei de copiar para ela sobre sua mesa a minha tradução do soneto do presidente Rigaud “À mes petits enfants”. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

Destaco que a atuação de Rigaud como poeta não foi muito expressiva, sendo mais conhecido pela sua atuação como político e jurista, no entanto, seus poemas chamaram a atenção do monarca suficientemente para que traduzisse pelo menos nove de seus sonetos. As anotações nos diários também fazem referência a ocasiões em que Rigaud e D. Pedro II se encontraram, o que provavelmente teria motivado, pelo menos em parte, essas traduções, visto que a interação com escritores já se mostrou um fator de importância para o processo criativo do imperador em relação à sua francofilia.

Rigaud também desempenhou um papel importante na tradução do poema épico *Mirèio*, escrito pelo poeta provençal Frédéric Mistral. Rigaud traduziu o poema do provençal para o francês, permitindo que a obra magna de Mistral circulasse de forma mais ampla, embora o intuito de Mistral ao escrever o poema fosse a defesa e resistência da língua provençal. O impacto do poema *Mirèio* (*Mireille*, na tradução francesa de Rigaud) foi tamanho que se atribui a essa obra texto a consagração de

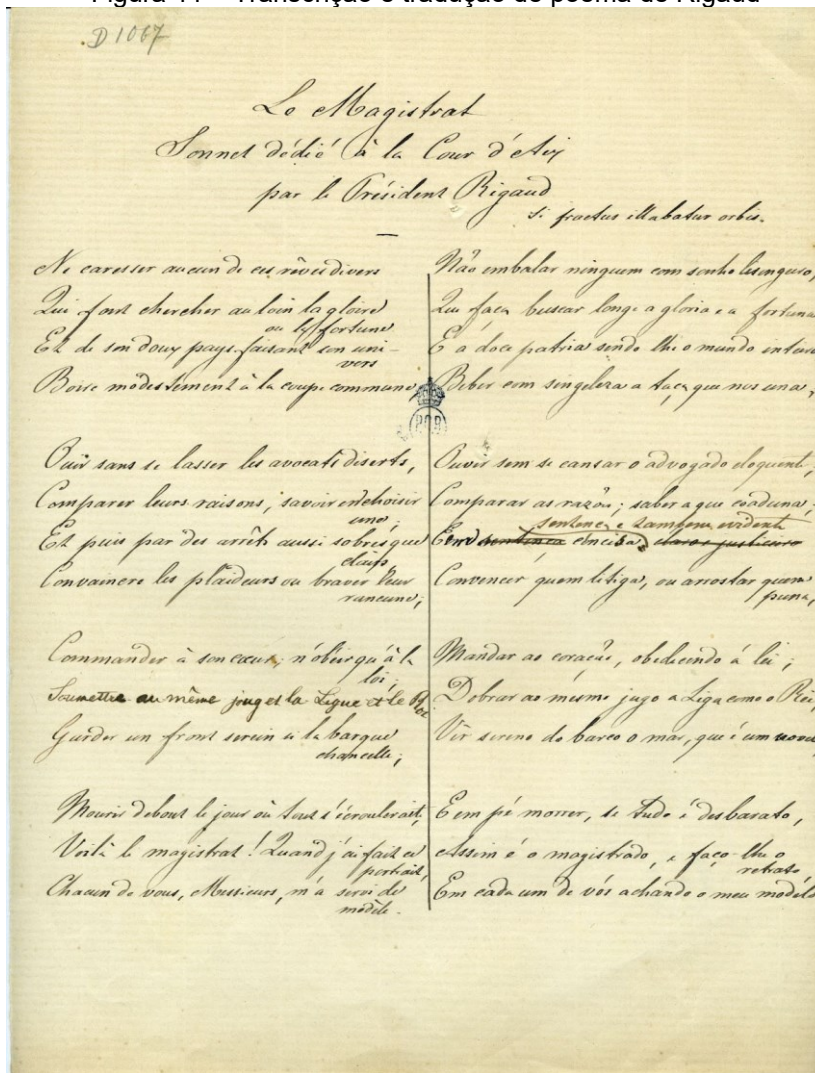
Mistral com o prêmio Nobel de Literatura, em 1904. Cabe ressaltar também que foi a primeira vez que um autor de língua minoritária foi premiado pelo Nobel, algo que não se repetiu por mais de 70 anos, até que Isaac Bashevis Singer foi laureado com o Nobel em 1978 por seu trabalho em ídiche.

Mais uma vez, o caminho de D. Pedro II se cruza com o movimento de resistência da língua provençal, desta vez, através da tradução elaborada por Rigaud do poema de Mistral. Mistral foi o responsável, juntamente com Joseph Roumanille, por fundar o Félibrige, associação regionalista de resistência e defesa da língua provençal. Essa aproximação do monarca com o poema de Mistral, apoiada também pela tradução de Rigaud, reforça um traço importante da francofilia do monarca, a saber, seu interesse por uma língua minoritária, em vias de desaparecer, e que, à época, era alvo de um projeto de resistência através da produção de literatura.

D. Pedro II chegou a conhecer pessoalmente o poeta Frédéric Mistral em uma ocasião, durante sua estadia na França. O encontro entre o estadista e o poeta foi objeto de artigos de jornal que relatavam a conversa, com destaque especial para os elogios que faz o monarca ao Félibrige, além de recomendar que a utilização da língua provençal se expandisse também para os documentos oficiais em repartições públicas. É provável que o monarca acreditasse que, caso não houvesse um uso mais oficial da língua para além da literatura, os esforços do movimento não fossem resultar em um prolongamento da existência da língua, o que de fato não ocorreu, visto que a língua provençal contava com cada vez menos falantes devido a uma queda progressiva na transmissão dessa língua entre as gerações.

Embora o provençal fosse, no tempo de D. Pedro II, uma língua em vias de desaparecer por não conseguir resistir aos esforços de implementação compulsória do francês, nem sempre foi assim. A língua provençal, frequentemente chamada de língua occitana, desfrutou de grande prestígio durante a Idade Média, já que as canções dos trovadores eram, em grande parte, escritas e cantadas em língua provençal. Em uma ocasião, o imperador e a imperatriz do Brasil visitam o sul da França e têm a oportunidade de assistir a uma apresentação trovadoresca ao estilo provençal, como o imperador anota em seu diário, em citação já apresentada no capítulo 4 desta tese (ALCÂNTARA, 1999, s.p.). A figura abaixo traz o poema de Rigaud acompanhado pela tradução feita pelo monarca, e, em seguida, tem-se a transcrição do poema em francês e sua respectiva tradução para o português:

Figura 11 – Transcrição e tradução de poema de Rigaud



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

Quadro 5 – transcrição do poema *Le magistrat* de Rigaud, e respectiva tradução

Le Magistrat	Le Magistrat
Sonnet dédié à la Cour d'Aix	Traduction de D. Pedro d'Alcântara
Si fractus illibatur orbis	
Ne caresser aucun de ces rêves divers	Não embalar ninguém um sonho
Qui font chercher au loin la gloire ou la fortune	lisonjeiro,
Et de son doux pays faisant son univers	Que faça buscar longe a glória e a fortuna,
Boire modestement à la coupe commune;	E a doce pátria sendo-lhe o mundo inteiro,
Ouir, sans se lasser les roscats deserts,	Beber com singeleza a taça que nos una;
Comparer leurs raisons, savoir en choisir une;	Ouvir sem se cansar o advogado eloquente,
Et puis par des arrêts aussi sobres que clairs,	Comparar as razões; saber o que coaduna
Convaincre les plaideurs ou braver leur rancune,	Convencer quem litiga, ou arrostar quem puna
Commander à son coeur n'obéir qu'à la loi;	Mandar ao coração, obedecendo a lei
Garder un front serein si la barque chancelle,	Dobrar ao mesmo jugo a Liga como o Rei;
Mourir debout le jour où tout s'écroulerait;	Ver sereno do barco o mar, que é um novêlo,
Voilà le magistrat! Quand j'ai fait ce portrait	E em pé morrer, se tudo é desbarato,
Chacun de vous, Messieurs, m'a servi de modèle.	Assim é o magistrado, e faço-lhe o retrato, Em cada um de vós achando o meu modêlo.

Fonte: elaborado pela autora (2021)

O poema de Rigaud trata do ofício ligado à lei, de uma ode aos magistrados como ele próprio foi. *Le magistrat* e sua tradução integram, juntamente com mais dois poemas traduzidos de Rigaud, a antologia poética com traduções e sonetos do imperador, organizada por seus netos D. Pedro e D. Luiz, e publicada em 1889 pela

Typographia do Correio Imperial. Rigaud e Gustave Nadaud são os autores cujos poemas aparecem mais vezes nessa obra, que conta com três traduções de cada um dos poetas, acompanhadas pelas respectivas versões em língua francesa.

5.6.7 *À morte do príncipe D. Affonso*, de D. Pedro II

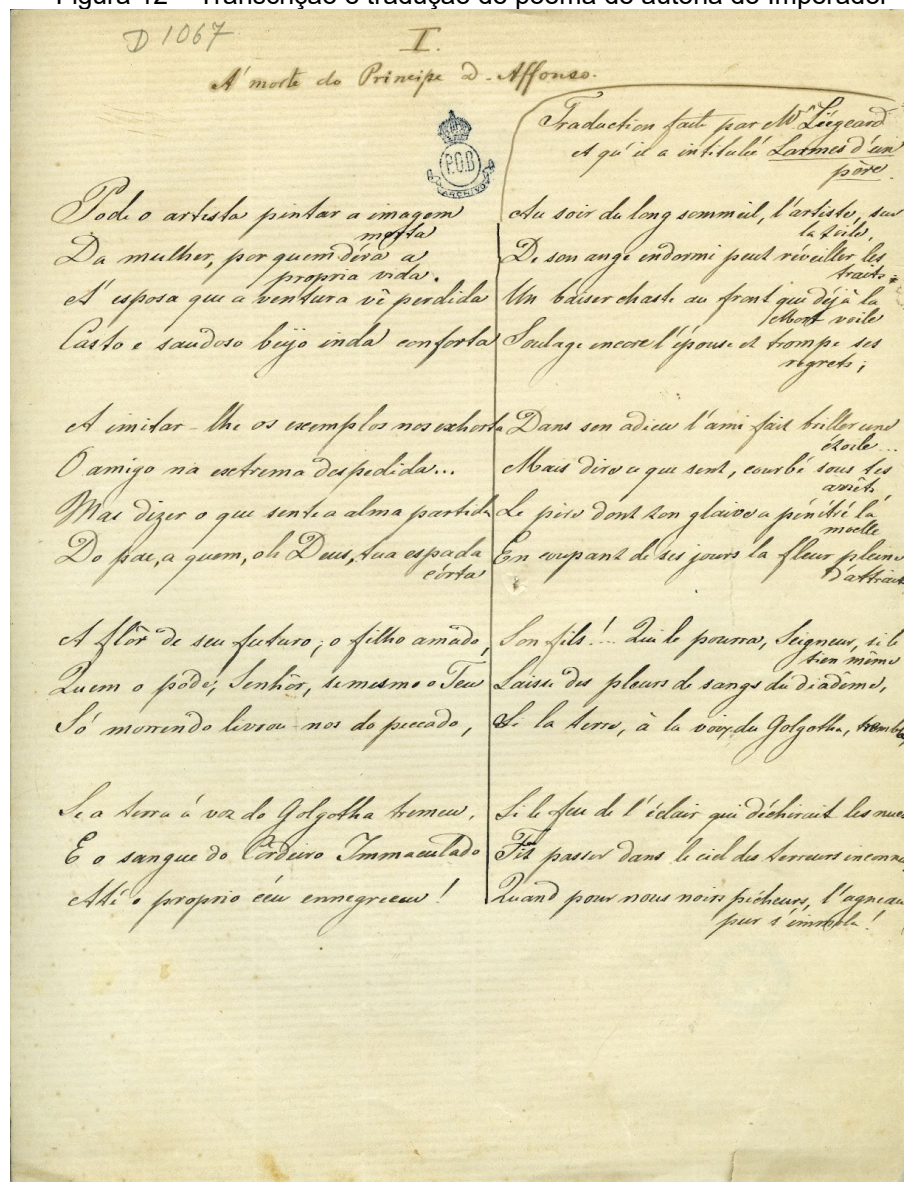
O poema presente no referido fólio tem o título *À morte do Príncipe D. Affonso*, em referência ao falecimento do primeiro filho do imperador, o príncipe D. Affonso Pedro (1845 - 1847). A morte do primogênito de D. Pedro II, causada por epilepsia quanto a criança tinha somente 2 anos de idade, causou grande impacto no monarca e na imperatriz. Isso fica evidente no tom melancólico do poema, e também no fato de o imperador ainda estar (re)trabalhando o texto mais de 40 anos depois do ocorrido. O fólio traz uma tradução para o francês escrita pelo poeta Stéphen Liégeard (1830 - 1925).

No diário, o Imperador indica uma data em que o poema pode ter sido traduzido, e se refere ao poema por seu primeiro verso:

16 de março de 1888 - Cheguei às 2 ½ e principiou a sessão da sociedade literária e científica de Cannes, cujo programa junto, ficando Liégeard de trazer-me cópia de sua poesia sobre o túmulo de Lamartine e da tradução que ele leu de meu soneto. "Pode o artista pintar a imagem morta". (ALCANTARA, 1999, s.p.)

Abaixo, o manuscrito que traz o soneto acompanhado de sua tradução:

Figura 12 – Transcrição e tradução de poema de autoria do Imperador



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

O poema e sua respectiva tradução para o francês estão dispostos no quadro abaixo. Na coluna esquerda, a transcrição do poema em português, como escrito pelo monarca, e ao lado direito, a tradução para o francês de Stéphen Liégeard.

Quadro 6 – Transcrição do poema *À morte do Príncipe D. Affonso* e respectiva tradução

À morte do Príncipe D. Affonso	Larmes d'un père
Pode o artista pintar a imagem morta	Au soir du long sommeil, l'artiste sur la toile
Da mulher por quem dera a própria vida	De son ange endormi peut réveiller ses traits
À esposa que a ventura vê perdida	Un baiser chaste au front qui déjà la mort voile
Casto e saudoso beijo inda conforta	Soulage encore l'épouse et trompe ses regrets;
	Dans son adieu l'ami fait briller un étoile
A imitar-lhe os exemplos nos exhorta	Mais dire ce qui sent, courbé sous les arrêts
O amigo na extrema despedida	Le père dont son glaive a pénétré la moelle
Mas dizer o que sente a alma partida	En coupant de ses jours la fleur pleine d'attraits
Do pai a quem, oh Deus, a espada corta	Son fils, qui le pourra, Seigneur, si le Sien même
	Laisse des pleurs de sangs du diadème
A flor de seu futuro, o filho amado	Si la terre, à la voix du Golgotha, trembla
Quem o pode, Senhor, se mesmo o Teu	Si le feu de l'éclair qui déchirait les nues
Só morrendo livrou-nos do pecado	Fis passer dans le ciel des terres inconnues
	Quand pour nous noirs pécheurs, l'agneau pur s'immola !
Se a Terra à voz do Golgotha tremeu,	
E o sangue do Cordeiro Imaculado	
Até o próprio céu ennegreceu	

O monarca escreve o poema na forma de um soneto italiano, contando com dois quartetos e dois tercetos, forma que o tradutor mantém na versão em francês. No entanto, o tradutor modifica o título de forma significativa para “Larmes d’un père”, ou *Lágrimas de um pai*, fazendo, de certa forma, com que o poema se tornasse menos pessoal, ou que não remetesse diretamente ao filho de D. Pedro II. Ainda, Liégeard altera também o esquema de rimas: em português, observa-se que os dois quartetos do poema são apresentados no esquema de rimas opostas (ABBA), enquanto Liégeard opta pelo esquema de rimas alternadas (ABAB) para os mesmos quartetos. Além da mudança no esquema de rimas nos quartetos, Liégeard também modifica o esquema de rimas para os tercetos. Em português, encontramos os versos no esquema CDC e DCD, respectivamente, já na tradução de Liégeard, os versos são apresentados em um esquema de rimas distinto, CCD e EED, com o aparecimento de uma nova rima (EE) no segundo terceto.

No dia seguinte à data em que faz menção ao poema, dia 16 de março de 1888, o monarca menciona novamente o poema e sua tradução, publicados em um periódico de nome *Le Littoral*, que circula em Cannes: “17 de março de 1888 - Mostrei a ela o periódico ‘Le Littoral’ illustré de Cannes de ontem onde vem a tradução feita por Liégeard e que ele leu na sessão de ontem da sociedade científica e literária de Cannes, de meu soneto “Pode o artista pintar a imagem morta”. Entretanto, na mesma passagem, o monarca anota suas impressões a respeito do poema, escrevendo “São belos versos, mas a tradução não reproduz meus sentimentos sobretudo nos tercetos e, contudo, eu dei-lhe uma tradução interlinear.” (ALCANTARA, 1999, s.p.). O imperador, portanto, não parece ter achado que a tradução de Liégeard tenha feito jus ao original, e indica ter já traduzido previamente o poema para o francês, o que demonstra que Liégeard provavelmente não conhecia a língua portuguesa, tendo elaborado sua versão a partir de uma versão anterior já em francês elaborada pelo monarca. Todavia, não se sabe se o imperador chegou a transmitir ao poeta sua opinião a respeito da versão em francês.

Liégeard, tradutor do poema, é citado inúmeras vezes nos diários do monarca, especialmente durante os últimos três anos de vida do monarca, entre 1888 e 1891, período em que esteve na França para tratar da saúde e para onde volta no período do exílio. A relação com Liégeard se mostra multifacetada, e a tradução feita pelo poeta para o poema do monarca é apenas um dos vestígios dessa característica. Por exemplo, outra entrada, do dia 18 de fevereiro de 1890,

registra: “Recebi os exemplares encadernados do artigo Brésil, do Rio Branco e já o distribui por algumas pessoas e pedindo ao Liégeard uma conferência sobre o Brasil a propósito do livro”. Essa passagem faz referência ao verbete *Brésil*, escrito pelo monarca em colaboração com o Barão do Rio Branco, para integrar a *Encyclopédie Française*. O imperador, embora destituído do trono e exilado, continua tirando proveito de suas relações pessoais para divulgar uma imagem positiva do Brasil no exterior, como fica evidente na menção a Liégeard e à conferência que este faria para falar do Brasil e do livro.

Alguns dias mais tarde, o imperador anota ainda, em seu diário, que enviaria ao poeta algum material tratando da língua tupi, para que Liégeard acrescentasse as informações à conferência. Sabe-se que D. Pedro II estudou a língua tupi, e parece considerar o tupi uma parte essencial da identidade brasileira. Uma anotação de 24 de fevereiro de 1890 aponta para a natureza das pesquisas e estudos de D. Pedro II com relação ao tupi:

Jantei bem, joguei bilhar com o Aljezur e depois com o S. Joaquim, em cuja sala li um trabalho Nouvelle des convertes d'idoles de l'Amazones par P. de Lisle du Drenesie, o qual mandarei a Liégeard com algumas palavras sobre a minha opinião favorável à origem oriental do tupi. Poderá servir-lhe para fazer a conferência que lhe pedi sobre o Brasil. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

Liégeard é mencionado em outras passagens dos diários do monarca, passagens que apontam para uma relação literária bastante intensa, com trocas de versos entre o poeta e o monarca, além de traduções. Eis aí mais um traço importante da francofilia de D. Pedro II, a importância da tradução como ferramenta de mediação cultural entre o imperador e os escritores com quem se correspondeu, característica presente também na relação do monarca com Hélène Vacaresco, Rigaud, entre outros. Além da questão literária e tradutória, bastante forte na amizade com Liégeard, outro ponto importante foi o apoio do monarca ao poeta em sua nomeação para a Academia Francesa. O monarca usa de sua extensa rede de contatos para fortalecer a candidatura do poeta, que, no entanto, só é aceito como membro em 1891.

Ainda sobre a relação de D. Pedro II com o tradutor de seu poema autoral, Liégeard é o autor do livro *La côte d'azur*, tendo cunhado o termo nessa ocasião para se referir à costa sul da França, mais especificamente, o sul da Provença e também da Ligúria, na Itália. Em 1887, Liégeard manda ao imperador a obra, que o governante utilizaria como uma espécie de guia turístico em suas andanças pela

França. Algumas passagens em seus diários de viagem fazem referência a isso, além de constar também uma transcrição que o monarca faz de um pequeno excerto da obra

26 de dezembro de 1887 - O poeta Liégeard, o dos versos do monumento de Brougham mandou-me de Paris na data de 21 do corrente seu livro "La côte d'Azur". 3 ¼ Estive lendo na obra de Liégeard o que ele diz de Antibes para onde vou. Não vi a [estátua] de que fala Liégeard em seu livro "La Côte d'azur" na qual um Albucius lamenta a morte de sua mulher depois de 30 anos de casados "sine ullâ querelâ de l'encaster dans la tour que par respect sans doute de la verité due à la maison de Dieu li la hissa sous la grosse cloche, tête en bas et lettres renversées". (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

Uma segunda passagem reforça a utilização do livro de Liégeard como um guia para D. Pedro II: "17 de janeiro de 1888 - Depois do chá estive lendo o que diz Liégeard de Fréjus na sua obra "Le Côte d'Azur", pois amanhã pretendo visitar as ruínas que aí há. São horas de dormir."

Ainda no espírito de promoção do Brasil no exterior, o monarca mostra que mesmo no exílio, tinha uma preocupação com o Brasil e um esforço em atuar em prol de sua pátria.

20 de julho de 1890 - 10 ¾ Esquecia dizer que La Patrie de 14 cita o trecho de Liégeard sobre a liberdade de imprensa no Brasil que se lê na conferência que ele fez a respeito de minha Pátria, e diz "Nous détachons ce passage sur le regime de la presse au Brésil du temps où D. Pedro régnait encore. Les renseignements proviennent croyons nous de la source la plus haute et leur mérite d'exactitude et d'actualité est double par la plume académique qui nous les transmet. "Mes idées sont favorables à sa plus grande liberté". Qui a écrit cela l'empereur lui-même de sa main, il y a peu de semaines en tête du chapitre que M. Ferreira de Araújo consacre à cette reine de notre époque. Et de fait avant les événements de 9bre je ne repondrais pas qu'il en allât ainsi depuis le départ du tyran – aucun ne jouissait, sous ce rapport de pareilles immunités". Gosto de citar estas palavras, e vanglorio-me delas. A consciência não me acusa de poupar seja o que for para o progresso de minha Pátria e ainda espero prestar-lhe bons serviços, porque muito posso estudar para isto.

O registro acima, já citado no capítulo 4, mostra que Liégeard advoga em favor do imperador em seus escritos, citando a liberdade de que desfrutava a imprensa durante o período do reinado do monarca, além de assinalar que possivelmente a imprensa não desfrutasse da mesma condição após os eventos de novembro, fazendo referência à Proclamação da República. O posicionamento de Liégeard no trecho citado por D. Pedro II, palavras das quais o monarca diz orgulhar-se, contradiz a imagem negativa do monarca disseminada no Brasil pelo governo republicano, que retratava o imperador como um tirano. Liégeard menciona

a liberdade de imprensa justamente como uma prova de que o monarca não censurava o jornalismo em seu país.

De fato, não eram poucas as críticas ao governante publicadas em jornais durante o período do império. De modo geral, os artigos desfavoráveis ao monarca citavam suas longas viagens ao exterior, principalmente em momentos em que os críticos julgavam que o imperador não poderia se afastar do país, e, mais frequentemente, o interesse de D. Pedro II por assuntos que não a política, embora fizessem parte dos assuntos da nação, como as artes, a ciência, a educação, os estudos geográficos, entre outros. O imperador, no entanto, nunca fez esforços para sufocar ou impedir que as críticas fossem publicadas.

Pode-se notar, portanto, que Liégeard e D. Pedro II tem uma relação que vai além da tradução e da literatura, com o monarca atuando em favor do poeta para auxiliá-lo em sua consagração como escritor, e com o poeta atuando em favor do imperador, escrevendo e discursando favoravelmente ao monarca, especialmente após a queda da monarquia. Essa relação traz mais um elemento importante para definir sua francofilia: o caráter político e social ligado às traduções que empreendeu, tanto na divulgação e promoção do Brasil no exterior, quanto em seus esforços para alavancar autores como Liégeard na França.

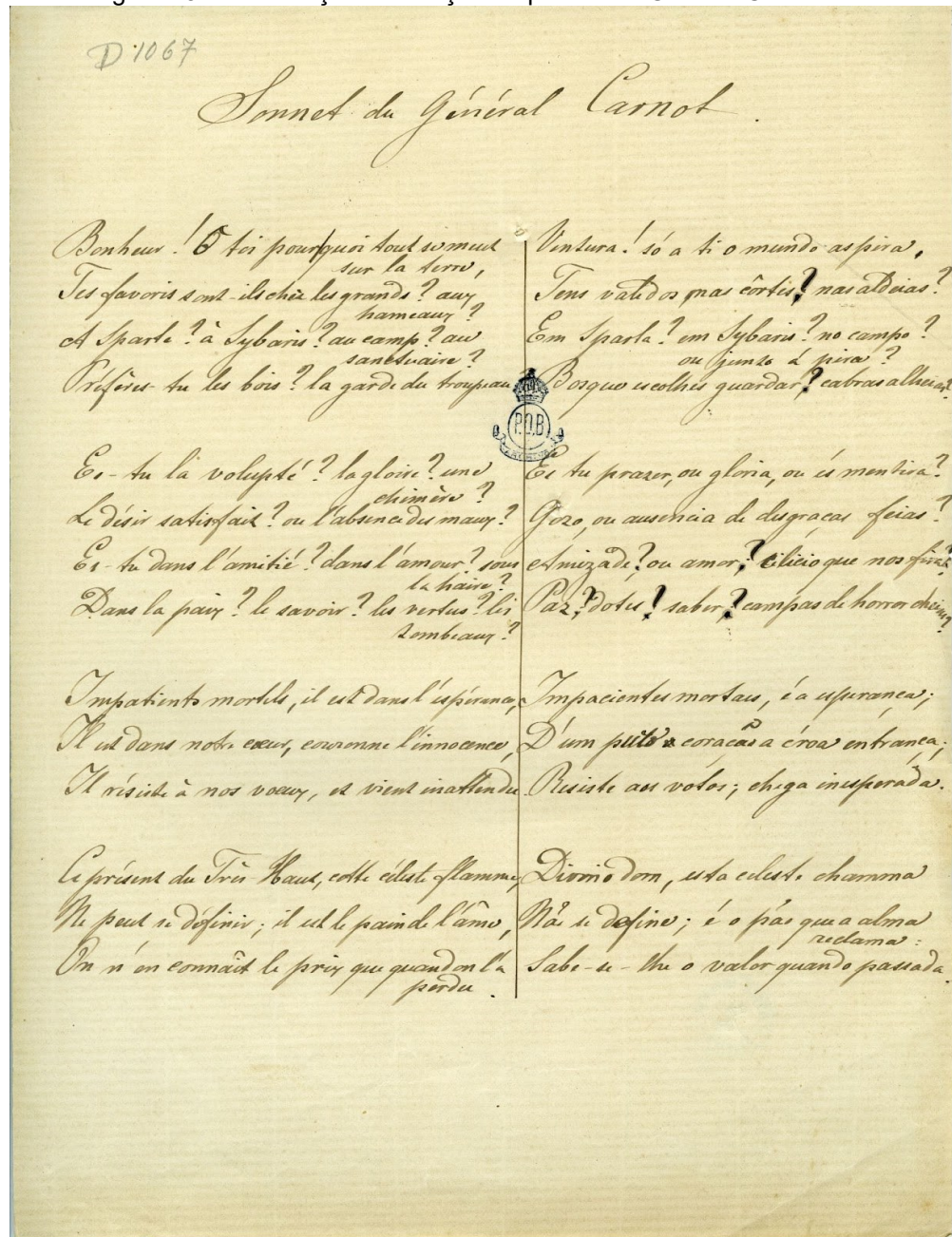
5.2.8 Soneto de General Carnot

O manuscrito em questão traz um soneto escrito por Lazare Carnot (1753 - 1823), avô de Sadi Carnot (1837 - 1894), que ocupava o cargo de presidente da França no período em que D. Pedro II estava exilado no país. O avô do presidente, autor do soneto, foi militar, mas também foi político, matemático, físico e poeta. General Carnot ficou conhecido por sua atuação na Revolução Francesa em 1789, na derrubada da monarquia e, principalmente, na execução do rei Luís XVI em 1793.

Em seu diário, o imperador marca o dia 2 de fevereiro de 1888 como sendo o dia em que inicia a tradução do referido soneto: “6h ½ Comecei a traduzir o soneto feito pelo General Carnot avô do atual presidente da República francesa. [...] 10h ¾ Li à Antônia o original e a minha tradução do soneto do General Carnot”. O monarca transcreve tanto o soneto quanto a tradução em seu diário, algo recorrente em seu processo criativo. Como já evidenciado nas análises anteriores, é frequente que se

disponha de dois registros distintos das atividades tradutórias de D. Pedro II, o manuscrito e o diário.

Figura 13 – Transcrição e tradução de poema de General Carnot



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

No quadro abaixo, estão transcritos o soneto de Carnot e a tradução elaborada pelo monarca. O poema é escrito em forma de soneto italiano, como boa parte dos sonetos traduzidos pelo imperador, o que pode indicar não apenas uma tendência da época, mas também uma predileção de D. Pedro II.

Quadro 7 – Transcrição de poema de General Carnot e respectiva tradução

<p>Bonheur! ô toi pourquoi tout se meut sur la terre, Tes favoris sont-ils chez les grands? aux hameaux? À Sparte? à Sybaris? au camp? au sanctuaire? Prefères tu les bois? la garde du troupeau? Es-tu la volupté? la gloire? une chimère? Le désir satisfait; ou l'absence des maux? Es-tu dans l'amitié? dans l'amour sous le haire? Dans la paix? le savoir? la vertu? les tombeaux? Impatients mortels, il est dans l'espérance, Il est dans notre coeur, couronne l'innocence, Il résiste à nos vœux, et vient inattendu Ce présent du Très Haut, cette celeste flamme, Ne peut se définir, il est le pain de l'âme, On n'en connaît le prix que quand on l'a perdu.</p>	<p>Ventura! Só a ti o mundo aspira. Tens valido nas cortes? nas aldeias? Em Esparta? Sibaris? No Campo? ou junto à pira? Bosques escolhes guardar ? cabras alheias? És tu prazer ou glória, ou és mentira? Gozo, ou ausência de desgraças feias? Amizade ou amor? Cilicio que nos fira? Paz? dotes? saber? campas de horror cheias? Impacientes mortais, é a esperança; d'um puro coração a c'roa entrança; Resiste aos votos; chega inesperada. Divino dom, esta celeste chama Não se define, é o pão que a alma reclama; Sabe-se-lhe o valor – quando passada.</p>
---	---

O imperador mantém, em sua tradução, o esquema de rimas alternadas, ABAB ABAB, e o mesmo para os tercetos, CCD CCD. O poema trata da felicidade, de sua importância, de onde ela pode ser achada e de como só se lhe dá valor quando a perdemos. Embora o monarca prefira, para seus poemas autorais, temas mais explicitamente ligados a eventos de sua vida pessoal, para os poemas que traduz, D. Pedro II parece ter uma inclinação por poemas que falem de bons sentimentos, como o amor, a felicidade, ainda que disponham também de certo tom melancólico. O soneto do General Carnot engloba alguns dos elementos que parecem despertar o interesse do monarca quando se trata de traduzir poemas.

No entanto, o General Carnot se difere dos demais autores selecionados por D. Pedro II por ser um dos poucos autores que não viveram na mesma época que o imperador. Suponho, a partir de passagens de seus diários, que sua preferência por autores que sejam seus contemporâneos se deva ao fato de que o monarca parecia bastante interessado na interlocução, além da tradução. São frequentes menções a encontros com os autores, troca de correspondência e, especialmente, o envio dos versos traduzidos pelo monarca para o português, língua que certamente muitos dos seus correspondentes francófonos não conheciam ou dominavam. Novamente, a interlocução parece ser, portanto, um fator essencial para o processo criativo do monarca ligado à francofilia, como uma etapa de conclusão.

Outra característica peculiar do General Carnot é o fato de ter vivido em exílio, assim como D. Pedro II. A instabilidade da República Francesa e os constantes conflitos e tentativas de retorno à monarquia na França fizeram com que o regicida Carnot fosse uma figura bastante visada depois da Revolução Francesa, o que fez com que o militar fosse exilado na Alemanha. Ainda, assim como D. Pedro II, o poeta também teve uma coletânea de seus poemas publicada pouco tempo antes de sua morte. Contudo, a produção literária do militar acaba ficando em segundo plano, por conta de sua atuação política de grande relevância em um período extremamente conturbado da História da França. (CARNOT, 1894, p. 5). O mesmo ocorre com o próprio imperador D. Pedro II, que tem seus poemas e traduções publicados em uma edição organizada por seus netos em 1891, entretanto, as produções literárias do imperador ficam em segundo plano com relação à sua trajetória política e sua importância histórica.

Outras passagens do diário do monarca mostram um interesse particular do imperador pelo General Carnot, mas também pelo filho deste, Hippolyte, e pelo neto, o presidente Sadi Carnot:

7 de fevereiro de 1888 - Conversei com Alphonse Karr a quem dei o Temps com o soneto do General Carnot a respeito da felicidade e minha tradução, a qual escrevi a lápis no mesmo diário.

7 de março de 1888 - Le Petit Journal traz um artigo sobre as memórias de Garibaldi publicadas em Florença. Vou mandar vir. [...] Acaba de formar-se uma comissão de estudos preparatórios para o centenário de 1789. É presidida por Carnot, membro do Instituto. Ocupar-se-á de uma espécie de exposição retrospectiva da Revolução francesa (conferências, museus etc. e criação de uma Sociedade da história da Revolução).

20 de março de 1888 - Vou cortar o artigo de notícias La cour du Brésil. O mesmo diário, mas de ontem, pequeno artigo sobre Carnot pai do presidente atual. Vejo que foi colaborador em diversas publicações dos san-simonianos.

16 de janeiro de 1890 - “Le réforme des chemins de fer en Hongrie” – Jeanne d’Arc pagée par Mr. Carnot. Elogiou-a a 10 de 8bro de 1880 em Compeigne, na inauguração da estátua dela.

20 de julho de 1890 - Escreve com espírito sobre o atentado contra Carnot – “Sully Prudhomme Stoicien”.

29 de janeiro de 1891 - Academia das Ciências Morais e Políticas sessão de 24. O dr. Marjorlin leu um trabalho interessante, “Etude sur l’état actuel de la protection d’enfance”. Vou lho pedir. Notice interessante, assim diz o resumo de M. Lefèvre – Pontalis sobre H. Carnot, o pai do atual presidente.

16 de maio de 1891 - “Le banquet de la Chambre de Commerce”, na 4a fa. Assistiu Carnot.

19 de agosto de 1891 - 10h 25' já estou na cama. Antes Seibold começou a ler-me o trabalho sobre 100 Carnot pai do presidente da República por Lefèvre de Pontalis quando o substituiu em 1888. 11h35 Seibold leu o escrito sobre o Carnot pai do atual presidente da República.

20 de agosto de 1891 - 1h Acabei de ler a Notice sur M. Hippolyte Carnot par M. Lefèvre Pontialis. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

É provável que a tradução do poema de Carnot tenha sido motivada por seu interesse pela família de políticos, uma característica que o aproximava dos Carnot pela semelhança com sua própria trajetória. Observa-se, portanto, que a francofilia do monarca no exercício de suas traduções não parece ser ligada apenas à questão linguística, mas também a fatores extratextuais que tenham alguma relação com sua própria biografia, ou que atraiam seu interesse de algum modo.

5.2.9 Soneto de Sully Prudhomme

O poeta francês René François Armand (Sully) Prudhomme (1839 - 1907) já fazia parte da Academia Francesa desde 1881 e era visto frequentemente discursando no Institut de France. Prudhomme já desfrutava, portanto, de certo prestígio muito antes de ter sido o primeiro escritor laureado com o prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto da obra, fato que ocorreu no ano de 1901, segundo consta

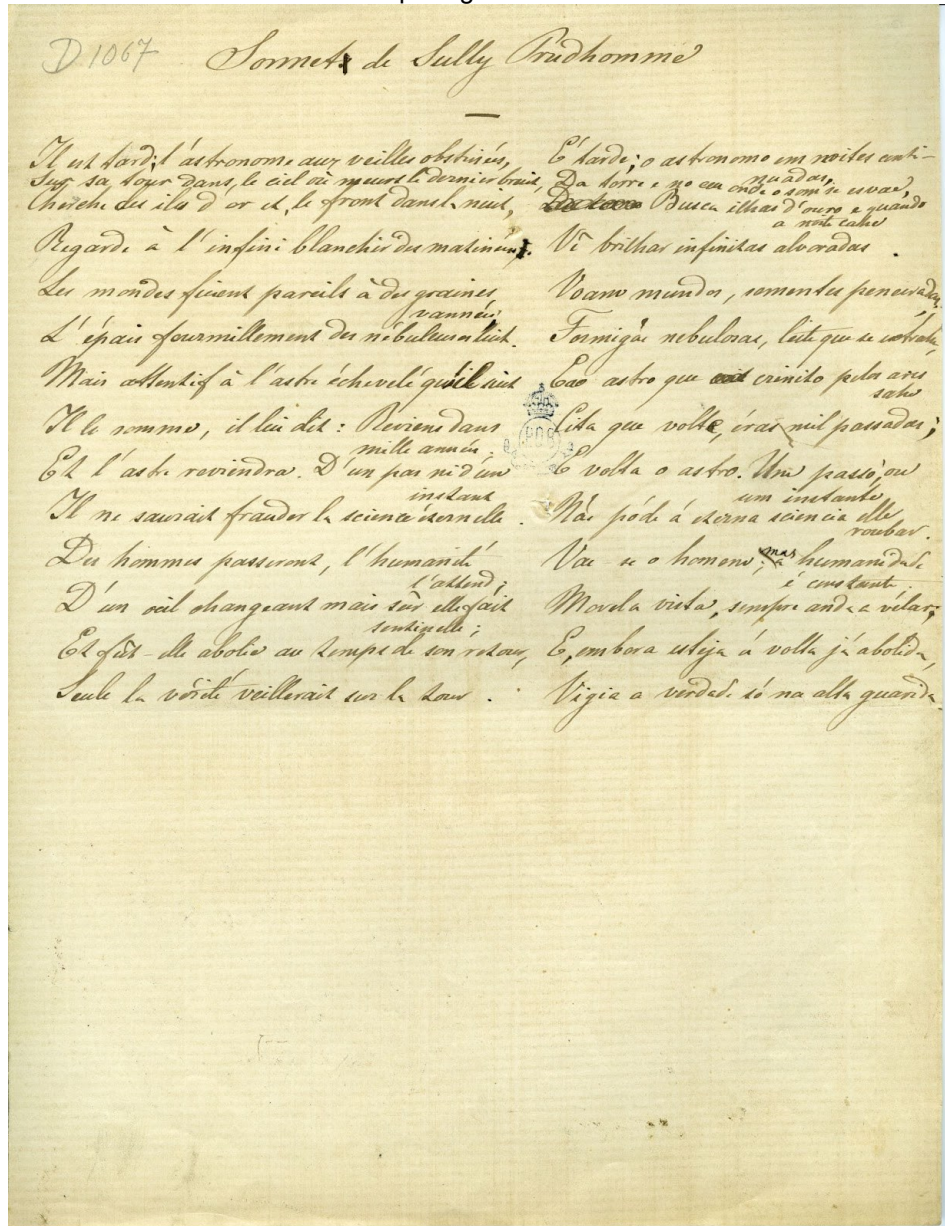
no site da Académie Française⁸. Em 1895, recebe o título de *Grand Officier de la Légion d'Honneur*, honraria particularmente importante na França. No espírito de estimular a literatura francesa, Prudhomme destina parte do prêmio em dinheiro do Nobel à criação de um prêmio literário da Société des gens des lettres, além de ter fundado, no ano seguinte, a Sociedade dos Poetas Franceses.

Seus poemas, dotados de forte tom melancólico, fazem com que o autor seja frequentemente associado ao Parnasianismo, movimento literário europeu que surge na segunda metade do século XIX e que também desembarcaria no Brasil com algum tempo de atraso em relação ao mesmo movimento na Europa. Além da melancolia, os interesses do autor por ciência e filosofia também transparecem em seus escritos.

O manuscrito apresentado abaixo traz um soneto de Prudhomme em francês, acompanhado de sua tradução para o português ao lado, elaborada por D. Pedro II. Boa parte dos poemas que o monarca traduz são apresentados nos manuscritos nessa mesma configuração, uma versão ao lado esquerdo, a original, e uma versão ao lado direito, a tradução. No entanto, em alguns casos também são observadas traduções interlineares.

⁸ <https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/armand-prudhomme-dit-sully-prudhomme>

Figura 14 – Transcrição de poema em francês de Sully Prudhomme acompanhado da tradução para o português



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

No quadro abaixo, estão apresentadas a transcrição do poema acompanhada de sua tradução para o português.

Quadro 8 – Transcrição de poema de Sully Prudhomme e respectiva tradução

<p>Il est tard, l'astronome aux villes obstinées</p> <p>Sur sa tour, dans le ciel où meurt le dernier bruit</p> <p>Cherche des îles d'or, et le front dans la nuit</p> <p>Regarde à l'infini blanchir des matinées</p> <p>Les mondes fuient pareil à des graines vannées</p> <p>L'épais fourmillement des nébuleuses luit</p> <p>Mais attentif à l'astre échevelé qu'il suit</p> <p>Il le somme et lui dit: "Reviens dans mille années"</p> <p>Et l'astre reviendra. D'un pas ni d'un instant</p> <p>Il ne saurait frauder la science éternelle</p> <p>Des hommes passeront, l'humanité l'attend</p> <p>D'un ciel changeant mais sur elle fait sentinelle</p> <p>Et fût-elle abolie au temps de son retour</p> <p>Seule, la Vérité veillerait sur la tour.</p>	<p>É tarde, o astrônomo em tardes continuadas</p> <p>Da torre e no céu onde o som s'esvai</p> <p>Busca ilhas de ouro e quando a noite cai</p> <p>Vê brilhar infinitas alvoradas. Voam mundos, sementes peneiradas</p> <p>Formigam nebulosas leite que se extrai</p> <p>E ao astro, que crinito pelos ares sai</p> <p>Cita que volte, eras mil passadas</p> <p>E volta o astro. Um passo, ou um instante</p> <p>Não pode a eterna ciência ele roubar</p> <p>Vai-se o homem; a humanidade é constante</p> <p>Móvel a vista sempre anda a velar</p> <p>E embora esteja à volta já abolida</p> <p>Vigia a verdade só n'alta guardada.</p>
--	---

Fonte: elaborado pela autora (2021)

No poema, estão presentes menções à ciência, característica fundamental da poesia de Prudhomme. O soneto conta com um esquema de rimas interpoladas, ABBA ABBA, e CDC DEE para os últimos seis versos, esquema que o imperador

mantém em sua tradução, como é seu costume. Assim como ocorre com Jules Verne, é possível que o interesse de D. Pedro II tenha relação com as menções à ciência, presentes nos poemas de Prudhomme. De forma mais geral, observa-se nos autores que o imperador escolhe para traduzir e se corresponder são homens polímatas, instruídos em diversas áreas de conhecimento, como a política, o direito, a astronomia, as ciências naturais, a literatura, e, evidentemente, as línguas. Em outras palavras, o imperador sente afinidade não apenas por belos poemas, mas por seus autores, homens que, como ele próprio, tentam absorver o máximo do conhecimento sobre o mundo que os cerca. Essa é, também, uma característica fundamental de sua francofilia.

Pelo que é possível perceber com base nas entradas no diário do Imperador, o monarca e o poeta trocaram correspondência e tiveram certa interação social no final da vida de Dom Pedro II, pelo menos de 1888 em diante, como apontam as seguintes passagens:

7 de fevereiro de 1888 - 1h Acabei de ler o folhetim dos Débats de ontem sobre o poema "Le Bonheur" de Sully Prudhomme. Vou mandar buscá-lo. 3 de março de 1888 - Vim para o quarto do Nioac, onde achei a resposta do Sully Prudhomme à minha carta com a cópia de dois sonetos seus, de que vou traduzir um e como é mais de meia-noite vou deitar-me.

4 de março de 1888 — 8h Vou ver se termino a tradução do soneto de Sully Prudhomme. 12 ³/₄ Acabo de receber a visita da Antônia a quem li a minha tradução, que transcreverei, de um dos sonetos, que me mandou Sully Prudhomme.

5 de março de 1888 — 8h Sully Prudhomme a quem pedi que me indicasse a poesia que preferia eu traduzisse e enviou-me dois sonetos de que já traduzi este.

6 de março de 1888 10h 20' Traduzi hoje outro soneto que me mandou Sully Prudhomme. [transcrição do soneto em francês e da tradução em português] (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

É entre os dias 4 e 5 de março de 1888 que Dom Pedro II termina a tradução do soneto que havia recebido no dia 7 de fevereiro. No dia 5 de março, o monarca transcreve o soneto em francês e sua tradução para o português. A passagem do dia 5 de março indica que os sonetos chegaram às suas mãos por um pedido seu ao poeta, evidenciando novamente a questão da interlocução como fator elementar de sua francofilia, e, no dia 6 de março, o imperador transcreve outro soneto de Prudhomme, intitulado *La Grande Ourse*. O poema abaixo não consta dos manuscritos enviados pelo Museu Imperial/IBRAM ao NUPROC, provavelmente por não fazer parte da obra antológica de poemas de D. Pedro II. Todavia, o diário nos fornece tanto o soneto quanto sua tradução:

Quadro 9 – transcrição de poema *La Grande Ourse*, de Sully Prudhomme e respectiva tradução

<p>La Grande Ourse, archipel de l'océan sans bords</p> <p>Scintillait bien avant qu'elle fût regardée</p> <p>Bien Avant qu'il errait des pâtres en Chaldée</p> <p>Et que l'âme anxieuse eût habité les corps</p> <p>D'innombrables vivants contemplant depuis lors</p> <p>La lointaine lueur aveuglement dardée</p> <p>Indifférente aux yeux qui l'auront obsédée,</p> <p>La Grand Ourse luira sur le dernier des morts</p> <p>Tu n'as pas l'air chrétien, le croyant s'en étonne</p> <p>Oh figure fatale exacte et monstre</p> <p>Pareille à sept clous d'or planter dans un drap noir</p> <p>Ta précise lenteur et la froide lumière</p> <p>Déconcertent la foi: c'est toi qui la première</p> <p>M'as fait examiner mes prières du soir</p>	<p>A Ursa arquipélago de mar sem praias</p> <p>Muito antes de ser vista cintilava;</p> <p>Inda o pastor caldeu não vagueava</p> <p>E alma ansiosa, o corpo não ensaias</p> <p>Inúmeros veem, por tempo que não tem raias</p> <p>Sua remota luz, que já os deslumbrava</p> <p>Indiferente às vistas que a escrutava</p> <p>Brilhará a ursa quando último morto caias</p> <p>Não tens feição cristã, espanto és do crente</p> <p>Fatal figura de rigor algente</p> <p>Sete áureos cravos em pano enfeitado</p> <p>Teu medido vagar, frígida luz</p> <p>Vem turbar minha fé, e isto m'induz</p> <p>A ver porque eu à noite tenha orado.</p>
--	--

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Assim que conclui as traduções, o monarca as envia ao poeta, como indica a passagem do diário do dia 9 de março: “Meia-noite ½. Deixei pronta a carta para Sully Prudhomme mandando-lhe a tradução dos dois sonetos dele que me mandou”.

20 de julho de 1890 - Escreve com espírito sobre o atentado contra Carnot – “Sully Prudhomme Stoicien”. Artigo interessante de Paul Dujardin sobre o novo poema dele Bonheur. Vou lhe pedir. 7 ³/₄ escrevi-lhe.

26 de outubro de 1890 – 5h 10' vou ler o que principiei ontem antes de dormir, o artigo da Revue des Deux Mondes de Sully Prudhomme de Pascal.

27 de julho de 1891 - 4h ³/₄ estive lendo os discursos por motivo da ereção em Paris da estátua de Molière. Sully Prudhomme chama Lafontaine morto em 1695 cadet politique e de Corneille morto em 1684.

31 de agosto de 1891 - 7h 5' Jantei com apetite. Antes acabei de L'éternel secret que tem belos pensamentos e bons versos. De quem será? Quase que di-los-ia de Sully Prudhomme que tem boas relações literárias comigo pelas suas odes e tradução empreendida de Lucrécio. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.)

O contato com Sully Prudhomme, além de outros escritores membros da Academia Francesa como Stéphen Liégeard e Leconte de Lisle, que também constam no dossiê genético apresentado, mostram que o Imperador participava ativamente da vida literária da França, estando presente em muitas sessões da Academia Francesa e se relacionando com estes e outros escritores mesmo fora do contexto da Academia, como demonstra uma passagem do dia 9 de outubro de 1890: “5h 10' Chego da Academia Francesa onde se tratou do dicionário de que trago as palavras discutidas. Estiveram presentes muitos dos meus conhecidos, falando eu sobretudo a Gaston, Boissier e a Sully Prudhomme.”.

O imperador parece ter desenvolvido com Prudhomme uma relação similar àquela estabelecida entre Liégeard e ele, uma interação sustentada pela literatura e pela tradução, e mantida pela possibilidade de interlocução através desses dois elementos, tendo como eixo principal a língua francesa. Isso mostra que a francofilia de D. Pedro II é, dentre outros aspectos, fundamentalmente relacional e interativa, ou seja, o aspecto social parece pesar bastante na produção literária e tradutória do monarca, que encontra em outros autores um eco de seus interesses.

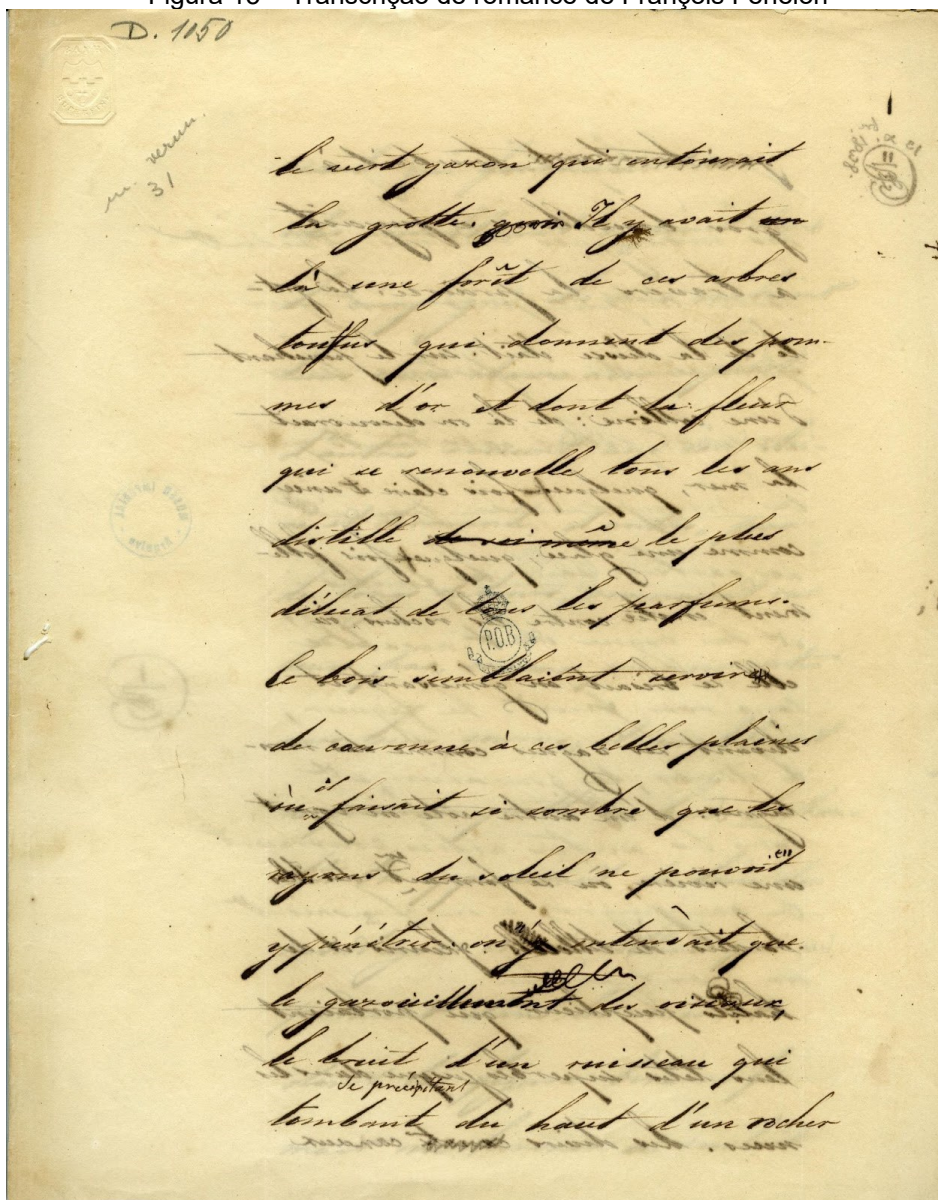
5.2.10 Excerto de *Les aventures à Télémaque*, de François Fénelon

Os oito fólhos que compõem o referido documento são uma transcrição de parte da obra mais conhecida de François de Salignac de la Mothe-Fénelon (1651 - 1715), um teólogo, poeta e escritor francês, autor de fábulas e romances educativos, que também atuou na conversão de protestantes e pagãos junto à Igreja Católica. O excerto transcrito que aparece entre os manuscritos de D. Pedro II pertence ao romance educativo *Les Aventures de Télémaque, fils d'Ulysse*, que foi publicado em 1699. Escrito em prosa, o romance constitui uma ocorrência única em meio aos

documentos de D. Pedro II, por dois motivos principais: 1) Trata-se de uma obra escrita por um autor que viveu muitos anos antes de D. Pedro II, contrariando o que se percebe a partir do corpus em geral, já que conta, majoritariamente com a presença de autores que eram seus coetâneos; 2) Trata-se de um romance e de uma obra em prosa, duas características que não aparecem frequentemente dentre suas preferências literárias, visto que o imperador tem uma clara predileção por poemas, possivelmente pela rapidez com que conseguiria traduzir um soneto, em comparação a uma obra em prosa.

Essas duas peculiaridades convidam à reflexão a respeito do motivo pelo qual esse texto estaria presente em meio aos manuscritos do monarca. Nota-se também que foi transcrito por um copista, pois a caligrafia é bastante distinta da letra do imperador, como é possível observar no manuscrito abaixo.

Figura 15 – Transcrição de romance de François Fénelon



Fonte: Museu Imperial/IBRAM

A obra em questão narra a jornada de Telêmaco, que é guiado em uma viagem através da história em busca de seu pai Ulysses, juntamente com seu preceptor, Mentor, que era, na verdade, Minerva, a deusa da sabedoria, disfarçada. Ao conhecer momentos distintos da Antiguidade, Mentor (Minerva) aponta os problemas vividos pelo povo por conta de conselhos ruins que foram seguidos pelos governantes.

No romance, Fénelon apresenta problemas similares àqueles pelos quais passava a França durante o século 17, como a fome, as disputas internas e a pobreza. Os bons conselhos de Mentor acabam conduzindo a nação à resolução

dessas questões, através de reformas econômicas, acordos de paz e o estímulo à agricultura. O autor da obra, Fénelon, desfrutava de uma posição de prestígio na corte francesa, antes da publicação de *Les aventures de Télémaque*, tendo sido tutor do neto de Luís XIV, Luís, o Duque de Borgonha, cargo que ocupou de 1689 a 1697. Fénelon foi eleito membro da Academia Francesa em 1693 e também recebeu do rei o título de Arcebispo de Cambrai, o que mostra que o monarca o tinha em alta conta.

Esse romance educativo não foi a primeira obra do gênero escrita por Fénelon, o autor já havia publicado também, em 1687, o tratado *de l'Éducation des filles*, baseado em sua experiência como diretor de um convento para jovens protestantes recém-convertidas. A obra *Les Aventures de Télémaque*, no entanto, parece ter sido, segundo a introdução da edição disponibilizada na internet pelo Projeto Gutenberg, uma obra não destinada à publicação, e sim um modelo educativo escrito por Fénelon para a formação de seu jovem pupilo, o Duque de Borgonha (FÉNELON, 1893). A introdução da obra aponta, ainda, para a intenção de Fénelon de presentear o jovem Duque com a obra quando este se casasse, como um complemento à sua formação e uma lembrança dos princípios passados por Fénelon ao Duque. Porém, um copista encarregado de copiar a obra vende o manuscrito a um livreiro, dando origem ao escândalo que fará com que o rei se reconheça na obra e, surpreso com as ideias reformistas e com as duras críticas de Fénelon a seu governo, expulsa o tutor de seu neto da corte. O sucesso da obra no exterior, principalmente nos países inimigos da França, como a Holanda e a Inglaterra, certamente contribuiu para o desprestígio de Fénelon.

Não há, nos diários de D. Pedro II, nenhuma indicação de que o monarca pretendia com relação a esse manuscrito, se pretendia traduzi-lo ou estudá-lo. As páginas transcritas pertencem ao primeiro e ao décimo quinto livros da obra, porém, considerando-se que as transcrições começam e terminam com frases incompletas, pode-se deduzir que existem mais páginas desses mesmos livros da obra, ou, ainda, de outras partes da obra no acervo do Museu Imperial/IBRAM. O primeiro livro retrata o encontro de Telêmaco com a deusa Calipso, enquanto o décimo quinto livro relata a presença de Telêmaco durante uma assembleia de autoridades do exército.

Um aspecto interessante a respeito de *Les Aventures de Télémaque* é que essa é uma das poucas obras apontadas por Cooper-Richet (2009, p. 546) como tendo feito parte dos catálogos do livreiro parisiense Baudry, em edição bilingue

francês-português na França durante o século XIX, e, a partir de 1851, *Télémaque* passa a ser publicada em seis idiomas diferentes, o que indica um retorno do livro à circulação de obras no sistema literário francês. Pode-se imaginar que, por conta da efervescência do sentimento republicano após a Revolução Francesa, a obra tenha voltado a circular mais de 100 anos depois de sua polêmica primeira publicação, e acredito ter sido nesse contexto que o monarca entrou em contato com o livro. Nos diários do monarca, no entanto, não há nem sequer uma menção à obra, nem ao que pretendia com essa transcrição.

Na biografia do monarca, contudo, existe mais uma ligação com Fénelon: segundo Calmon (1975a, p. 35), a preceptora do pequeno Pedro de Alcântara, Dona Mariana de Verna (Condessa de Belmonte), elaborou um livro de 61 lições religiosas, intitulado *Pequeno Catecismo Histórico*. Essa obra teria sido escrita de acordo com as recomendações de Fénelon em seu livro *Dialogues sur le'éloquence, Mémoire sur les occupations de l'Académie française*, que tratava da educação dos filhos, em que advertia que estes deveriam ser instruídos pela preceptora, tendo o *Catéchisme historique* como fundamento. É possível, portanto, que o monarca tenha entrado em contato com os escritos de Fénelon por conta dessa influência.

Destaco que se trata de um dos poucos autores não coetâneos de D. Pedro II presentes na coleção de seus manuscritos, além de ser também uma das poucas obras escritas em prosa que podem ser encontradas entre seus documentos. Pode-se inferir, portanto, que as características que atraíram o monarca à obra são um pouco diferentes daquelas que lhe interessam nos poemas. Com relação ao seu interesse por poemas de outros autores, o monarca parece particularmente inclinado a poemas de teor romântico e temática amorosa, e a presença da prosa de Fénelon em meio a seus manuscritos parece indicar um outro tipo de interesse: é provável que a importância dada pelo governante a um romance educativo que também tem marcas de tratado político esteja relacionada justamente à natureza moral e política da obra, em relação com sua condição de imperador do Brasil. Em outras palavras, pode-se atribuir seu interesse a questões políticas de natureza similar vividas por D. Pedro II enquanto ocupava o cargo de imperador do Brasil, sobretudo aquelas ligadas às decisões sobre o desenvolvimento do país, algo que o monarca buscou durante toda sua vida. É possível, portanto, que D. Pedro II tenha julgado que a obra de Fénelon tivesse algo a lhe ensinar a respeito de governar.

6 CONCLUSÃO

A presente tese teve o objetivo de analisar, de forma mais aproximada e textual, os manuscritos de poemas do imperador D. Pedro II, mais especificamente, aqueles ligados à sua relação com a língua francesa. Fizeram parte da análise manuscritos que contivessem poemas ou trechos de poemas, que fossem esboços de traduções do francês ou poemas autorais. Contudo, para dar início à exploração do objeto de estudo desta tese, foi necessário, inicialmente, investigar e ressaltar alguns pontos importantes da biografia do imperador D. Pedro II, não de forma linear e essencialmente biográfica, mas tendo como diretriz os pontos de contato da vida do monarca com o tema da pesquisa.

O desenvolvimento desta pesquisa incluiu também uma etapa extensa de investigação das ramificações das influências francesas no Brasil em diversas esferas da sociedade, como as artes, a literatura, a filosofia, a ciência, a exploração dos recursos naturais do país por parte de exploradores franceses e também as questões sociais do século XIX que foram, em certa medida, influenciadas e afetadas por pressões externas vindas da Europa, e, principalmente, da França pós-Iluminismo.

A partir da noção de que a França desfrutava de certo nível de prestígio cultural e científico à época, foi necessário rastrear de que forma esse prestígio fez com que o país de Baudelaire fosse uma nação a ser espelhada por todas aquelas que desejassem entrar no panteão das grandes nações. Esse prestígio advinha de uma pressuposta superioridade cultural e científica, já que a França liderava a produção literária e científica na época. Ainda, o país era envolto por uma atmosfera de refinamento e elegância, o que fez com que muitos países, dentre eles o Brasil, adotassem as roupas, festas, perfumes e a própria língua francesa, como ocorreu na corte. A arquitetura de algumas construções e edifícios em algumas regiões do Brasil, em especial, na cidade do Rio de Janeiro, também foi bastante influenciada pela arquitetura neoclássica que vinha da França.

Essa etapa de investigação apontou, por exemplo, que a literatura brasileira, que apenas começava a tomar força no século XIX, foi fortemente influenciada pelas escolas literárias europeias, tais como o Romantismo, o Simbolismo e o Parnasianismo. Em outras palavras, alguns dos movimentos literários brasileiros

foram espelhados em movimentos literários franceses, com apenas alguns anos de atraso. Essa reprodução dos valores estéticos franceses na literatura mostra o desejo de que a literatura brasileira fosse vista e validada dentro do sistema literário mundial, apelando ao gosto europeu pela temática e/ou pela reprodução dos padrões de cada movimento.

Dessa investigação, resultou um panorama dos laços do imperador com a língua, a cultura e a literatura francesas, desde sua infância até o fim de sua vida no exílio na França. Essa via de análise foi orientada por alguns posicionamentos teóricos, um deles centrado na ideia de escala no estudo histórico, de Jacques Revel, que sustenta que a análise da micro história pode ajudar a compreender os fenômenos maciços e a macro história.

A partir das noções de *habitus* de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, foi possível refletir sobre a relação de influência que parte do contexto, ou melhor, da conjuntura do indivíduo, para suas práticas individuais, algo essencial quando se trata de investigar a relação de D. Pedro II com a francofilia, característica que se materializa em seus documentos manuscritos. O objetivo de analisar essa inclinação do monarca através da lente do *habitus* foi o de aprofundar a discussão a respeito da relevância da experiência e da subjetividade do indivíduo como elemento representativo da sociedade em uma conjuntura específica.

Ainda sobre a questão do foco no indivíduo para entender a história, recorri ao que aponta Joan Scott sobre a experiência do indivíduo e a importância de se historicizar o sujeito e compreender a construção da memória a partir da experiência e de sua subjetividade. Embora o imperador D. Pedro II não seja, de forma alguma, um indivíduo invisibilizado pela história, sua faceta de intelectual, poeta, e tradutor certamente o foram. Trabalhando de forma conjunta com os pressupostos de Scott e da pesquisadora Zilá Bernd, busquei um enfoque francofilia do imperador, materializada em seus manuscritos, com a intenção de trazer à luz os aspectos da memória, da experiência e da subjetividade.

Enxergando D. Pedro II como um nômade intelectual, a partir dos escritos de Bernd, procurei apresentá-lo como um indivíduo que descobre culturas e tradições além da sua, que revisita continuamente ao longo da vida, em um processo de construção que se dá de forma contínua. Foi, portanto, através da subjetividade e da memória que busquei inverter o estudo da história, tanto a individual quanto a coletiva, partindo da conjuntura, através do delineamento de um panorama sócio-

histórico e cultural, rumo aos manuscritos do monarca, passando por questões formativas particulares do imperador.

Após traçar o histórico do Brasil em relação à influência francesa, e a própria construção da faceta francófila do imperador D. Pedro II, passei então à análise dos manuscritos como vestígio material dessa francofilia. Para tanto, foi necessário adotar uma metodologia que permitisse uma seleção amostral a partir do corpus, um dossiê genético constituído na ocasião de minha dissertação de mestrado. As tabelas de catalogação e organização dos manuscritos, elaboradas por mim em 2018, serviram como base para a amostra a ser delimitada e analisada na pesquisa desta tese.

Para tanto, busquei uma metodologia de fechamento de amostra para pesquisa qualitativa, e a metodologia encontrada, composta por oito passos que visavam a seleção de documentos de forma que fosse possível chegar à saturação teórica, momento em que análises adicionais não acrescentariam mais informações diferentes daquelas que já dão suporte à teoria sustentada na pesquisa. De forma preliminar, quantifiquei os manuscritos de acordo com categorias, levando em conta as principais características apreendidas a partir dos próprios documentos. Em outras palavras, eram importantes: o tipo de texto, o período ou ano do documento, o autor, o tradutor do texto, caso houvesse, e, por fim, a finalidade, ou atividade empreendida pelo imperador com relação ao texto em questão.

A partir dessa primeira análise quantificadora, o corpus da pesquisa demonstrou algumas características a serem examinadas de forma mais detida: 1) em primeiro lugar, ficou evidente uma quantidade maior de manuscritos de poemas; 2) com relação ao ano, também foi possível observar uma quantidade significativa de documentos ligados ao período da viagem de D. Pedro II à Europa, em 1888, e ao período do exílio, de 1889 em diante, e textos que fizeram parte da antologia compilada por seus netos e publicada em 1891; 3) a respeito do autor, sublinho a presença de outros autores em maior quantidade, e autores que eram, em sua maioria, contemporâneos de D. Pedro II. No entanto, observa-se também uma presença menor de textos escritos pelo próprio imperador.

Em seguida, com relação ao imperador como tradutor: 4) fica visível a expressiva presença do monarca como tradutor dos textos com os quais entrava em contato através de correspondências ou visitas de seus autores; 5) com relação à atividade empreendida, observa-se, dentre os manuscritos do imperador, uma

quantidade significativa de transcrições de textos acompanhadas pelas respectivas traduções, em geral, elaboradas pelo monarca, mas também por outros tradutores. Essas características, apreendidas dos próprios manuscritos, deram um norte à próxima etapa da pesquisa, o fechamento da amostra a partir de uma seleção de documentos que pudessem demonstrar essas características, caracterizando, assim, a francofilia do imperador.

Para tanto, cada documento foi investigado individualmente com relação às suas circunstâncias de produção, origem e autor do texto, atividade elaborada a partir do texto, e outras informações relevantes para a contextualização do documento. Desse modo, foi possível chegar a uma amostra de dez documentos, alguns compostos por mais de um fólio, que são considerados representativos das principais características da francofilia do monarca, apontadas nos parágrafos anteriores, mas também de características menos fortes, embora ainda presentes.

A análise e articulação das características principais dos manuscritos se deu através do cruzamento entre o conteúdo dos manuscritos, os diários do monarca, e outras fontes bibliográficas pertinentes. A partir desse cruzamento, foi possível investigar de forma mais aprofundada tanto o processo criativo do monarca, com relação aos seus procedimentos de tradução, quanto as informações sobre as circunstâncias de produção dos documentos, abarcando assim, portanto, aspectos textuais e também extra-textuais.

Ao longo da análise dos manuscritos, algumas questões foram evidenciadas. Em primeiro lugar, a inclinação do monarca por autores com quem pudesse estabelecer algum tipo de contato ou correspondência, já que parte importante de seu processo criativo para as traduções consistia no envio da tradução para o português aos autores dos poemas e textos que traduzia. Ainda, é possível observar uma predileção por autores do sexo masculino, como Sully Prudhomme, Stéphen Liégeard, François Coppée, entre outros, embora haja a presença de uma autora do sexo feminino, e uma feminista do século XIX, notavelmente, na figura de Hélène Vacaresco, autora romena que desfrutava de certo prestígio no círculo literário francês da época.

Dentre os manuscritos do monarca, estão presentes também cartas, como a carta de Jules Verne recebida pelo monarca, na qual o escritor francês escreve que deseja apresentar ao imperador do Brasil seu romance *La jangada*, que se passa, em parte, no Rio Amazonas. Para D. Pedro II, que tanto buscou, ao longo de sua

vida, a promoção da imagem do Brasil no exterior, certamente a obra de Jules Verne deve tê-lo agradado, já que Verne já era um autor bastante conhecido no meio literário francês, prestígio que poderia fazer com que a obra que tinha o Rio Amazonas como pano de fundo fosse lida no centro da cultura mundial à época, a França.

Além das cartas, também estão presentes prosas, como é o caso da obra de François Fénelon, uma espécie de tratado sobre política, tema que certamente apelava ao gosto do monarca, especialmente considerando-se que a obra discutia decisões de governantes e problemas nacionais. Há, ainda, a presença de excertos da única obra traduzida e publicada pelo imperador durante sua vida, a liturgia judaica *Poésies hebraico-provençales*, obra trilingue traduzida do provençal e do hebraico para o francês pelo imperador.

Ainda, é expressiva a presença, na amostra selecionada, de autores que já eram bastante populares à época ou que ainda viriam a ser, como é o caso de Sully Prudhomme, que ganharia o Nobel alguns anos após a morte do imperador, em 1901. A presença desses autores mostra uma inclinação pela literatura mais central, mais consagrada, embora a presença de uma liturgia judaica traduzida pelo monarca aponte também para um gosto pelo que era mais periférico à época, sendo o hebraico e o provençal, naquele período, duas línguas em vias de desaparecer do contexto linguístico cotidiano da França.

Destaca-se também a tradução feita por Stéphen Liégeard de um poema do monarca, momento em que o imperador se torna o autor traduzido, e não o tradutor. O poema, que trata da morte de seu filho, o príncipe D. Affonso, também é bastante emblemático da produção literária autoral do monarca, marcada por um tom melancólico e por suas tragédias e tristezas pessoais, como a morte de seus filhos homens, da imperatriz, sua partida para o exílio, entre outros. Suas escolhas tradutórias, pelo contrário, mostram uma inclinação de D. Pedro II pelo amor romântico, com a presença de poemas da escola parnasiana, por exemplo, o que confere um caráter ambíguo ao conjunto dos manuscritos, marcado pela melancolia, mas também pelo romance.

A análise empreendida no quinto capítulo consistiu em um suporte necessário para ilustrar e definir a francofilia de D. Pedro II, na medida em que se buscou uma compreensão global de sua subjetividade e experiência em relação à França, à língua francesa e à literatura francesa. De natureza primariamente sócio-histórica,

construída por uma rede de influências presentes em diversas esferas da vida do imperador, tanto na vida pública quanto na privada, a francofilia do monarca é marcada por uma miríade de influências recebidas e também projetadas pelo monarca, enquanto sujeito inserido em um espaço e tempo culturalmente definidos.

Os aspectos francófilos presentes na sociedade brasileira do século XIX e em sua vida pessoal foram responsáveis pela implantação e acentuação de um traço lapidar de sua personalidade, tema central da presente tese. O aprendizado do idioma, as viagens, os exercícios de tradução, a presença em sessões de grandes instituições literárias e científicas francesas, as leituras, a produção autoral traduzida para o francês, são todos elementos que definem e ilustram sua francofilia. Em outras palavras, atuação do imperador no âmbito cultural é balizada, entre outros, por uma forte afiliação a elementos francófilos distintos, tanto no âmbito coletivo quanto em relação à sua vida pessoal e biografia.

É através do aprendizado e utilização do idioma, da literatura, da escrita e da tradução que o monarca constrói e exercita voluntariamente sua francofilia. Embora a produção científica francesa também atraia seu interesse, os manuscritos literários dão a ver um fator inegável: a primazia da literatura no exercício de sua francofilia, um traço subjetivo modelado por questões sociais, políticas, históricas e culturais postas em marcha de forma independente de sua própria vontade. A valorização da tradição literária francesa e da posição de prestígio ocupada pela França é nítida, especialmente nos esforços do monarca para fazer promover o Brasil na França através da produção cultural brasileira, em busca de uma validação que pudesse alçar o Brasil ao panteão das grandes nações.

A francofilia de D. Pedro é, portanto, resultado de influências de natureza múltipla, primariamente ligadas a questões sócio-históricas, e um forte elo sentimental, cultural e também intelectual do monarca em relação ao idioma e à cultura francesas é responsável por orientar sua produção literária e tradutória, materializada em seus manuscritos e diários. Os manuscritos têm, portanto, o poder de evidenciar o papel da francofilia do monarca em sua visão de mundo, suas escolhas como tradutor, leitor e autor, e em seu convívio com intelectuais e literatos francófonos. Extremamente devotado a fazer crescer o Brasil, sua inclinação pela França representaria uma valiosa ferramenta em um projeto mais amplo de construção e disseminação de uma identidade cultural e científica brasileira.

Composta de elementos pertencentes ao passado, à experiência individual e ao coletivo, essa característica de D. Pedro II permite entrever um panorama de sua atuação singular como monarca, mecenas das artes, e como tradutor e poeta. Suas relações, intermediadas pela política, pela literatura e pela cultura, representam um elemento fundamental na elaboração de seus manuscritos ligados à língua francesa, visto que boa parte dos documentos que compõem o conjunto maior de itens catalogados tem relação com autores com quem o monarca se correspondeu e com quem travou uma relação pessoal, não necessariamente ligada à política. Porém, não se ignora a presença da política no histórico de alguns dos autores por cujas obras se interessou, como é o caso de Victor Hugo, do magistrado Rigaud e de François Fénelon.

A possibilidade de interlocução com os autores também é uma das principais marcas de sua francofilia, já que a troca de correspondência e a leitura de poemas é parte integrante de seus diários, indicando que seu processo criativo francófilo se realiza não de forma hermética, mas em relação a outros. A presença de homens é majoritária, mas também estão presentes as mulheres, em menor número, como é o caso de Hélène Vacaresco, Carmen Sylva (a rainha da Romênia) e a Condessa de Chambrun, mulheres cujos poemas o imperador traduziu e que compõem a lista de poemas presentes na antologia organizada por seus netos. O monarca também parece se interessar por escritores que sejam polímatas como ele próprio era. Mais que mero exercício linguístico, as traduções do monarca são portas para elementos que apontam para uma francofilia heterogênea, mas definida: historicamente construída, relacional, científica, literata e afetiva.

A investigação de sua francofilia vai no sentido de singularizar o monarca como indivíduo, indo além de sua já conhecida faceta de governante, procurando, através de seus manuscritos, uma experiência mais subjetiva de sua inclinação pela cultura europeia, mais especificamente, a francesa, em um deslocamento geográfico e cultural que alimenta uma alteridade cosmopolita do monarca. A percepção da França como centro literário mundial da época, como pedágio cultural pelo qual a produção cultural do Brasil poderia ganhar ou aumentar seu valor percebido no cenário mundial acaba por fazer com que o monarca, imbuído de um senso de dever para com a nação que governava, faça trabalhar sua francofilia em favor de seu país. Em outras palavras, a herança cultural francesa passa a ser parte integrante de sua subjetividade, e contribui para sua atuação no mundo.

No âmbito pessoal, indo além da questão de dever para com o Brasil, o imperador é abraçado pela França como a um filho adotivo, com características afins suficientes para tanto, mas também levando à para a França e aos escritores com quem interage elementos singulares relacionados à sua condição de governante do Brasil e de mecenas das artes e da cultura. O hibridismo do monarca, marcado, entre outros fatores, pelo espírito francês da época e sustentado pela posição que ocupava na sociedade, certamente facilitaram sua inserção e adaptação no sistema cultural francês. Contudo, é no exercício privado de seus estudos linguísticos, traduções, escritas autorais, registros íntimos e interações culturais e literárias que se observa a autenticidade dessa característica, um exercício livre e voluntário de recepção e difusão de uma cultura pela qual o imperador tinha simpatia e afeto, em uma manifestação de sua subjetividade híbrida, tanto patriota quanto cosmopolita, e, no caso aqui estudado, fortemente francófila.

Uma francofilia certamente influenciada e construída por uma presença massiva da língua, das tradições, da literatura e da cultura francesa no Brasil antes e durante o século XIX, francofilia que continuou a ser construída, de forma consciente e inconsciente pelo monarca através de seus estudos da língua francesa, de suas viagens, de suas atividades tradutórias e de escrita autoral, de todos os escritores e intelectuais francófonos com quem teve contato. Fala-se, aqui, de uma francofilia em contínua construção, que é alimentada pela conjuntura, e que orienta, por sua vez, suas práticas individuais com relação à língua.

A francofilia de D. Pedro II se origina no contexto, adentra o indivíduo como elemento formativo de sua subjetividade, de suas preferências e gostos, e que se manifesta, se materializa de diversas formas, da atividade tradutória, que pode ser vista como mero exercício linguístico, às suas interações com escritores francófonos, tão frequentemente mencionadas em seus diários. D. Pedro II é influenciado pela França, fala sobre a França e se dirige à França, revisitando suas tradições, língua(s) (incluo aqui o provençal e o hebraico) e cultura inúmeras vezes ao longo de sua vida. E é para França que o imperador se dirige no período do exílio, sendo o país de Victor Hugo, autor com quem o monarca também se correspondeu, seu lugar de falecimento.

Por fim, após caracterizar a francofilia do monarca em suas principais características e também em suas exceções, chego ao fim desta pesquisa com a certeza de que a análise aqui empreendida não pretendeu ser exaustiva e nem

colocar um ponto final em um tema tão complexo e multifatorial quanto a francofilia de D. Pedro II. Chego ao fim também munida da esperança de que estudos futuros sobre o tema sejam levados a cabo, em tentativas sempre mais ambiciosas de apreender a complexidade do tema, de forma cada mais aprofundada, ampliando a construção de conhecimento sobre o imperador D. Pedro II e o estudo de seus documentos manuscritos.

REFERÊNCIAS

- ACADÉMIE FRANÇAISE. **Armand PRUDHOMME, dit SULLY PRUDHOMME.** Académie Française: s.d. Disponível em < <http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/armand-prudhomme-dit-sully-prudhomme>> Acesso em 5 de novembro de 2017.
- ALCÂNTARA, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II**, 1887-1888. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999. n.p. Disponível em <<http://www.museuimperial.gov.br/arquivo-historico/4349-instrumentos-de-pesquisa.html>> Acesso em 15 de maio de 2016.
- _____. **Poésies hebraico-provençales du Rituel Israélite Comtadin.** Trad. Pedro de Alcantara. Avignon: Seguin Frères, 1891. 62p.
- ALONSO, Angela. Apropriação de ideias no 2o reinado. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial**, vol. III, 1870 - 1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ATIK, Maria Luiza Guarnieri. A presença da cultura francesa na vida intelectual brasileira nos fins do século XIX. **Travessia**. Florianópolis, n. 16, 17 e 18, p. 49-55, 1989. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17440/16024>> Acesso em 5 de outubro de 2017.
- BARMAN, Roderick J. Citizen Emperor: **Pedro II and the Making of Brazil**, 1825–1891. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOXUS, Dominique M. P. G. A França no século XIX: história, literatura e arte - uma contribuição para os estudos em literatura comparada no Brasil. **A Palo Seco**, Aracaju, ano 2, n. 2, p. 48-57, 2010.
- BRASIL. **Código Brasileiro**, ou Collecção das leis, alvarás, decretos, cartas regias, & c. desde 1808 até o fim de 1810. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1811.
- CALMON, Pedro. **História de Dom Pedro II.** t. 1. Rio de Janeiro – Brasília: José Olympio, 1975^a.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios.** São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II: ser ou não ser.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASANOVA, Pascale. **République Mondiale des Lettres**. 1999

CASANOVA, Pascale. Consecration and accumulation of literary capital: translation as an unequal exchange. In: BAKER, Mona. **Critical Readings in Translation Studies**. Abingdon: Routledge, 2008.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 25, n. 42. Pgs 539-555, jul-dez. 2009.

COSTA, Emília Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: **Revista de História**, São Paulo, nº 16 (1953), No 142 e 143, p.277-308, 2000.

COUDREAU, Henri Anatole. **Viagem ao Tapajós** – Brasil. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1940.

DESCOURTILZ, Jean Théodore. **Ornithologie Brésilienne**, ou Histoire des oiseaux du Brésil remarquables par leur plumage, leur chant ou leurs habitudes, 1854.

Disponível em

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or9693/or9693.html#page/3/mode/1up Acesso em 13 de março de 2022.

DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos. As relações Brasil-França na criação do Instituto Butantan. **Cadernos de História da Ciência** – Instituto Butantan. Vol. V (1), pgs. 107-127, jan-jul. 2010.

DIAS, Elaine. Correspondências entre Joachim Lebreton e a corte portuguesa na Europa - o nascimento da Missão Artística de 1816. **Anais do Museu Paulista**. N. Sér. v.14, n.2, pgs 301-313. Jul-dez 2006.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

FARIA, Maria Alice de Oliveira (1967). História - Monglave e o Instituto Histórico de Paris. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (2), 43-53.

Féminisme. **La Revue de Paris**. Paris: La Revue de Paris, 1924. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k17595r/f936.image.r=vacaresco> Acesso em 25 de outubro de 2021.

FÉNELON, François de Salignac de la Mothe. **Les aventures de Télémaque**. Paris: Hachette. Disponível em <https://www.gutenberg.org/files/30779/30779-h/30779-h.htm> Acesso em 30 de novembro de 2021.

FERRER, Daniel. A Crítica Genética do Século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. In: ZULAR, Roberto (Org). **Criação em Processo**. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 203-218.

FONTANELLA, Bruno José Barcelos; LUCHESI, Bruna Moretti; SAIDEL, Maria Giovana Borges; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro; MELO, Débora Gusmão. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 27(2), p. 389-394, fev. 2011.

FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1940.

FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do Cônego**. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda, s/d.

GARCIA, Elisa Frühauf. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 23-38, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 de janeiro de 2020.

GARCIA, Rodolfo. Dom Pedro II e a língua tupi. In: **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Museu Imperial, 1943.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n.11, p.7-18, Abr. 1991. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 de setembro de 2021.

HENNION, Constant. **Les fleurs félibresques**: poésies provençales et languedociennes modernes. Avignon: Roumanille, 1883. Disponível em <https://archive.org/stream/lesfleursfibre00henngoog#page/n7/mode/2up>. Acesso em: 18 de setembro de 2021.

HOWARD, Catherine. Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no norte amazônico. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HUNTINGTON, Samuel P. **El Choque de Civilizaciones**. Buenos Aires: Paidós, 2001. 357 p.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajectoria política do Brasil**: 1500-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **História Geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Monárquico, tomo II, vol. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IORDAN, Constantin. Hélène Vacaresco à la Société des Nations: autour d'une correspondance privée des années 1926-1927. In: **Studia Politica** – Romanian Political Science Review, n. 10, v. 2, 2010, p. 287-309.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Editora Abril, 1980.

LUZ, Angela Ancora. A missão artística francesa – novos rumos para a arte no Brasil. **Revista DaCultura**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 16-22, dez. 2004.

LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II** – 3 vols. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

MAFRA, Adriano. **O processo criativo de D. Pedro II na tradução do Hitopadeça**. 2015. 449f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

MAZZOLA, Luíza Salgado. **A francofilia de Dom Pedro II em um dossiê genético**. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo; OLIVEIRA, Kate Constantino. A institucionalização do ensino de francês no Brasil (1808 - 1837). **Revista HELB**. Brasília, ano 8, n. 8, n.p., 2014.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **A legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira (1757-1827)**. Maceió: EDUFAL, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial**, vol. III, 1870 - 1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial**, vol. III, 1870 - 1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PÉREZ, Ariel; de VRIES, Garmt; MARGOT, Jean-Michel. **Jules Verne FAQ**. In: Jules Verne Collection. Disponível em <<http://jv.gilead.org.il/FAQ/#C4>> Acesso em 18 de novembro de 2021.

PIETRI, Arturo Uslar. **Insurgés et visionnaires d'Amérique latine**. Paris: Criterion, 1995.

PIRES, João Ricardo Ferreira. **Notas de um Diário de Viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)**. 2007. 213f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PORTUGAL. **Collecção da Legislação Portuguesa desde a ultima compilação das ordenações oferecida a El Rei Nosso Senhor pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva. Legislação de 1750 a 1762**. Lisboa: na Typ. de L. C. da Cunha, 1830.

POUGIN, Arthur. "Semaine Théâtrale". **Le Ménestrel**, Paris, 6 abr. 1912. Musique et Théâtres. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5614643s/f2.item> Acesso em 13 de março de 2021.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 434-444, Dec. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 16 de setembro de 2020.

RICUPERO, Bernardo. A República e a Descoberta da América: Nova Forma de Governo e Mudança Identitária no Brasil da Década de 1890. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 213-253, Mar. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582018000100213&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 de março de 2021.

SALLES, Ricardo. As águas do Niágara. 1871: crise da escravidão e o ocaso saquarema. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial**, vol. III, 1870 - 1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SANTOS, Nadja Paraense dos. **Pedro II, sábio e mecenas**, e sua relação com a química. Revista da SBHC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 54-64, jan./ jun. 2004

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194> Acesso em 8 de outubro de 2020.

ZANELATTO, João Henrique; JUNG, Gilvani Mazzuco; OZÓRIO, Rafael Miranda. Índios e brancos no processo colonizador do sul catarinense na obra "Histórias do Grande Araranguá", de João Leonir Dall'Alba. **Rev. hist. comp.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 174-202, 2015.

